



Universidade de Aveiro
2013

Departamento de Comunicação
e Arte

**Pedro
Fragoso Lopes**

Co-Design com jovens de Sever do Vouga para um sentido de pertença

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre de Design, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Teresa Franqueira, e sob a co-orientação do Mestre Gonçalo Gomes, Assistente Convidado do Departamento de Comunicação e Arte da Universidade de Aveiro.

Dedico este texto ao meu Pai, pelo apoio incondicional dado durante o meu percurso escolar, e por conseguir estar sempre tão perto, quando está tão longe.

o júri

Presidente	Mestre Paulo Alexandre Lomelino de Freitas Tomé Rosado Bago de Uv a professor auxiliar convidado da Universidade de Aveiro
Arguente Principal	Professor Doutor Luís Nuno Coelho Dias professor auxiliar da Universidade de Aveiro
Orientadora	Professora Doutora Teresa Cláudia Magalhães Franqueira Baptista professora auxiliar da Universidade de Aveiro

agradecimentos Pai, finalmente! Obrigado por tudo!

Agradeço à minha orientadora, Professora Teresa Franqueira, pelo excelente acompanhamento que me deu, ao longo do meu percurso nesta academia, nomeadamente nos últimos dois anos.

Agradeço ao meu co-orientador, Professor Gonçalo Gomes, por todo o apoio dado a este projeto.

Agradeço à Fundação Mão Amiga, nas pessoas da Joana Seca, pela disponibilidade que sempre demonstrou, e da Dona Edite, presidente da Fundação.

Agradeço imensamente à Professora Darlene Oliveira, docente no Agrupamento de Escolas de Sever, pelo incansável apoio a este projeto, pois sem ela, não teria acontecido.

Agradeço a todos os jovens Severenses que participaram de alguma forma nesta ideia, com especial destaque para os alunos das turmas do 10º E e do 12ª D, ao Luis Freitas e à Jessica Carvalheira.

À Marta Bastos, que sempre se mostrou interessada no projeto, e me acompanhou em todas as fases, ajudando-me a levar este projeto a bom porto. Obrigado ao Jorge Lopes, pelo esforço e interesse, mesmo fora do tempo de aulas. Ao Sr. João Paulo da Biblioteca Municipal de Sever do Vouga, pela ajuda e interesse.

Obrigado ao Diogo Craveiro, por se ter disponibilizado em ajudar-me nesta ideia, com os seus conhecimentos excelentes de som.

Agradeço ao Paulo Fritz, pelas discussões sempre produtivas, e que contribuíram em muito para o desenvolvimento desta ideia.

Ao “Quarteto Fantástico”, obrigado! Aos amigos, obrigado! Aos professores deste Mestrado, obrigado! Ao meu tio Paulo, à minha tia Mamia, e à Beta! À minha mãe! Obrigado!

Last, but not least - ao Mário Tavares, por esta “aventura” que agora culmina com este texto. Embora projetos diferentes, foi importante esta “parceria”, pois fizemos o que pudemos para tornar os projetos um do outro melhores.

palavras-chave Co-Design, Sever do Vouga, Pertença, Comunicação

resumo Maneiras de Sever (MdS) é um projeto de Design Estratégico em Sever do Vouga, que visa promover a valorização do património junto da sua população jovem.

Objetivou-se envolver todos os interessados no seu território através de fotografia, som e video, criando novas formas de interpretar, e que serão posteriormente expostas em locais de interesse cultural no concelho, divulgando-o interna e externamente.

keywords Co-Design, Sever do Vouga, Sense of Belonging, Communication

abstract Maneiras de Sever (MdS) is a Strategic Design project in Sever do Vouga, which aims to promote a sense of belonging in its young population.

It intends to engage anyone interested in their own land through photography, sound and video, creating new ways of seeing and interpreting, which will be subsequently exhibited in places of cultural significance in that municipality, promoting it within and without.

Índice

Resumo Abstract	9
0 - Introdução	15
I - Contextualização Territorial	18
1 - Sever do Vouga	21
2 - Fundação de Edite Costa Matos – Mão Amiga	25
3 - Problemas colocados pela Fundação	26
4 - Pesquisa	27
4.1 - Pesquisa Bibliográfica	28
4.2 - Pesquisa Etnográfica	32
4.2.1- Visita ao território e sua análise	32
4.2.2- Entrevistas	40
5 - Clarificação do Problema	44
5.1 - Conclusão da Pesquisa	44
5.2 - Relação com o Design	45
II - Teoria	46
1 - A evolução do Design e do consumidor de Design	48
1.1 - Evolução Histórica do Design	49
1.1.1 - 1ª e 2ª Ordem do Pensamento em Design inventar e julgar	50
1.1.2 - 3ª Ordem do Pensamento em Design decidir	50
1.1.3 - 4ª Ordem do Pensamento em Design avaliar	51
1.2 - Os níveis de criatividade	53
1.3 - Evolução das necessidades das Pessoas	55
1.4 - Design em função da Criatividade	56
1.5 - Ferramentas Generativas para a Co-criação	58
2 - <i>Photo Elicitation</i>	60
2.1- Origem e Desenvolvimento do <i>Photo Elicitation</i>	63
2.2 - Casos de Estudo de <i>Photo Elicitation</i>	66
2.2.1 - <i>Participatory video at John Kelly Girls' Technology Colege</i>	67

2.2.2 - <i>Fear of Crime</i>	68
2.2.3 - Alan Latham	69
3 - Como funciona o <i>Photo Elicitation</i> - Os passos	70
III - Prática	74
1 - Programa de implementação	76
1.1 - Alunos	77
1.2 - Severenses	81
1.3 - “Não Severenses”	83
2 - Aplicação do Projeto	84
2.1 - Primeira abordagem com os alunos	86
2.2 - Workshops	90
2.2.1 - Funcionamento e Implementação	90
2.2.2 - Workshop de Fotografia	93
2.2.3 - Workshop de Som	95
2.3 - Segunda abordagem com os alunos	97
3 - Exposição	102
3.1 - O Espaço	103
3.2 - A Divulgação	105
3.3 - O Evento	107
4 - Armazenamento de Dados	114
5 - Marca “Maneiras de Sever”	115
6 - Merchandising	118
IV – Conclusão	120
1 - Resultado dos inquéritos	122
2 - Resultados Esperados	125
2.1 - Alunos	125
2.2 - Severenses	126
2.3 - “Não Severenses”	127

2.4 - Projeto	127
2.5 - Autor	128
3 - Considerações por parte dos intervenientes	129
3.1 - Fundação Mão Amiga	129
3.2 - Alunos	130
3.3 - Professora responsável pelo projeto na Escola	132
4 - Desenvolvimentos Futuros	134
4.1 - Escola	134
4.2 - Câmara Municipal de Sever do Vouga	135
4.3 - Autor	135
4.4 - Projeto	136
5 - Limitações e Aspetos Negativos	136
6 - Resumo Conclusivo	138
V - Bibliografia	140
Bibliografia	140
Webgrafia	144

Anexos

Anexo 1

- Mind Map com a informação encontrada durante a pesquisa etnográfica e bibliográfica

Anexo 2

- Cronologia da realização prevista do projeto

Anexo 3

- Manual de Fotografia

Anexo 4

- Guiões de Trabalho, utilizados na segunda abordagem aos alunos

Anexo 5

- Fotografias finais, apresentadas na exposição, e as memórias descritivas de todos os trabalhos expostos, realizados pelos alunos

Anexo 6

- Manual de Normas da Marca “Maneiras de Sever”

Anexo 7

- Inquéritos e Resultados

Anexo 8

- Textos dos Alunos

0 - INTRODUÇÃO

Na sequência de uma parceria entre a Universidade de Aveiro e a Fundação de Edite Costa Matos – Mão Amiga, de Sever do Vouga, surgiu a proposta do Design contribuir para o desenvolvimento do Concelho, respondendo a alguns problemas colocados pela Fundação, fruto da perceção que esta tem, dada a sua estreita interação com a sociedade severense.

Desconhecendo o território e os problemas ali existentes, realizou-se inicialmente uma pesquisa bibliográfica, na qual a informação disponível referia características do território, na sua maioria positivas, existindo também disponível a informação populacional (através dos CENSUS 1981,1991,2001 e 2011) . Foram também consultados alguns livros que relatam a história do Concelho de Sever do Vouga, sendo um dos autores (Fernando Ramos), um habitante Severense e com o qual se realizou uma entrevista.

Para este trabalho foi também feita uma pesquisa etnográfica, na qual se falou com pessoas dos vários lugares do Concelho, bem como se registou fotograficamente os locais de interesse turístico e pontos tidos como de maior interesse em cada freguesia, segundo as informações recolhidas na pesquisa bibliográfica e obtidas em entrevistas ocasionais previamente elaboradas.

Para além desta pesquisa no terreno, foram feitos levantamentos de informação quantitativa e classificada seguindo critérios de natureza económica, cujos resultados contribuíram para a idealização de um projeto de Design que pudesse ser implementado no território em estudo, tendo em vista as preocupações que a Fundação de Edite Costa Matos – Mão Amiga expressou.

Após o estudo de âmbito etnográfico realizou-se o trabalho de Investigação/Ação.

Desta pesquisa retiraram-se dois elementos importantes para o desenvolvimento do projeto desta dissertação: a evidência de que a população de Sever do Vouga está a diminuir - em apenas vinte anos, verificou-se uma redução de 1470 habitantes (CENSUS, 1991, 2001, 2011); e a desvalorização cultural registada pela fraca afluência e audiência nos eventos culturais realizados localmente (informação recolhida através de múltiplas entrevistas aos habitantes do concelho). Associado à necessidade de valorização cultural e ao problema da baixa fixação dos jovens no concelho, criou-se um ponto de partida para um projeto social. Desta forma, a sua inclusão numa dissertação académica que englobe além destas duas problemáticas a sua relação com o Design, através da sensibilização para o conhecimento do valor da singularidade do concelho, com posterior repercussão na população Severense.

O objetivo principal deste projeto é a fixação dos jovens associando-os à cultura local. Assim, serão apresentadas metodologias e as suas aplicações, visando a tentativa de resolver estes problemas sociais. Com o objetivo de criar interesse pela cultura Severense, desde a gastronomia ao estudo do património megalítico, passando pela contemplação da influência sazonal até à valorização do artesanato local, cria-se as condições necessárias para que estes jovens possam permanecer ou voltar ao concelho. Seria desejável que aqueles que voltarão após a escolaridade obrigatória, com novas informações e novas atitudes, demonstrem que aquele local detém valores culturais, paisagísticos e humanos, não sendo apenas reconhecido como um ótimo produtor de mirtílo.

O ideal seria que todos os Severenses que quisessem ter acesso à informação, pudessem fazê-lo através do seu envolvimento no projeto, se contactados pelos alunos, bem como através da visita de uma mostra no final de cada ano letivo.

Perante o contexto verificado *in locu*, o método de trabalho que pareceu mais adequado foi o método do *Photo-Elicitation* (Rose, 2007) que consiste em perceber a visão dum público alvo através da atribuição de ferramentas de resposta.

Pensado por Collier (1957), em meados dos anos 50 do século passado, o método consiste em disponibilizar máquinas fotográficas a um determinado grupo de pessoas que integram o objeto de estudo em causa, de modo a mostrarem a sua realidade e os problemas que enfrentam no quotidiano, lúdica e voluntariamente, originando informação útil para o investigador adaptar a sua estratégia em função dos resultados obtidos.

O *Photo-Elicitation* é assim adaptado ao universo de Sever do Vouga, dando aos jovens as ferramentas de resposta necessárias, através de workshops, manuais e aulas de orientação dos projetos, de modo a que estes possam representar Sever do Vouga tal como o vêem. Estas sensibilidades hão-de interagir com o público Severense, principalmente, através da exposição pública, no intuito de perceber se existiu alteração da perceção da realidade do concelho, antes e depois da intervenção. A informação gerada por estes alunos estará disponível para qualquer cidadão interessado, tornando este projeto uma montra Severense a nível global, fazendo chegar informação a quem quiser conhecer um pouco mais sobre este concelho e sobre o projeto em causa, dando a possibilidade de troca de informação entre outros projetos similares e este.

Resulta assim, uma intervenção social com base num projeto de Design, onde a colaboração e cooperação com professores, instituições, e principalmente alunos, que são o elo forte da sua concretização, objetivando-se promover um concelho com condições culturais, mas que é subvalorizado por quem nele vive.





I - CONTEXTUALIZAÇÃO TERRITORIAL



**Foto 2**

Parque da Cabreia

1 – SEVER DO VOUGA

Quando se entra no concelho de Sever do Vouga, por uma qualquer via de comunicação terrestre, é-se deparado com paisagens verdes que descem as encostas das Serras do Arestal (a norte) e de Talhadas (a sul), que se encontram sensivelmente a meio, formando o leito do rio que dá nome ao Concelho. Dizem as lendas, que o nome de Sever surge nos inícios do Século VI, quando visigodos e suevos se debateram em luta naquele território, que após vitória visigoda, um notável guerreiro se estabeleceu ali - O Conde de Sevéri. Na verdade, sabe-se que o nome deriva de um fundador chamado Severo, mas não se conhece realmente quem foi e de onde veio.

As primeiras marcas humanas remontam aos finais do IV^o milénio a.C., aquando da transição do período Neolítico para a Idade dos Metais, nos fins da Pré-História. Resultado de trabalhos arqueológicos desde o início do séc. XX, foram descobertos monumentos megalíticos, denominados por antas ou dólmenes, que representam a sedentarização dos povos e o consequente aparecimento da agricultura, naquele local. Para além destes monumentos, foram também descobertas marcas rupestres - fruto das manifestações artísticas da época; micrólitos utilizados nas práticas agrícolas, entre outros objetos, estando todo este património documentado no IHRU¹ e IGESPAR².

A presença dos Romanos neste concelho é também verificada pelos vestígios ainda visíveis da via romana da Ereira (situada na freguesia de Talhadas), assim como se pensa que este império terá ali explorado o chumbo, onde séculos mais tarde se viria a reconstruir as minas do Braçal e da Malhada - durante as obras nestas minas, quer no séc. XIX, quer no séc. XX, foram encontrados alguns artefatos que comprovam a exploração romana naquele local.

¹ - Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana

² - Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico

**Foto 1**

Agricultor de Arcas

Após a queda do império romano, e com o início da idade média, iniciou-se a estruturação do território ibérico, que após as batalhas entre os povos visigodos, suevos, romanos, bizantinos, árabes e cristãos por último, que conquistaram aquele que viria a ser o Condado Portucalense. Acabou por resultar numa divisão territorial, ficando Sever do Vouga inserido no território de Mem Guterres, cedido por Afonso III de Castela, ou Conde Portucalense. Dizem também que um dos frutos da família deste Nobre Guterres, D. Ermigio Moniz de Figueiredo lutou ao lado de D. Afonso Henriques durante as suas conquistas portucalenses, havendo mesmo referências que o primeiro Rei de Portugal tinha origens Severenses (como mostra a imagem).

Quase quatro séculos depois, a Carta de Foral de Sever do Vouga foi atribuída por D. Manuel I. a 29 de abril de 1514 que este concelho foi premiado com o símbolo do poder municipal, fruto de uma dinamização que se vinha a verificar até então.

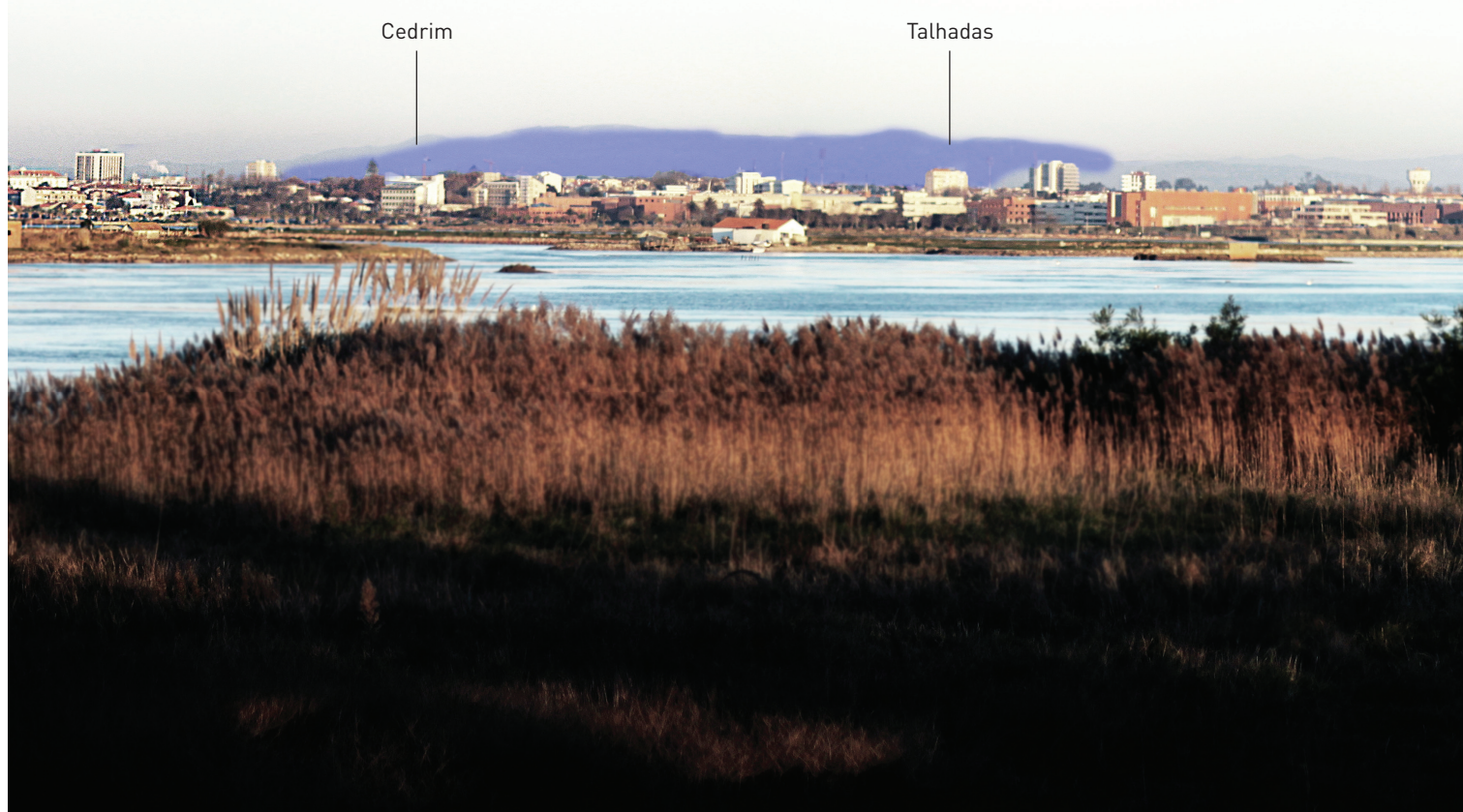


Desde então Sever do Vouga evolui enquanto concelho, apostando inicialmente na agricultura - tradição desde a pré-história - e posteriormente investindo na indústria com a construção da linha do “vouguinha” - terminada em 1913; e com a recuperação das minas do Braçal e da Malhada, em 1889 e 1943, sendo que atualmente, é a indústria do metal que domina os serviços neste concelho, tendo atingido ou mesmo ultrapassado o número de operários comparativamente à agricultura - que com a introdução da produção de mirtilo (1995) tem ganho investidores nesta área. A cultura evoluiu neste concelho, com as entidades promotoras como as filarmónicas e ranchos, que vieram a ser criados desde os meados do séc. XIX - as filarmónicas ainda em atividade surgem na segunda metade do séc. XIX (Ramos, 1998).

Também o desporto ganhou vida em Sever no princípio da segunda metade de século vinte, com a aparição de clubes amadores, fomentados pelas rivalidades entre as freguesias, nomeadamente Sever e Pessegueiro, mas só em 1977, se formou o primeiro clube profissional, com a fundação do Juventude Académica Pessegueirense (Tavares, 1989).



Figura 1
Concelho de Sever do Vouga, identificado a cor, com Aveiro em primeiro plano



Sever do Vouga até 1995 era regido pelo lema “Sever verde e água”, que promovia a paisagem e a atividade ao ar livre, incentivando a disfruta das belas paisagens criadas pelos montes e vales do concelho. Depois, com a introdução do mirtilo, Sever tem ganho destaque pela promoção e produção que realiza, tendo sido aclamada de “Capital do Mirtilo” em 2011.

Hoje em dia, Sever do Vouga é um dos 19 concelhos do Distrito de Aveiro e situa-se na fronteira com o Distrito de Viseu, ocupando uma área de 128,95km² distribuídos por 7 freguesias (de acordo com o novo mapa administrativo - 2013), mas mais que os seus limites territoriais, e toda a sua história acima relatada, importa referir o valor pessoal deste concelho. As suas gentes são dotadas de simpatia, entreaajuda e trabalhadoras, e distinguem-se maioritariamente pelo o sotaque “serrano”, que lhes imprime a introdução de um “i” entre um “e” e um “n” (como no sufixo “mente”, dito em Sever como “meín-te”). São as pessoas de Sever que tornam este local tão acolhedor, complementando a envolvência verdejante e fresca fornecida pelas serras e rios que se incluem neste concelho, que brindam e acolhem cada ser humano que o visita.



2 - DESCRIÇÃO DA FUNDAÇÃO DE EDITE COSTA MATOS - MÃO AMIGA

A Fundação de Edite Costa Matos - Mão Amiga, IPSS de utilidade pública com sede em Vila Fria – Sever do Vouga, nasce em 2009 pelas mãos dos seus fundadores: Edite Costa Matos, seu marido e filhos.

O conhecimento *in locu* das necessidades e lacunas existentes no concelho de Sever do Vouga aliado ao conhecimento da sua Presidente, adquirido pelos anos de trabalho, enquanto Assistente Social, foram o mote principal para se iniciar este projeto de trabalho para o bem do próximo.

Com base nos aspetos apresentados, a Fundação Mão Amiga desenvolve a sua atuação em várias áreas, a saber: Educação, Saúde, Habitação e Comunidades, como forma de poder autonomizar ao máximo todos os indivíduos/famílias que à Fundação recorrem.

Para reforçar o desenvolvimento de cada uma das ações que a Fundação desenvolve, são criadas parcerias com entidades de todas as áreas, que tenham a mesma vontade, motivação e objetivos, potenciando resultados e estratégias de intervenção.

No sentido de criar sinergias, desde 2011 a Fundação Mão Amiga mantém um protocolo de cooperação com a Universidade de Aveiro (UA), sendo permanente a troca de ideias, partilha de projetos e desenvolvendo atividades, sempre com o intuito máximo de chegar mais próximo daqueles que mais precisam, aliando esforços técnicos e financeiros para tal.

Assim, e com o conhecimento das lacunas existentes em Sever do Vouga, validadas pelos resultados dos Censos previamente referidos, surge a oportunidade da Fundação Mão Amiga definir objetivos de ação e, juntamente com a UA, desenvolver projetos que, de forma inovadora, não invasiva e autosuficiente possam dar respostas.

<
Foto 3
Mirtilos de Sever



<
Figura 2
Logotipo da Fundação
Mão Amiga

3 - PROBLEMAS COLOCADOS PELA FUNDAÇÃO

A existência desta Fundação e a sua atividade junto da população Severense permitem-lhe ter uma noção da realidade deste concelho.

As principais questões da Fundação centravam-se principalmente em “como fixar as pessoas em Sever” e o que se poderia fazer para “motivar os jovens e cuidar dos idosos”, ao mesmo tempo que se promovia o concelho de modo a trazer novos habitantes e visitantes.

A preocupante falta de fixação dos jovens no concelho, o crescente isolamento da população cada vez mais idosa, a fraca rede de transportes em Sever do Vouga e a pouca afluência à cultura no concelho, foram o mote principal para dar início a este processo de investigação, e consequentemente a este projeto em Design.



Foto 4

Expressão artística urbana, junto à Biblioteca Municipal de Sever, “pedindo” por meios de transporte públicos

4 - PESQUISA

Os primeiros passos deste projeto foram dados a par com outro aluno do mesmo mestrado, Mário Tavares, cuja dissertação assenta sobre a mesma problemática identificada pela Fundação requerente.

Partindo da necessidade de confirmação dos problemas que a Fundação identificou, mesmo tendo em conta a sua experiência, foi fundamental obter dados que fundamentassem tais realidades, e daí se ter avançado para um processo de pesquisa que viria a concluir e confirmar que não só existem os problemas que a Fundação encontrou, mas também outros que poderiam vir a ser resolvidos através de uma intervenção de Design.

Para isso, a fase de pesquisa sobre Sever do Vouga, passou por dois pontos essenciais:

Pesquisa Bibliográfica

- Impressa e eletrónica

Pesquisa Etnográfica

- Visita a Sever
- Entrevistas com pessoas com intervenção relevante no concelho

4.1 - Pesquisa Bibliográfica

O processo de investigação começou com uma pesquisa bibliográfica eletrónica, onde se viria a encontrar alguma informação referente a Sever do Vouga, e posteriormente na Biblioteca da Universidade de Aveiro.

A informação recolhida na internet foi transformada em imagens, que viriam a ser organizadas num mapa mental físico de modo a perceber que informação era transmitida sobre e para fora de Sever do Vouga. Esta primeira abordagem a Sever, permitiu detetar uma auto-identificação local, através da frequência com que algumas palavras surgiam. Temos portanto, palavras chave sobre o concelho:

Paisagem - Agricultura - Gastronomia - Turismo

Estes termos relacionam-se com um tema central: o Mirtilo.

A introdução desta cultura no concelho deu-se em 1995. Fruto de um estudo que técnicos holandeses efetuaram, no qual verificaram, e posteriormente certificaram, que este concelho possui excecionais condições edafo-climáticas para a instalação da cultura do mirtilo, de tal modo que foi concedido a Sever do Vouga o título de “Capital do Mirtilo” em 2011, o que projetou este concelho a nível internacional como produtor de mirtilo. Hoje está implementado um festival dedicado a este fruto, trazendo cerca de 50mil visitantes por edição¹ a este concelho, originando novas relações económicas.

O desporto é também referido muitas vezes, devido às características topográficas da zona, da presença do Rio Vouga e seus afluentes, e toda a envolvência ambiental, que proporciona condições ideais para a prática de desportos radicais.

¹ - dados fornecidos pela AGIM, entidade organizadora da “Feira do Mirtilo”





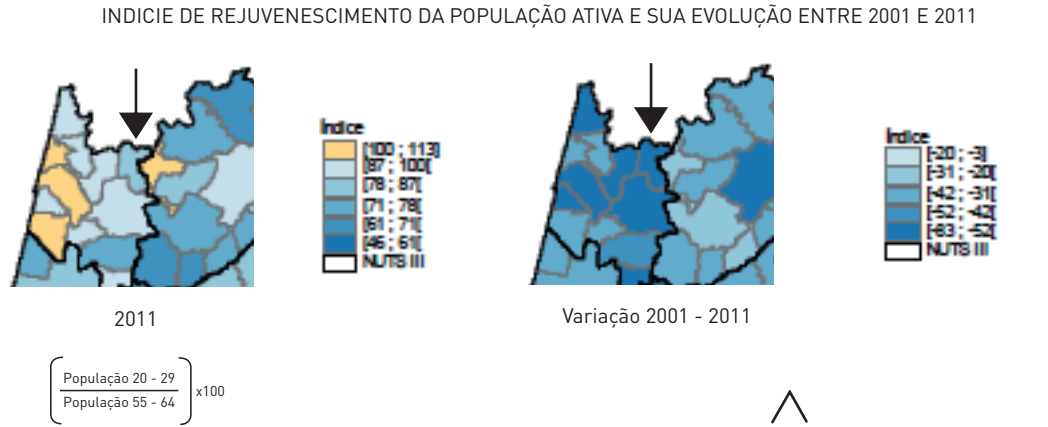
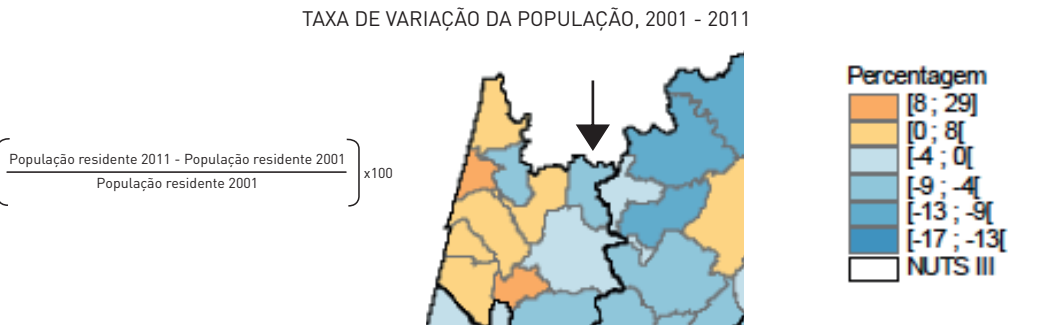
7
Figura 3
 Montagem, com imagens,
 do Mapa Mental realizado



Durante este processo, recolheu-se também informações demográficas, através dos últimos 4 CENSUS (1981, 1991, 2001, 2011), que permitem verificar um decréscimo populacional nos dois últimos exercícios de estatística. A população de Sever do Vouga perdeu cerca de 1500 habitantes nas ultimas duas décadas (13826 habitantes nos CENSUS 1991 vs 12356 habitantes nos últimos CENSUS 2011), podendo este decréscimo populacional estar relacionado com o reduzir do número de jovens residentes no território de Sever do Vouga, problema inicialmente colocado pela Fundação Mão Amiga.

POPULAÇÃO RESIDENTE EM 2001 E 2011, SEGUNDO OS GRUPOS ETÁRIOS E SUA EVOLUÇÃO ENTRE 2001 E 2011

ZONA GEOGRÁFICA	População residente-Varição entre 2001 e 2011 (%)				
	Varição Total	Grupos etários			
		0 - 14	15 - 24	25 - 64	65 ou mais
1 Sever do Vouga	14 -6,29	15 -20,47	16 -31,34	17 -2,68	18 15,18



Os dados demográficos estão em declínio desde 1991, mesmo após a introdução de um novo cluster económico.

Gráfico
Gráfico ilustrativo da evolução demográfica registada nos últimos 4 CENSUS

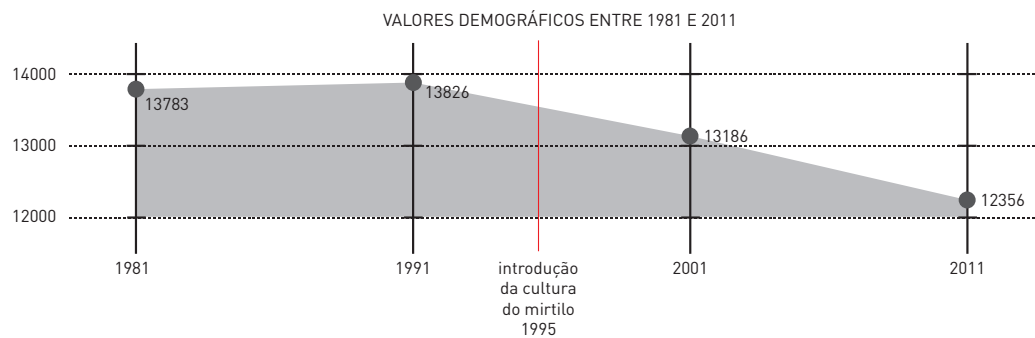
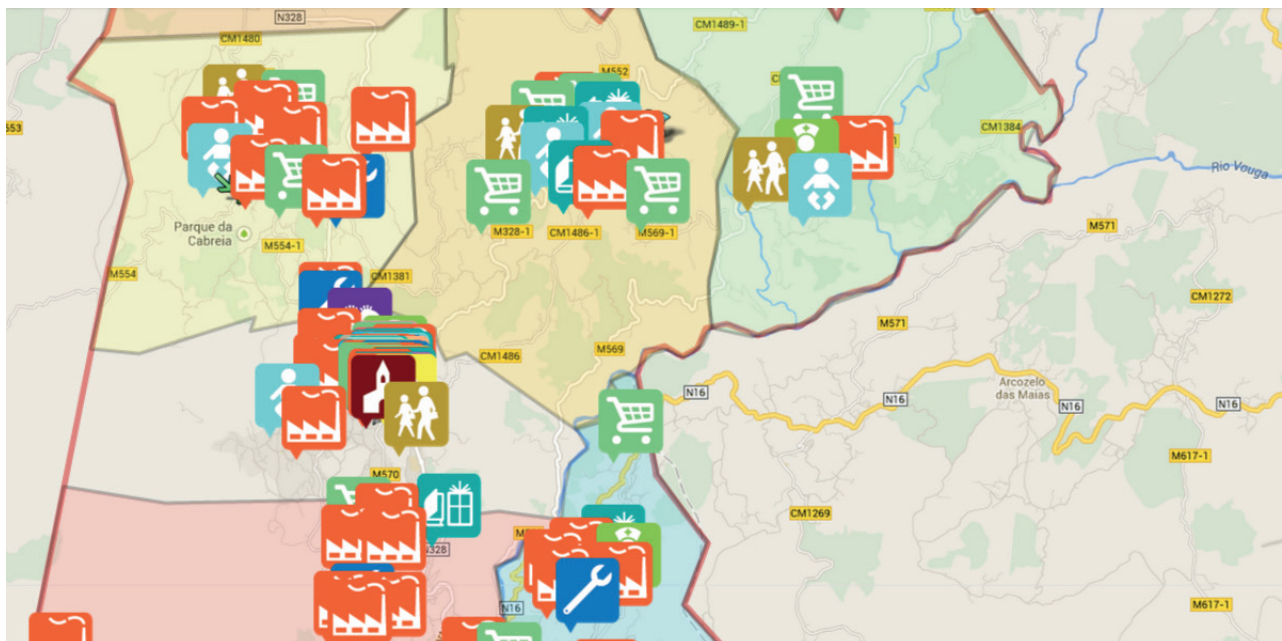


Figura 4
Imagem do mapa digital criado com a ferramenta Google Maps

Para além do mapa mental realizado com recurso a papel de cenário e figuras devidamente distribuídos por áreas, toda a informação encontrada foi colocada num mapa virtual, através do Google Maps, onde os pontos encontrados, foram colocados geograficamente nesse mapa, de modo a poder orientar a pesquisa etnográfica que se viria a realizar, pois a informação recolhida não era ainda suficiente para orientar um projeto de Design no território de Sever do Vouga.



4.2 - Pesquisa Etnográfica

Após a pesquisa bibliográfica, iniciou-se uma pesquisa etnográfica intensiva por terras de Sever, a fim de observar as paisagens existentes, comunicar com as pessoas locais, e fotografar os locais de interesse turístico e serviços ali existentes.

4.2.1 - Visita ao território e sua análise

Visitou-se os lugares deste concelho, e em cada lugar tentou-se sempre ter alguém que pudesse dar o seu ponto de vista sobre “o que está bem e o que está mal em Sever do Vouga”. A perguntas colocadas procuravam saber qual a relação de cada local com a produção agrícola e industrial, bem como alguns desabafos por parte dos transeuntes. Identificaram-se alguns problemas, desde a existência de animais selvagens na Serra do Arestal, nomeadamente de javalis, que levam à destruição de plantações, ao fecho das cooperativas de leite, em grande parte devido aos subsídios da UE para diminuir a produção de leite, ao acentuado relevo topográfico que não permite a criação de um polo industrial grande (em vez de vários polos pequenos) - sendo até sugerido que “devia cair ali um meteorito para ver se ficava tudo plano” - frase dita por um cidadão em Pessegueiro do Vouga quando questionado sobre “o que deveria ser feito em Sever do Vouga?”.



ETNOGRAFIA - “é a prática de coleta de dados por meio de observações, entrevistas e questionários. O objetivo da pesquisa etnográfica é explorar em primeira mão a forma como as pessoas interagem com objetos ou espaços” (Liu, 2011).

Quando as perguntas atendiam ao que de bom existia naquele concelho, as respostas aproximavam-se, e a produção de Mirtilo, as paisagens, o Rio Vouga, a gastronomia e o turismo eram de novo os pontos fortes identificados, complementando a informação obtida na primeira pesquisa bibliográfica.

Foi interessante perceber que a disponibilidade das pessoas para atender dois jovens universitários era diferente de freguesia para freguesia, pois as pessoas que eram das periferias do concelho pareciam muito mais abertas e comunicativas, do que as pessoas que foram entrevistadas mais próximas do centro do concelho.

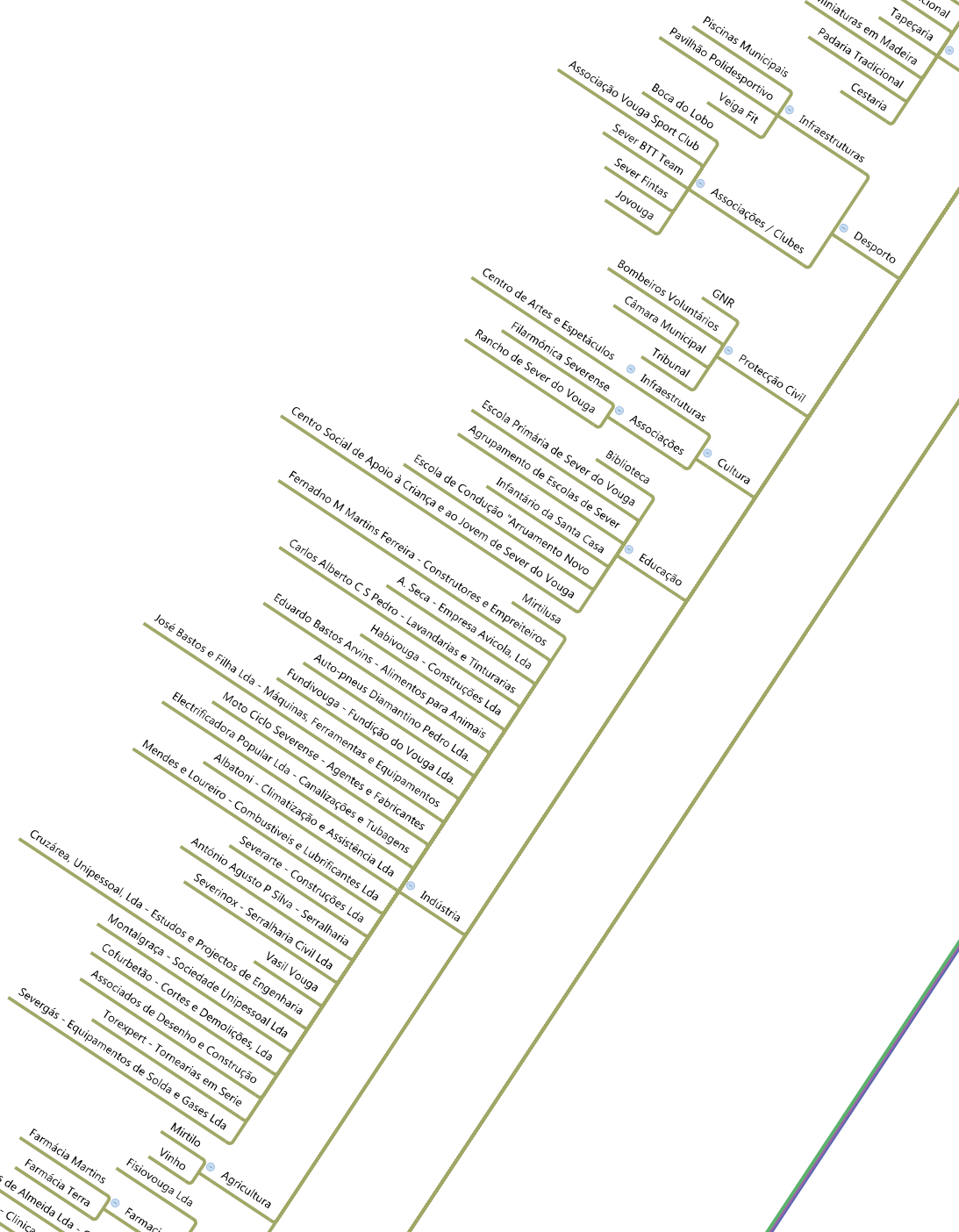
Procedeu-se a um registo fotográfico, dos entrevistados, dos serviços e indústrias existentes em cada local, visando adicionar informação ao mapa virtual referido no ponto acima. Toda esta informação foi tratada resultando numa árvore de informação sobre Sever do Vouga, apresentada na próxima página.

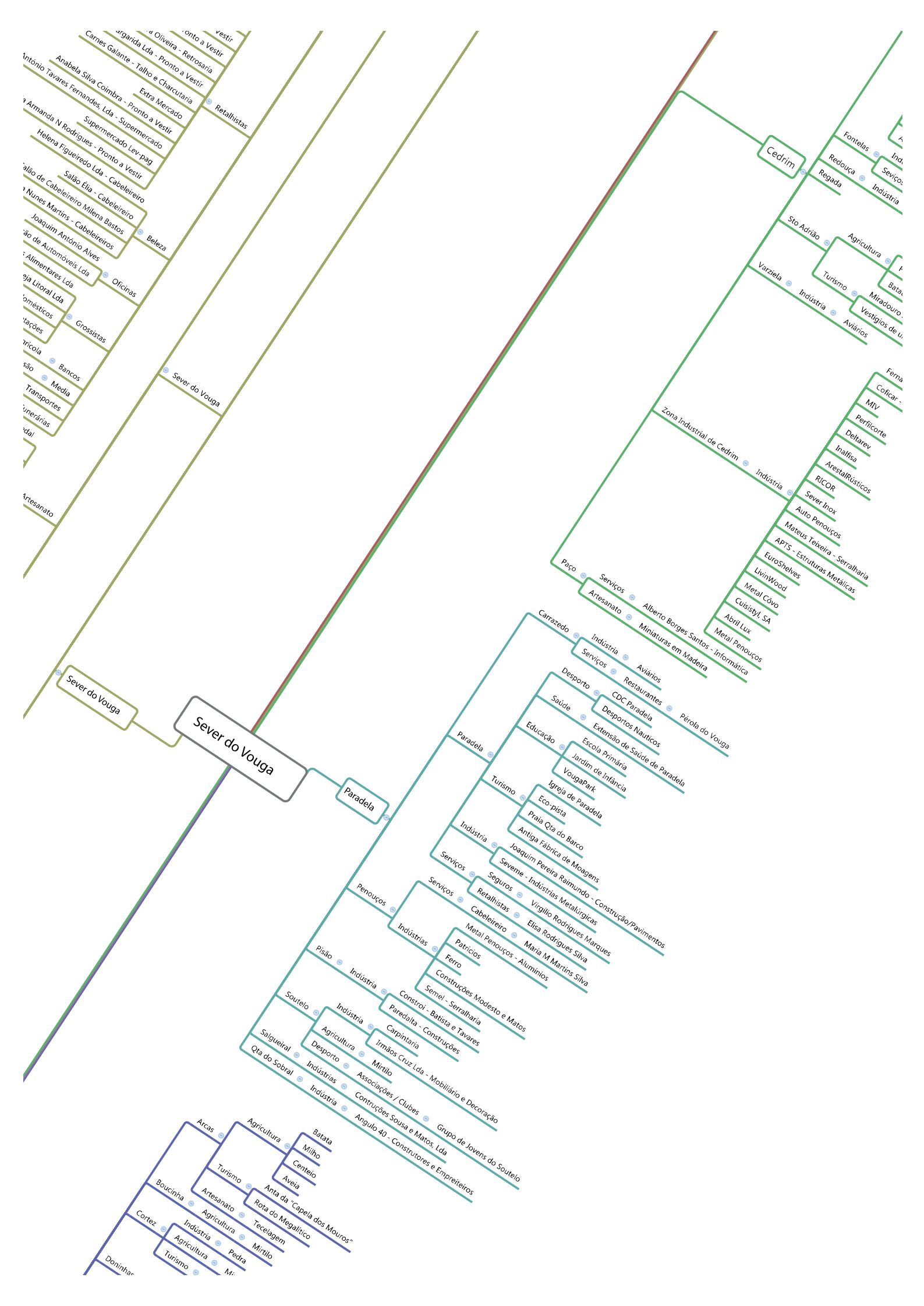
**Fotos 13 -17**

Algumas das
pessoas abordadas
durante a pesquisa
etnográfica

Pinho e Martins - Comercio e Reparaç
Mabil
Avigold - Produto
Deciltron - Distribuidora de Cen
Pinho, Tavares e Filhos Lda - Electro
Sielpo - Comercio e Represei
CA Crédito A
Radio Soberania, Empresa de Radiodif
Taxista Mário Pereira
Agência Funerária Décio Lda
Artigos de Cab
Casa do Artesão
Doçaria Tradicional
Tapeçaria
Miniaturas em Madeira
Padaria Tradicional
Cestaria

Figura 5





Serviços e Indústria

Dentro destas áreas sobressaem duas: Serviços (32,6%) e Indústria (26,8%). É uma avaliação do que existe agora, mas estas duas áreas podem vir a diminuir as suas percentagens nos próximos anos, pois também foi facto que durante a pesquisa, e em várias entrevistas, foi mencionado muitas vezes o verbo “falar”. Mas não deixa de ser importante este registo uma vez que a área de Serviços engloba tudo o que é lojas, restaurantes, cafés, alojamentos, entre outros, e a área da Indústria refere todas as fábricas, fabricantes e produtores de algum tipo de produto. No que toca aos transportes públicos, um serviço que foi identificado pela Fundação como fraco, a população referiu que apenas existia um autocarro (cerca de 50 lugares sentados) com destino a Sever do Vouga, uma vez por dia, exclusivamente durante o período de aulas. Para além deste autocarro, existe uma carrinha com 12 lugares, mas que apenas visitava uma freguesia por dia, custando 1€ a Viagem.

Turismo

A área que se destaca a seguir é o Turismo (10,2%). Sever do Vouga é um concelho privilegiado pelas suas características geográficas e topográficas, fazendo deste concelho um local com belas paisagens, e enormes oportunidades de produzir atividades para turistas. A área de Turismo engloba os locais de interesse turístico, entre eles cascatas, roteiros pedestres, igrejas, cruzeiros e pelourinhos, e outros. Sever do Vouga é cativante turisticamente devido às suas paisagens, gastronomia e turismo de habitação, mas o pico de visitantes é durante a Feira do Mirtílo, realizada em finais de junho, que junta aproximadamente 50 mil visitantes em 3 dias.

Agricultura

Depois do Turismo, aparece Agricultura (8,4%). Muita da agricultura praticada no concelho é de subsistência, com a exceção do *ex-líbris* do concelho: o Mirtílo. Sever do Vouga é considerada a capital do Mirtílo desde 2011, exportando quase toda a sua produção para mercados internacionais (cerca de 80%).

Desporto

Um concelho com as características turísticas que Sever do Vouga tem não poderia deixar de aproveitar para juntar a natureza ao exercício físico, e por isso, o Desporto (5,7%) também tem o seu papel importante no concelho. Por ser um concelho banhado pelo Rio Vouga, muitas empresas de desporto ao ar livre aproveitam este rio para praticar descidas, atividades radicais, e outras atividades ligadas ao rio, como a pesca. O hóquei é também um desporto muito valorizado neste concelho, tendo uma das equipas integrado a 2ª Divisão Nacional nas últimas duas épocas. O futebol, também se evidencia no que toca a associações desportivas e clubes existentes em Sever do Vouga. Na área do Desporto podemos ainda encontrar clubes de BTT, Kart e Rali Cross, Basquetebol, entre outros.

Artesanato

Algum do Artesanato (4,9%) é ainda praticado por alguns Severenses, que tentam manter as tradições de pé, seja através de artefactos ou de produtos gastronómicos. Encontram-se registados na Casa do Artesão cerca de 25 artesãos, que tentam manter as tradições artesanais de Sever do Vouga ativas.

Educação

Fazendo parte dos serviços, a Educação (4,5%) foi tida em conta, sendo considerada como uma área à parte, pois era importante perceber o ambiente em que os Jovens de Sever viviam e que infraestruturas e serviços existiam para os apoiar, visto que os Jovens também serem um ponto de partida para este projeto – tendo sido apontado como um problema pela Fundação que nos contactou. Existiu em tempos uma escola em quase todas as localidades, mas com o decréscimo populacional, algumas escolas fecharam as portas, tendo-se criado um Agrupamento de Escolas de Sever do Vouga, na capital do concelho, que engloba todas as escolas primárias do concelho e tendo sido construída em Sever uma escola para alunos do 5º ao 12º anos, incluindo cursos técnico-profissionais.

Saúde

Com uma percentagem baixa, mas não por ser um concelho mal servido medicamente, a Saúde (3,6%) está presente em todas as freguesias, seja com extensões de saúde/unidades de saúde, seja com farmácias ou com clínicas.

Cultura

Por fim, surge a Cultura (2,1%), que deveria ser uma área bastante valorizada, não o é, pois existem poucas infraestruturas e associações que promovem a cultura em Sever do Vouga, fruto da fraca adesão às atividades promovidas quer pela Câmara Municipal, quer pelas associações culturais existentes, que leva a que algumas coletividades tenham já fechado as portas como a filarmónica de Silva Escura e Cedrim e o Teatro de Pessegueiro.

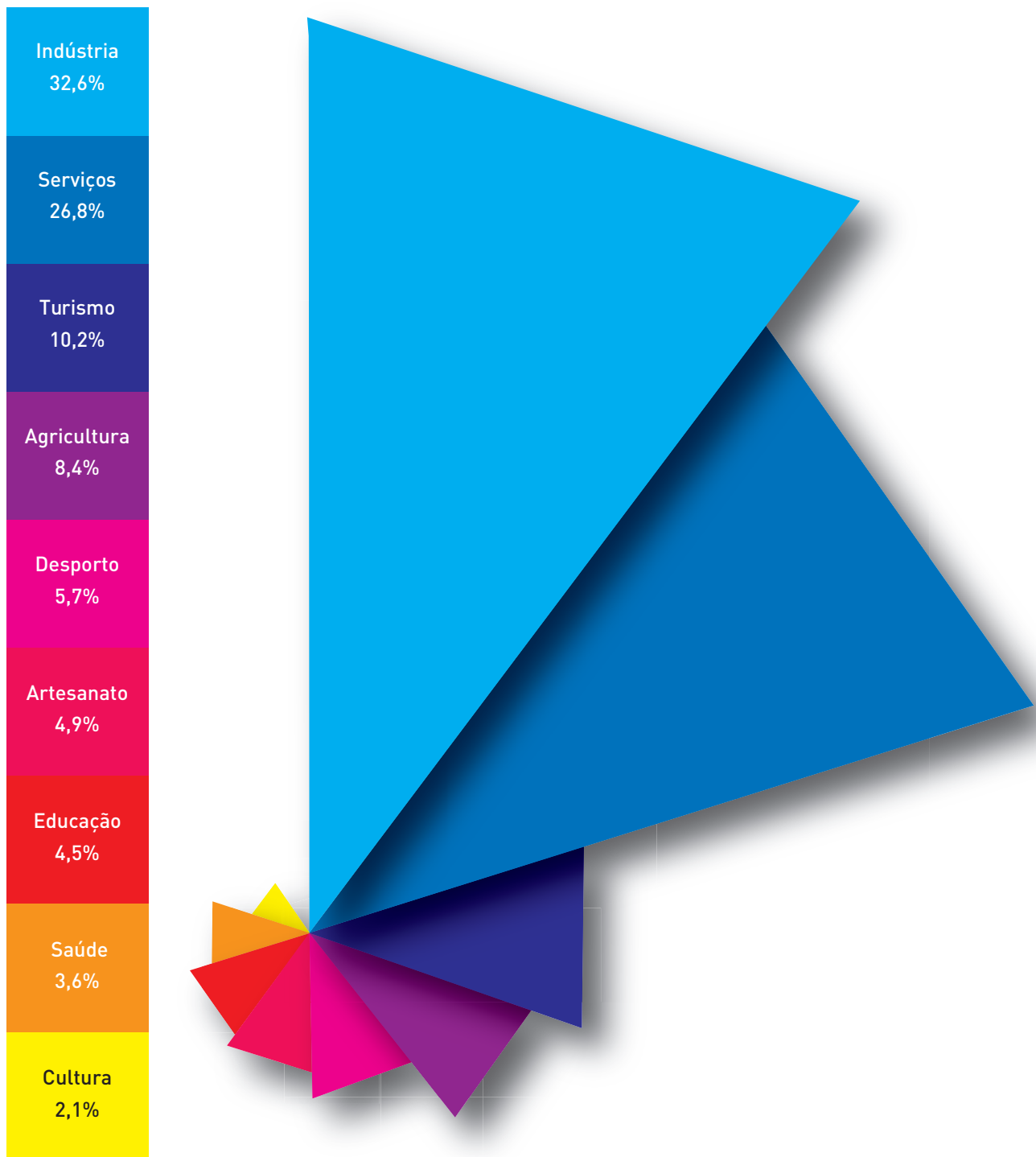


Figura 6

Infografia resultante do tratamento dos dados anteriormente apresentados, e respetiva legenda

4.2.2 - Entrevistas

Incluído nesta pesquisa mais interactiva com o território, realizaram-se várias entrevistas com pessoas influentes de Sever do Vouga, estando entre elas o Presidente da Câmara e outros elementos da autarquia; a Diretora do Agrupamento de Escolas de Sever do Vouga; um escritor que reflete sobre o Concelho; uma Arquiteta natural de Sever mas que trabalha no Porto; entre outras pessoas que têm ou tiveram alguma ligação à cultura Severense, nunca esquecendo todas as conversas que aconteceram com os elementos da Fundação Edite Costa Matos – Mão Amiga, incluindo a senhora que dá nome a esta Fundação, a D^a Edite Costa Matos. Foi interessante perceber as diferentes perspetivas de cada entrevistado, e a identificação de problemas relativos à área de cada um.

A primeira conversa que aconteceu fora do ambiente da Fundação foi na Câmara Municipal, com o então Presidente Manuel Soares. As preocupações do autarca prendiam-se com o fraco interesse da população nas atividades promovidas pela câmara municipal, afirmando que existia comunicação sobre os eventos, mas que a afluência, sobretudo masculina, era reduzida. Para Manuel Soares, o património cultural e paisagístico são as mais valias do concelho, sentindo a necessidade de requalificação e promoção destes para poder reposicionar o concelho a nível cultural e social.

Nota: Devido à escolaridade obrigatória até aos 18 anos, considera-se que o abandono escolar é de 0,0%, pois os alunos apenas não se inscrevem quando atingem a maturidade

Na escola, em conversa com a Diretora do Agrupamento Escolar, foi identificado como principal problema o aumento tendencial das carências económicas e sociais das famílias, resultando em seios familiares problemáticos e destruturados, que influenciam a educação dos alunos - que são cada vez menos. Percebeu-se então, que o principal objetivo da escola era trabalhar a mente dos jovens para uma educação e família melhores.

A nível concelhios, os problemas centravam-se na distribuição distante das freguesias e na falta de transportes públicos aos fins de semana, que impossibilitava a vinda dos jovens ao centro do concelho durante esses dias.

Com o intuito de perceber as perceções de quem é de Sever, mas estudou fora e não voltou, realizou-se uma entrevista com uma arquiteta Severenese, atualmente a residir no Porto. Para esta arquiteta, um dos problemas existentes é a “descaracterização física da vila”, ou seja, um problema urbanístico e de propriedade, que segundo esta, “destrói a identidade da vila”. Identificou também como pontos fracos, a fraca atividade cultural existente no concelho e a falta de sentido comunitário, devido a cidadãos locais com influência para alterar o tecido social, nomeadamente as que concluíram estudos superiores, não voltarem a Sever do Vouga, influenciando o decréscimo do nível cultural do concelho. Como pontos fortes, a arquiteta entende que tudo o que é relacionado com as paisagens e cursos de água são as mais valias do concelho.

Após estas entrevistas individuais, optou-se por organizar uma conversa com mais elementos, gerando debate através de “cards” organizados por temas considerados pertinentes para gerar debate entre o grupo. Integraram esta conversa, a assistente social da Fundação, o Presidente da Filarmónica Severense e um antigo professor de História, resultando na aquisição de novas informações históricas e culturais. Mais uma vez, comentou-se a fraca adesão à cultura por parte dos Severenses.



<
Figura 7 e Fotos 18 e 19
Imagem de alguns cards usados na entrevista com Joana Seca (em cima), António Tavares e Amadeu Lobo (ao lado)

Uma conversa que também se revelou bastante rica, foi com o escritor local Fernando Ramos, natural de Vale de Cambra (concelho vizinho), mas que se fixou em Sever do Vouga, e sobre este estudou de forma autónoma, resultando em centenas de páginas escritas, divididas por sete livros que contém a vida deste concelho. Com esta conversa e os seus livros, percebe-se que Sever do Vouga não é apenas serras e rios, mas tem um valor histórico e cultural muito elevado.

Durante o decorrer do projeto foram feitas outras entrevistas pontuais, e todas elas contribuíram para maior conhecimento do território, sabendo que quanto mais se investigasse, mais se descobriria sobre este concelho.

5 - CLARIFICAÇÃO DO PROBLEMA

5.1 - Conclusão da Pesquisa

Conclui-se que a Cultura é um ponto fraco neste concelho, não pela falta de entidades culturais ou por falta de eventos, mas sim por uma falta de hábito por parte das pessoas em aderir estas práticas culturais. Entende-se que a cultura deve ser uma característica de qualquer povo, visto que é através da cultura que se transmitem vários conhecimentos, importantes para a cidadania de qualquer pessoa.

Associando a Cultura ao problema da fraca de fixação dos jovens no concelho, tem-se um ponto de partida para avançar para um projeto de dissertação que englobe estes dois grupos, projeto que será dirigido principalmente aos jovens, mas com uma repercussão para a população Severense em geral, podendo mesmo vir a integrar outros interessados, nacionais e internacionais.

5.2 - Relação com o Design

Após analisar as falhas do território de Sever do Vouga, entende-se que o Design pode intervir, ligando os Jovens e a Cultura, resultando num projeto de social com base no Co-Design, e pensado estrategicamente, sempre aliado à Sustentabilidade (visando manter as pessoas no local, mas também captar novos visitantes / habitantes), Experiência (levar a população a sentir Sever do Vouga, através de um olhar estético) e Literacia dos Média (através do ensino de estratégias e ferramentas de mediação e representação do lugar).

O *Design Thinking* é aqui, uma ferramenta fulcral, pois a partir dela, consegue-se pensar todo um serviço e toda uma estratégia para que se atinjam os resultados esperados.

Não esquecendo que o Design está presente em tudo o que existe para conceber a nível gráfico, bem como ferramentas necessárias para desenvolver workshops e toda a comunicação de um evento que pretende ligar a Cultura e os Jovens.





II - TEORIA

1 - A EVOLUÇÃO DO DESIGN E DO CONSUMIDOR DE DESIGN

O design tem demonstrado capacidade resiliente, ao adaptar-se às constantes necessidades humanas. Não apenas de necessidades físicas humanas, mas também culturais. O design tem evoluído e nos últimos anos mantendo o seu papel de ferramenta para mudar realidades e mentalidades e interações.

O design tem assumido novas formas perante si mesmo, integrando conhecimentos que tradicionalmente não lhe pertenciam, mas que funcionam como complemento à cada vez mais alargada visão que o Design tem das suas competências e ao mesmo tempo serve de auxílio às outras disciplinas. Temos assistido a muitas ligações interdisciplinares, como Design+Agricultura, Design+Biologia, ou mesmo Design+Política.

Este “novo” Design é flexível que, não tendo um adjetivo estático, como o Design de Comunicação ou o Design de Produto, é por vezes definido de forma aproximada com denominações como “Design de Serviço”, “Design Estratégico”, “*Design Thinking*”, entre outros termos que não definem por completo as novas funcionalidades do Design.

É um desenvolvimento da visão tradicional do Design e por isso dilui a própria definição.



Foto 20

Fotografia
selecionada pela
força - relativo
ao ponto 2 deste
capítulo

1.1 - A Evolução Histórica do Pensamento em Design

De acordo com Buchanan (1998), e seguindo a sua grelha de leitura apelidada de “Buchanan’s Matrix”, apercebemo-nos de uma evolução temporal e histórica do Design.

Aceitando o seu ponto de vista, deparamo-nos com uma evidente evolução do papel social do Designer, paralela à evolução do próprio Design. Buchanan, gere o seu Matrix atendendo a duas variáveis, sendo ambas influenciadas pelo fator “tempo histórico”: por um lado, confere ao Designer as seguintes competências: Inventar, Julgar, Decidir e Avaliar; por outro, estabelece uma hierarquia de ordens correlacionadas com a evolução histórica do Design, que ao mesmo tempo reflete o aumento da complexidade do papel social do Designer; Comunicação, Construção, Estratégia e Integração Sistémica ; resultando em produtos de Design que evoluem temporalmente e conceptualmente (desde a criação de signos/símbolos/imagens, passando pelos objetos físicos, atividades/serviços/processos, terminando em sistemas ambientes/ideias/valores). Complementarmente, o Matrix não só descreve a evolução do papel social do designer, mas também a evolução histórica das disciplinas do Design.

	Communication Signs and words	Construction Things	Strategic planning Action	Systemic integration Thought
Inventing	Signs, symbols and images	→	→	→
Judging		Physical objects	→	→
Deciding			Activities, services and processes	→
Evaluating				Systems, environments, ideas and values

>
Figura 8
Buchanan's Matrix
(Buchanan, 1998)

1.1.1 - 1ª e 2ª Ordem do Pensamento em Design | inventar e julgar

Seguindo o método cronológico, implícito no esquema, Buchanan aglutina na sua visão a 1ª e a 2ª ordens. Estas ordens podem ser identificadas historicamente durante o período da revolução industrial Inglesa, caracterizado pelo desenvolvimento do mercado capitalista. Neste momento do Design, a sua atividade dirigia-se principalmente para a função e para a forma (estética e funcionalidade), sendo considerado muitas vezes como um estilista, sem o olhar atento para problemas de maior âmbito como a multiplicidade da experiência humana.

1.1.2 - 3ª Ordem do Pensamento em Design | decidir

Historicamente, a 3ª ordem, ou plano estratégico, surgiu com a implementação do plano Marshal, no fim da 2ª Guerra Mundial (1948), momento em que o Designer é chamado a resolver problemas que implicam uma intervenção na realidade a uma escala nunca antes experimentada. A estratégia é a “determinação dos objetivos de longo prazo e a adaptação da ação e dos meios necessários para ela atingir os seus objetivos” (Chandler, 1995). Neste momento, o valor do trabalho do Designer é avaliado por entidades externas e principalmente pela qualidade da planificação, menos do que pelos resultados, ao contrário do que vai acontecer algumas décadas depois, em que o valor do trabalho do Designer passa a ser avaliado pelos resultados económicos, ou seja, pelos acionistas das companhias onde o Designer desenvolve trabalho. Assim sendo, a estratégia passa a fazer parte do processo do pensamento em Design, adicionando aos já tradicionais “forma e função”, dando ao Designer uma nova capacidade, a de consultoria, mas limitando a solução do problema ao que existe.

1.1.3 - 4ª Ordem do Pensamento em Design | avaliar

Considerando a 4ª ordem do esquema, a tendência do Design dirige-se para uma integração sistémica, cujo objetivo é uma ação baseada no conhecimento (e para o conhecimento) e na aprendizagem dirigido às questões próprias de organizações complexas, o que implica pluralismo e pensamento sobre sistemas. Esta fase do Design teve início com a computadorização e com a disponibilização da informação que surgiu com a internet nos anos 80, onde o Design exercia já um trabalho intrínseco dentro das organizações, permitindo-lhe pensar sobre as capacidades que estas precisavam desenvolver para aproveitar as mudanças sociais que surgiam com o digital.

Começa-se a entender a importância de uma relação multidisciplinar, devido à relação entre o cliente e o Designer, o que permite resolver assuntos mais complexos, trazendo ao Designer mais conhecimento, mesmo sobre áreas que não são do seu domínio específico. A multidisciplinaridade implica partilha de conhecimento, como todas as relações entre pessoas, logo, o conhecimento do Designer expande, e com isto o seu papel social, e importância económica.

Com isto muda também o objetivo do produto de Design, que sugere considerações de função, forma e estratégia, o valor, a emoção e o sentido dos objetos - subjetivo a cada sujeito. Isto é, todo o contexto psicológico e cultural da sociedade a que o produto se destina, são tidas em consideração, pois o papel do consumidor final ganha importância, e as suas reações a este produto são consideradas ferramentas para o melhorar. Passa-se a ter uma relação de mercado *Bottom-Up*, coexistindo com o já tradicional *Top-Down Market*. Surge então com esta ordem, o Design Thinking.

“Com o aumento do poder vem a responsabilidade acrescida”
(Voltaire *et al.*, 1832).

Temos portanto, de acordo com Buchanan, esta visão da evolução social do Design e do Designer, colocando-os num patamar elevado de responsabilidade, e muito mais complexo, pois o seu trabalho deixa de ser feito apenas sobre o concreto, passando para o plano da interação humana e do pensamento, e deixa de ser tipicamente um trabalho solitário, para ser um trabalho tendencialmente em equipa, multidisciplinar, permitindo ao Designer usar conhecimentos que não pertencem tradicionalmente ao seu domínio.

O Design Thinking parece tornar-se uma nova abordagem à resolução de problemas sociais, através do pensamento de novas soluções focadas no cliente/consumidor a quem se destina determinado objeto. Com esta forma de pensar o design, consegue-se identificar problemas que apenas o destinatário pode sentir, permitindo um melhor enquadramento com os problemas e, conseqüentemente, encontrar soluções desejáveis, viáveis, e utilizáveis, de acordo com as situações encontradas. Não se tratam apenas de projetos de design “tradicionais”, como o gráfico ou produto, mas sim de pensar os problemas e adapta-los a uma realidade social, dando a possibilidade de todos os envolvidos num projeto de design, poderem ser designers e poderem ser criativos, promovendo o lado colaborativo e social do design. Trata-se de Design com as pessoas e para as pessoas.

1.2 - Os níveis da criatividade

A presença do cliente no processo de Design é o culminar de uma evolução que começou nos anos 80, com a introdução dos computadores e da internet, pois até então os clientes eram apenas consumidores de produtos impostos pelo mercado. A necessidade de criatividade no dia a dia das pessoas, transformou, a par com a evolução do Design nas organizações, a relação entre as empresas e os clientes, tornando-os mais próximos, passando o cliente a ter um papel mais pró-ativo nos produtos e na sua personalização.

“People need not only to obtain things, they need above all the freedom to make things among which they can live, to give shape to them according to their own tastes, and to put them to use in caring for and about others” (Illich, 1973).

Segundo Sanders (2006) existem pelo menos 4 tipos de criatividade, no sentido da atividade produtiva: o *“Doing”*, *“Adapting”*, *“Making”*, e *“Creating”* - termos que serão traduzidos por Fazer, Alterar, Reconstruir e Inovar. Em qualquer um destes estágios é requerido pulsão criativa. Estes níveis de criatividade diferem na motivação inerente, sendo que cada um pode ser mais criativo numa área do que noutras.

O fazer requer o valor mais baixo de motivação dentro dos quatro níveis apresentados, assim como em capacidades requeridas. Seguindo o exemplo da preparação de uma refeição (Sanders, 2006), o fazer seria o ato de comprar uma refeição pré-cozinhada e coloca-la no micro-ondas para depois a consumir.

O segundo nível de criatividade é alterar. A motivação neste tipo de criatividade, pode passar por exemplo, em modificar apenas um acessório de algo já existente, tornando-o mais seu, reforçando as relações de identidade e pertença. Alterar requer maior habilidade e motivação do que o fazer. Voltando ao exemplo da alimentação, e ilustrando este nível de criatividade, o alterar seria como adicionar um ingrediente novo, que tornasse a refeição para micro-ondas especial.

O terceiro nível de criatividade, reconstruir, implica ambicionar, por exemplo, a montagem (recreação) de algo através de passos e/ou ferramentas previamente fornecidos. A diferença entre a pulsão do alterar e o ato de reconstruir implica a compreensão dos processos constitutivos presentes na reprodução de um caminho já existente. Este nível requer experiência técnica anterior e empenhamento autêntico, o que conduz as pessoas a quererem gastar tempo e dinheiro em atividades de criação condicionada, aquelas que por vezes são consideradas como hobbies. No exemplo da alimentação, este nível equipara-se à realização de uma refeição seguindo os passos prévios de uma receita.

Por fim, o nível mais avançado de criatividade é inovar. Neste estágio manifestam-se relações destináticas entre sujeito criador e obra executada, que elevam a criatividade ao seu ponto mais exigente. Diferencia-se do nível anterior, por um mais alto grau de independência e risco, pois em seu suporte apenas existem esquemas ou experiências insipientes que sustentem uma parte da ideia criativa, não a garantindo no seu eventual sucesso, necessitando de crítica aquando da sua execução. Terminando com o exemplo alimentício, seria como improvisar uma refeição, com os ingredientes disponíveis, criando uma receita nunca antes experimentada.

Percebe-se assim, que a criatividade leva à complexificação da satisfação pessoal, através da realização das motivações de cada um. As pessoas são quem melhor sabe sobre a sua vida, e são elas que melhor podem criar as inovações para o seu dia a dia, através da aplicação e concretização das suas ideias originais.

1.3 - A evolução das necessidades das pessoas

Tinha-mos até aos anos 80, um cliente consumidor, que comprava aquilo que o mercado sentia que era uma necessidade na altura. A noção de necessidade por parte das empresas informáticas, levou à criação de computadores pessoais, sendo posteriormente criada a internet que iria disponibilizar informação através do mundo. A revolução tecnológica verificada do final dos anos 80 e inícios dos anos 90, provocou nas pessoas a necessidade de entender a tecnologia, transformando um cliente consumidor num cliente usuário. Desde então, o papel do cliente tem-se alterado até aos dias de hoje, tendo cada vez mais influência nos produtos que nos chegam. Hoje em dia, qualquer pessoa pode alterar de acordo com a sua identidade a capa de um telemóvel, ou mesmo qualquer pessoa pode personalizar o “mini” que querem comprar, através de um site na internet, tornando-se assim co-criador desse mesmo “mini”. Os clientes, têm vindo a adquirir um papel importante no desenvolvimento de projetos que lhes são destinados.

1.4 - Design em função da Criatividade

Com a evolução do consumidor, o Design também se adaptou às novas diretrizes da sociedade, tendo evoluído juntamente com este. Desta forma, o Design praticado nos anos 80 centrava-se na questão das necessidades das empresas, contribuindo para uma relação *Top-Down Market* que era habitual na altura (Design para o consumismo). A introdução da internet, e o desenvolvimento tecnológico muito acelerado provocaram a incapacidade das pessoas utilizarem plenamente este progresso, então o Designer aplicou o seu talento nas áreas de conhecimento em expansão, para comunicar às pessoas como funcionava tal tecnologia e quais as suas potencialidades. Formou-se o Design para o utilizador, ambicionando criar produtos e ferramentas que fossem úteis, intuitivas e apelativas (Sanders *et al.*, 2001).

Com as crescentes estratégias de consumo que buscavam a participação de cada um, no sentido da criatividade pessoal, o Design para adaptadores não se centrava apenas numa reação direta à abundância de escolhas. Esta área do Design, foi despoletada pela relação entre as pessoas e a sua compreensão sobre informação tecnológica, originando auto-posicionamento social dos indivíduos. Desta forma, as capacidades de adaptar a realidade de cada um *al gusto*, instigam o designer a suprir a necessidade de construir ferramentas e produtos que para além de úteis, intuitivos e apelativos, são também reinterpretáveis e personalizáveis.

O Design para participantes, surge também com a evolução tecnológica, nomeadamente com o aparecimento das redes sociais, sendo que ali, se podem encontrar e formar grupos de pessoas com interesses comuns, que desta forma participam em prol de um propósito comum. O designer acrescenta a experiência imersiva e coletiva às características de ferramentas e produtos já antes mencionadas, originando condições para o surgimento de uma comunidade com identidade capaz de criação.

Por último, surge o Design para co-criadores, onde Designers e Pessoas trabalham em sincronia, para um fim comum, com base em processos de desenvolvimento do Design. Temos por exemplo, a criação de websites, onde o designer disponibiliza peças para a sua construção, e o co-criador, cujo objetivo é também fabricar um website, utiliza as peças do designer para atingir o seu fim. As ferramentas usadas pelo designer são criadas segundo todas as características acima nomeadas, mas neste caso acima de tudo, são ferramentas para gerar discussão criativa entre os co-elementos.

Todas estas novas áreas do Design podem coexistir, colmatando as necessidades de indivíduos com interesses diferentes. As ferramentas aplicadas a cada área são cronologicamente evoluídas em função dos géneros criativos a quem se destinam, sendo as ferramentas o elemento de ligação entre o Design e o público alvo.

1.5 - Ferramentas Generativas para a Co-Criação

Com todas as evoluções verificadas, quer no Design, quer no consumidor, o papel do Designer é aqui tomado com facilitador de expressão criativa, e para tal, tem de aplicar ferramentas facilitadoras adaptadas de áreas que relacionam diretamente com as pessoas.

O designer promove a consciência do público sobre as suas capacidades criativas, organizando o emitir e o compreender da ludicidade da vida. Utilizando mecanismos verbais e visuais, disponíveis no dia a dia, tende a organizar uma gramática universal da criatividade, que é perceptível por designers e pessoas fora da área, gerando informação relevante e persistente para ambas as partes. As soluções obtidas nunca se podem prever, cabendo apenas uma perspetiva probabilística que pode divergir da expectativa inicial. Mesmo que divergente, a solução obtida pode ser levada em conta em intervenções futuras, desde que essa informação seja arquivada, já que existe sempre um resultado fruto de uma tentativa.

Desta forma, o designer afasta-se do seu ambiente tradicional, aceitando o papel de agente social e fomentador da criatividade, promovendo sustentabilidade criativa no meio onde agiu, mesmo após a conclusão da sua intervenção.

Caso de Estudo

Creative Enterprise Toolkit

Local : Mundo

Palavras chave : Criatividade - Ferramentas - Empresa - Ajuda - Inicio

Temas : Criação de empresas / Economia Criativa

Promotor : NESTA

Contexto : recurso passo-a-passo interativo para ajudar a planejar, criar, comunicar e lançar um novo negócio criativo.

Descrição do caso: Especificamente projetada para pessoas criativas, os conteúdos e atividades estão focadas no desenvolvimento da ideia e do negócio. Pretende explorar valores e como eles se alinham numa ideia de negócio; ajuda a identificar possíveis clientes e as relações que necessárias para construir essas relações, mapeia visualmente como o negócio irá funcionar, identificar ferramentas financeiras. São quatro manuais para ajudar a definir uma ideia criativa num negócio.

Benefícios : “Pensar sobre mim, meus ideais, meus motivações e do impacto do meu negócio era muito mais valioso para mim do que simplesmente saber como funciona uma empresa.”

Link : http://www.nesta.org.uk/areas_of_work/creative_economy/creative_enterprise_toolkit_startups

>
Figura 9
Mostra do toolkit



2- PHOTO ELICITATION

*“A emoção encontrada numa fotografia vem da investida da memória.
Isso fica evidente quando é uma fotografia de algo que conhecemos.
Aquela casa em que vivemos.
A minha mãe quando era jovem.*

*Mas em outro sentido, uma vez que conhecemos a realidade,
reconhecemos tudo em qualquer fotografia.
Esta relva está grande.
As telhas do telhado quando molhado ficam assim, não ficam?
Aqui está uma das sete formas que fazem os chefes sorrir.
Isto é um ombro de uma mulher, e não de um homem.
A maneira como a neve derrete.*

*A memória é uma faculdade estranha.
Quanto mais nítida e mais isolada a memória é,
quando recebe o estímulo, mais ela se lembra;
quanto mais abrangentes são os estímulos,
menos a memória se lembra.
Talvez seja por isso que a fotografia
a preto e branco é, paradoxalmente,
mais sugestiva do que a fotografia a cores.
Pois estimula uma rápida investida
memórias, porque menos foi dado,
porque mais foi deixado de fora...”*

John Berger (1992:192-193).

No pequeno texto de Berger (1992), apresentado na página anterior, é perceptível a importância do valor das memórias e das coisas que nos são familiares e que nos são próximas, e que nos chegam através de um estímulo que é a fotografia. Esta situação revela, acima de tudo, a importância do valor das memórias e é também o objetivo principal deste projeto: criar valor através de uma representação da realidade, como por exemplo, a fotografia.

Partindo do livro de Gillian Rose, *Visual Methodologies: An Introduction to the Interpretation of Visual Materials* (2007), chega-se a conceitos importantes como “co-design”, que consiste em convidar e envolver pessoas no processo de desenvolvimento do projeto em causa, podendo estar envolvidas em processos de pesquisa, análise de propostas

ou definição de problemas, sendo que neste projeto, a ideia centra-se em envolver principalmente os jovens alunos do concelho de Sever do Vouga, tendo a hipótese de recorrer aos Severenses, nomeadamente junto dos mais velhos, para encontrar informação relevante para os seus trabalhos, exigindo assim a envolvimento e abertura para a participação e ajuda de todo o concelho de Sever do Vouga. Com o co-design chega-se a termos como o “*participatory design*” e a nomes como Sarah Pink que escreve um livro juntamente

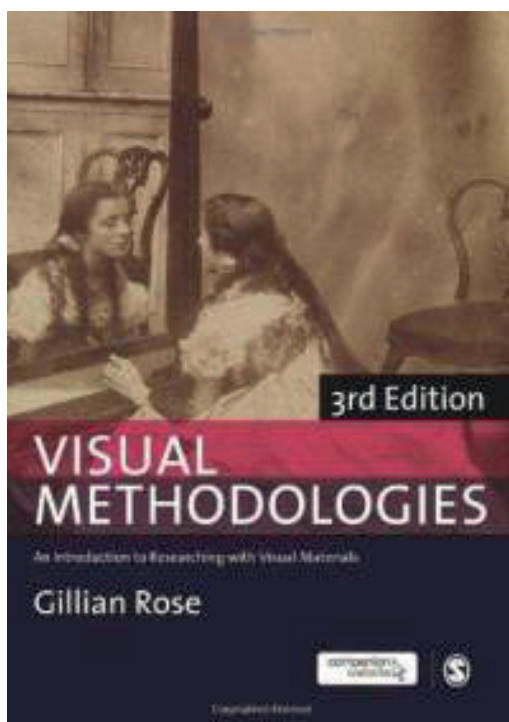


Figura 10
imagem da capa
do livro de G.
Rose, *Visual
Methodologies*,
3ª Edição

com Marcus Banks e G. Rose intitulado *Doing Visual Ethnography* (2006), onde abordam o tema do uso de imagens como fonte de pesquisa, o que leva à metodologia de *Photo Elicitation* – que apenas é falado no livro de Rose (2007) a partir da segunda edição.

Com a referência bibliográfica (Rose, 2007) anteriormente assinalada conhece-se mais métodos/conceitos ligados às ciências sociais como Etnografia, Etnografia Visual e Antropologia, e definem-se também palavras-chave como Ética e *Engagements* – este último surge ligado ao co-design, uma vez que este tipo de Design obriga ao envolvimento social e cultural das pessoas habitantes do território que se pretende estudar – o que nos conduz a técnicas de captação da realidade e de envolvimento das pessoas, e a pensar como criar condições para realizar um projeto de co-design, neste caso, recorrendo ao método de *Photo Elicitation*.

O *Photo Elicitation* é uma técnica de recolher informação que resulta da combinação entre a captação de partes da realidade (através de fotografia ou vídeo) e a etnografia. É um método de recolha de dados bastante usado na Antropologia. Isto origina meios para compreender melhor as perspetivas e as experiências das pessoas envolvidas num projeto, tornando-o assim mais “intenso e emocional” (Rose, 2007) ou seja, mais pessoal e gratificante.

Pode obter-se resultados sensivelmente diferentes utilizando, ou não, o *Photo Elicitation*, já que o cérebro utiliza diferentes zonas em resposta a informação verbal ou visual. Sendo a zona cerebral que processa a informação visual evolucionariamente mais antiga do que a parte que trata da evolução verbal. As imagens estimulam conteúdos da

consciência humana de origem mais elementar que as palavras, segundo Harper (2002). Utilizando estímulos verbais e visuais, não só se consegue recolher mais informação, como também informação qualitativamente mais diferenciada, e por isso mais rica.

Tentando uma definição sintética de *Photo Elicitation*, que é uma forma específica de *image elicitation*, procurou-se a sua raiz etimológica. Esta reúne os campos semânticos de “evocação” e de “extração”. Daqui compõe-se um ato de pesquisa que consiste na recolha de testemunhos, estimulado pela introdução de informação visual contida em imagens. Esta técnica iniciou-se no fim dos anos 50 e tem-se desenvolvido até aos dias de hoje com trabalhos teóricos e de campo, propostos por Collier (Collier and Collier, 1986).

2.1 - Origens e desenvolvimento do Photo Elicitation

Na história da *image elicitation*, de que a *Photo Elicitation* é uma forma, tem havido casos de utilização do filme ou vídeo, e mesmo televisão. O primeiro exemplo do uso do filme surge na investigação social na obra “*Cronique d’un Été*” de Edgar Mourin e Jean Rouch, no final dos anos 50, que pretendia medir o nível de “felicidade e verdade” dos Parisienses, entrevistando aleatoriamente pessoas que se disponibilizassem para o efeito, transformando-se estas em atores amadores. O resultado consistiu numa dupla observação: a dos objetos de estudo no seu ambiente, e no comentário dessas pessoas sobre o que observavam de si próprios no filme, o que também acontece no *Photo Elicitation*.

A primeira pessoa a utilizar o termo *Photo Elicitation* foi John Collier, fotógrafo e antropólogo americano, num artigo em 1957, publicado na revista *American Anthropologists*, sendo um dos primeiros líderes nas áreas de antropologia visual e antropologia aplicada. John Collier, foi membro da equipa de pesquisa multidisciplinar da Universidade de Cornell, tendo participado numa avaliação do estado de saúde mental de comunidades em transformação das províncias marítimas do Canadá (que começavam a viver numa sociedade de multiculturalismo, e que experimentavam também novas formas de trabalho industrial urbano), onde propôs entrevistas com fotografias como solução para um objetivo em que estavam a ter dificuldades: o de classificação e catalogação da informação recolhida, que, com esta proposta de introdução de fotografias, tornou-se mais fácil de organizar, já que os investigadores estavam a ter dificuldades em acordar entre si os pressupostos categoriais da investigação.

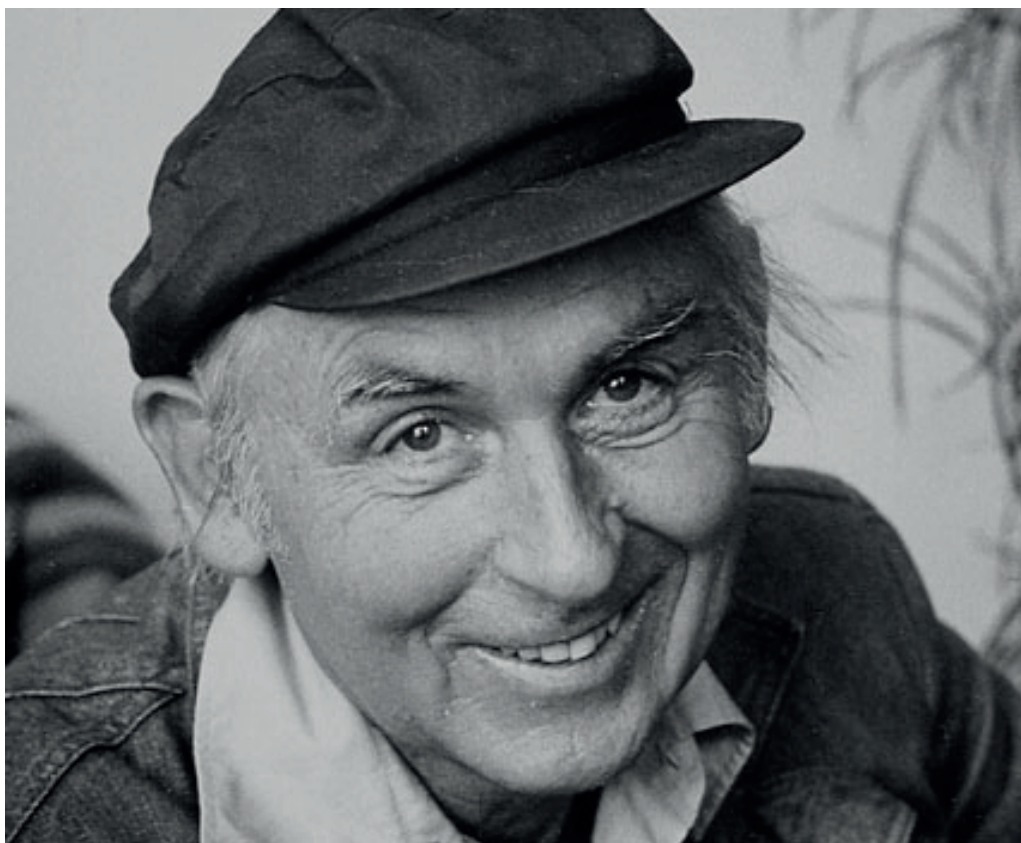


Foto 21

Retrato de John
Colier
fonte: Google

O que foi particularmente interessante para os investigadores, foi o facto de terem feito entrevistas diferentes às mesmas pessoas, usando e não usando o método de *Photo Elicitation*, e terem verificado os seus diferentes resultados, concluindo então que a introdução das fotografias moldava as memórias dos entrevistados, reduzindo as áreas de ruído. Collier (1957) conclui:

“As características dos dois métodos de entrevistas podem ser descritas de forma simples. O material obtido com fotografia era preciso, e por vezes até enciclopédico; os inquéritos controlados eram menos estruturados, mais difusos e dispersos, sendo também menos consistentes no que toca a associações mentais.

As declarações produzidas com o auxílio do material visual, neste caso, fotografias, foram resposta direta ao estímulo visual e de diferente natureza, conforme o material gráfico apresentado, enquanto os inquéritos controlados pareciam mais vulneráveis ao humor dos entrevistados”

Mais tarde, em “*Visual Anthropology: Photography as a Research Method*” de 1967, John Collier define com solidez o conceito de *Photo Elicitation*, e descreve em múltiplos casos a sua aplicação, esclarecendo também como o material não verbal valoriza ainda mais um trabalho, pois nele está escondida bastante informação válida, e acreditava que “a própria energia de uma cultura pode ser vista” (Harper, 2002).

2.2 - Casos de Estudo de Photo Elicitation

Estamos a falar de um processo de recolha de informação relativamente recente, pois só nos primeiros anos do Séc XXI é que se deu o *boom* da utilização deste processo, não só na área da antropologia, com personalidades como Kunimoto (2004) que observou a vida de pessoas no tempo da Segunda Guerra Mundial, através de fotografias, ou como Harper (2002), em *Talking about pictures: a case for Photo Elicitation*, que diz que “a *Photo Elicitation* é baseada na simples ideia de inserir a fotografia numa pesquisa”, mas também em projetos de Design.

Assim sendo, serão apresentados três casos de estudo, onde o conceito de *Photo Elicitation* foi usado. O primeiro caso de estudo que se aborda é promovido pela *Think Public*, empresa que visa associar o Design a ações sociais, no Colégio Feminino *John Kelly* em Londres. Também pela *Think Public*, e também em Londres, mas desta vez no Bairro de *Barnet*, a empresa foi contratada para detetar os problemas associados ao medo da criminalidade. O ultimo caso, refere um estudo de Alan Latham (2003), professor universitário na área da geografia.

2.2.1 - Participatory video at John Kelly Girls' Technology College

LOCAL : Neasden, Brent, North West London

TEMA : O futuro do John Kelly Girls' Technology College

PALAVRAS-CHAVE :

Workshops | Video | Perspetiva | Envolvimento | Participação

PROMOTOR : Think Public

CONTEXTO : o objetivo da escola era ajudar as suas alunas do 7º ano, e perceber o que estas pensavam em relação ao futuro da escolar, e o que se poderia melhorar.

DESCRIÇÃO : foi oferecido material de gravação de vídeo e som, e promoveu-se workshops e formações em gravação de som, trabalho com câmara, produção, direção e criação de storyboards, de modo a fornecer ferramentas materiais e conceptuais para que estas alunas conseguissem produzir o que a escola pretendia, e que chegassem ao objetivo definido.

BENEFÍCIOS : Com os videos, foram apresentadas ideias para o melhoramento do funcionamento da escolar, resultando num novo planeamento do funcionamento da escolar, melhorando assim, as suas condições.



Foto 22 e 23

Imagens relativas ao caso de estudo.

fonte:

site think public

LINK: <http://thinkpublic.com/case-studies/case-study-participatory-video-at-john-kelly-girls-school/>

2.2.2 - Fear of Crime

LOCAL : Bairro de Barnet, Londres

TEMA : Combater o medo do crime

PALAVRAS-CHAVE :

Novas Tecnologias | Opinião | Workshops | Envolvimento | Participação

PROMOTOR : Think Public

CONTEXTO : Descobrir o que estava por de trás do medo excessivo que as pessoas deste bairro tinham da eventualidade de acontecerem crimes, sentimento que se verificava bastante desfasado em relação à realidade.

DESCRIÇÃO : foi dada voz aos habitantes de Barnet através de câmaras de filmar e outras ferramentas de pesquisa etnográfica inovadoras como o uso de mensagens de imagem através de telemóvel (MMS), e workshops de criação de mapas, de modo a ver quais as zonas do bairro em que estas pessoas se sentiam mais ou menos receosas. Com todos estes dados recolhidos, realizaram uma serie de curtas-metragens para mostrar como as pessoas se sentiam em relação ao crime.

BENEFÍCIOS : o resultado destas curtas metragens levou o governo a intervir com novas estratégias para reduzir o medo naquele bairro



Figura 11

Logotipo do Bairro de Barnet, em Londres
fonte:
site think public

LINK:<http://thinkpublic.com/case-studies/case-study-fear-of-crime/>

2.2.3 - Alan Latham

Enquanto nos dois exemplos anteriormente apresentados o resultado é a melhoria de um serviço, o próximo exemplo mostra que o método do photo elicitation pode alterar a maneira das pessoas olharem para a sua rotina. Alan Latham (2003), cuja área de interesse profissional é a geografia urbana, a mobilidade e o espaço público, ao realizar um projeto que visava entender como decorria a vida dos habitantes de determinada localidade, e pediu aos seus entrevistados para fazerem um diário fotográfico durante uma semana, e posteriormente discutir sobre essa recolha de fotografias, tendo-se obtido um resultado bem diferente daquele que se verificaria se as entrevistas fossem feitas apenas com um cameraman e um entrevistador, situação em que as pessoas se “fazem” à câmara, tornando-se exibicionistas e deturpando os resultados pretendidos. Neste caso, as pessoas, contrariamente ao que acontecia, abstraíram-se do seu dia a dia, e o photo elicitation conseguiu capacitá-las para articular alguns conhecimentos tomados como dados adquiridos, com as quais puderam relacionar com o espaço público.

Daqui se retira que este método não só ajuda na melhoria de serviços, bem como pode ajudar a mudar mentalidades, e isto, de facto, é uma mais-valia, porque alterando as mentalidades se pode modificar e melhorar a perceção e a interação da realidade.

3 - COMO FUNCIONA O PHOTO ELICITATION - Os passos

[segundo Rose [2007] usando Lynn Blinn e Amanda Harrist como caso de estudo - 1991]

De acordo com Rose (2007), usando um projeto de Blinn e Harrist (1991) que visava criar uma visão do objeto de estudo, e perceber-se o que é ser uma mulher que reentra para a universidade. Tal como nos casos de estudo anteriores, forneceram ferramentas às participantes (neste caso, alunas com alguma maturidade, algumas casadas e já com filhos) e pediram para que todas as fotografias que tirassem exprimissem as suas vivências, sentimentos e preferências. Sendo assim, foram seguidos 6 passos básicos do *Photo Elicitation*:

Passo 1 – Entrevista, ou série de entrevistas, referindo que os entrevistados são parte da pesquisa, mas nunca referindo que as fotografias também o serão, caso contrário a atenção destas pessoas estaria centrada nas fotografias e não no assunto que se quer estudar.

Passo 2 – Com a entrega das ferramentas, fornecem-se algumas dicas de como utilizar a máquina fotográfica e qual é sensivelmente o resultado esperado e a quantidade de fotografias a tirar pelos entrevistados. Posteriormente, é que se planeiam as entrevistas e se escolhe quais as fotografias a usar ou não, baseando-se acima de tudo, nas entrevistas feitas no Passo 1. No caso de Blinn e Harrist (1991), foi entregue às entrevistadas uma máquina fotográfica *Polaroid*, e procurou-se saber se todas estavam à vontade com a utilização de uma *Polaroid*, pedindo-lhes para representar através de 10 fotografias as experiências delas como estudantes que reentraram no sistema educativo.

Passo 3 – Inquérito sobre as fotografias que tiraram: com Blinn e Harrist (1991), foram entregues modelos para preencher após cada fotografia, onde pedia um título, uma descrição da fotografia e uma descrição do que sentiam e/ou pensavam no momento em que carregaram no obturador. Afirmam que em casos em que os entrevistados tiram as suas próprias fotografias, este momento de reflexão sobre as fotografias ajuda bastante na concretização positiva do Passo 4.

Passo 4 – O entrevistador faz nova entrevista, ou várias entrevistas, discutindo as fotografias em detalhe com os entrevistados, sendo essencial para a compreensão do “porquê” das fotografias e para a clarificação do significado delas para o entrevistado. Para Blinn e Harrist (1991), houve casos em que as fotografias eram apenas retratos de familiares das senhoras (desconhecidos para Blinn e Harrist), e que se não houvesse nova entrevista, nem mesmo as folhas de preenchimento após cada fotografia, a interpretação por parte dos entrevistadores não seria esclarecedor da realidade.

Passo 5 – Este passo baseia-se em interpretar todo o material recolhido, sejam fotografias, sejam testemunhos escritos, bem como qualquer informação que tenha sido adicionada até então, e analisá-la usando técnicas das Ciências Sociais. No projeto de Blinn e Harrist (1991) usaram os textos escritos para complementar as fotografias, e foram inseridos num programa computacional (*Ethnograph*), visto que tinham grande número de entradas, 257! Esta análise aos dados veio demonstrar que existiam dois grandes temas que eram abordados pelas mulheres estudantes: a falta de tempo e o sentimento de culpa – a falta de tempo, que deriva do

facto de terem mais uma ocupação no seu dia a dia, deixando menos tempo para os assuntos mais familiares e domésticos; e o sentimento de culpa, por não poderem estar junto das famílias e não fazer o que supostamente lhes competia como membros de uma família, tal como cuidar dos filhos. Blinn e Harrist (1991) prosseguiram pegando no fator “tempo” sugerindo que as temporalidades no ciclo de vida das mulheres, o ano letivo e de ritmos diários são uma fonte útil através da qual se pode compreender a experiência das mulheres como estudantes universitárias novamente.

Passo 6 – Apresentação de resultados. Após todo o processo, os resultados são apresentados a quem participou, e a quem eventualmente tivesse sido envolvido. No caso de Blinn e Harrist (1991), não reproduziram as fotografias tiradas pelas suas entrevistadas, apenas estando referidas em texto. Com base nos métodos de análise feita por eles, quer às imagens quer à autorreflexão sobre as imagens, realizaram uma representação de dados numa tabela. O facto de não reproduzirem as fotografias, hábito pouco comum em *Photo Elicitation*, reforça a intenção de os textos finais sobre a pesquisa sejam dominantes em relação às fotografias, ou seja, a atenção dirige-se mais para o texto.

**Foto 24**

Um jovem Maasai a fotografar durante a atividade de *photo-elicitation*

Fonte: Peter, Maasai man, Mkuru, 2008.



Concluindo, segundo Blinn e Harrist (1991) existem duas grandes razões pelas quais se deve relacionar a fotografia e as entrevistas, originando assim um criterioso método de investigação: primeiro, porque fornece informação detalhada sobre como os entrevistados vêem o seu mundo; e segundo, porque permite aos entrevistados refletir sobre matérias que normalmente nem reparam por já serem intrínsecas à sua rotina.

escola básica e
SEAV

III - PRÁTICA

secundária
er do Voulga

1-PROGRAMA DE PROJETO

Neste ponto pretende-se informar o leitor das intenções de implementação do projeto no contexto que lhe é destinado, existindo por vezes, situações de confronto de ideias do próprio autor, de modo a alcançar as linhas de orientação para implementação posterior deste projeto.

Com o objetivo de envolver os jovens Severenses no território e nos seus costumes, os intervenientes seriam alunos do 9º, 10º e 11º ano da Escola Básica e Secundária de Sever do Vouga, e o elemento de estudo seria o território onde vivem, incluindo os costumes, as gentes, as rotinas, e desta forma pesquisarem sobre o que é e como é Sever do Vouga, e identificar quais os pontos fortes e fracos no concelho, tentando assim, colmatar a falha encontrada na fraca fixação de população no Concelho. Iriam fazê-lo de acordo com a metodologia *Photo Elicitation*, em horário extracurricular, nas instalações do Agrupamento Escolar de Sever do Vouga.

Existem dois tipos de comunicação neste projeto: um para os alunos (Grupo 1) e outros para os habitantes deste concelho (Grupo 2). A par destes dois tipos de comunicação, também viria a ser lançada uma plataforma de comunicação (site) para todos os interessados em conhecer o projeto.

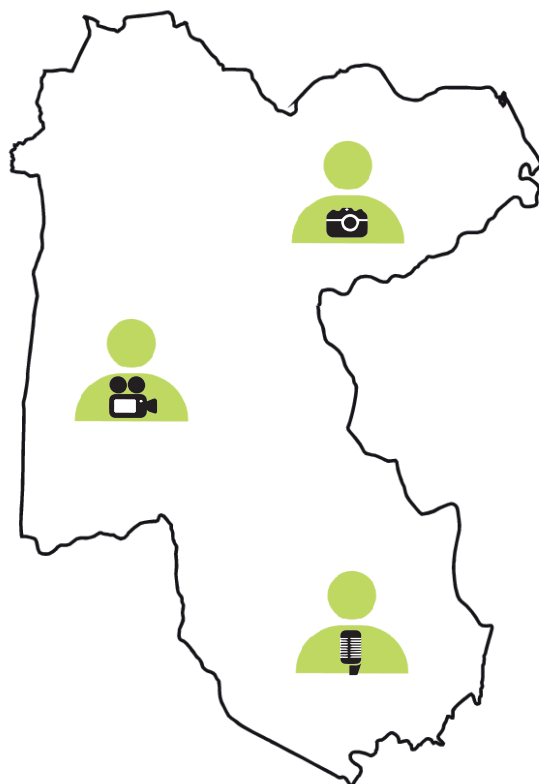


Figura 12
Ilustração do que se pretende fazer com este projeto
- Incentivar os jovens a pesquisar o concelho de Sever do Vouga através de Fotografia, Som e Video

^
Foto 25
Fotografia da entrada da Escola em Sever do Vouga

1.1 - Alunos | Grupo 1

Estes alunos teriam de ser cativados a participar, e teriam de ser motivados a conhecer o território onde vivem. Seriam assim confrontados com diversas performances de apelo, de modo a suscitar interesse nos alunos, dando origem a uma seleção não anunciada. Acredita-se ser importante para a divulgação do projeto, não dizer exatamente o que se quer fazer, querendo apenas incentivar o conhecimento do território que habitam – inscrever-se-ão os interessados. Toda esta comunicação seria fruto de um crescente trabalho, começando pela criação de uma página na web e nas redes sociais, e através de iniciativas de sensibilização à participação na escola, como projeções de vídeo e som, criando assim *suspense* sobre o que será este projeto. Isto seria então o Passo 0 – considera-se que este é o ponto de partida, antes das entrevistas referidas no Passo 1 de Blinn e Harrist (1991). Tentar-se-ia então seguir, na medida do possível, os passos básicos do *Photo Elicitation*.

Neste Passo 1, realizar-se-ia uma reunião/entrevista num grupo onde viriam a estar todos os possíveis interessados e onde se discutiria e se escolheriam os temas a ser abordados, bem como se introduziria um pouco mais aquilo que se pretende com este projeto. Existiria um Passo intermédio, de preparação para o Passo 2, e que seria já com os grupos de cada ano, em que se explicaria e se tirariam possíveis dúvidas sobre os objetivos e limites do projeto, bem como o material a usar.

No Passo 2, proceder-se-ia à realização de workshops, onde se ensinariam noções básicas de como funcionar com determinadas ferramentas de captação da realidade. Este Passo 2 é importante, pois cria uma divisão entre as matérias abordadas por cada ano, originando assim uma evolução não só técnica, mas também cognitiva. Ou seja,

um aluno do 10º ano irá aprender mais um pouco em relação ao que aprendeu no ano anterior, e o mesmo acontece a um aluno do 11º ano que aprenderia mais um pouco em relação aos dois anos anteriores, e não se trata apenas de aprender a manobrar um programa computacional, mas também é importante que aprenda a relacionar conhecimentos e a aplicá-los neste projeto, bem como na vida real. Desta forma existirão 3 maneiras de “sentir” o território através do *Photo Elicitation*. E é neste passo que é introduzido um fator de inovação. Falou-se acima em casos de estudo com vídeo, e casos de estudo com fotografia, e aqui introduz-se o som – o som acaba por ser também uma representação da realidade, e sabe-se bem como é bom estar à beira mar e fechar os olhos por instantes e ouvir o som do mar; o mesmo se passa com um cego que perdeu a visão recentemente (ou seja, soube experienciar a visão) e que desenvolve os outros sentidos e acima de tudo a audição, dando mais valor a este sentido. E se o objetivo deste projeto é conhecer Sever do Vouga, porque não ouvir Sever do Vouga? Tem-se então a seguinte estrutura de serviço: o 9º ano trabalhará a imagem estática, tendo formações sobre o funcionamento da luz, e de enquadramentos, ou seja de noções básicas de fotografia, algo não muito aprofundado, pois não se quer perder alguma espontaneidade que possa surgir no projeto. Por vezes, uma pessoa espontânea pode fornecer outros valores e outras visões da realidade, que uma pessoa habilitada não teria. Trabalharão com máquinas fotográficas analógicas, e o ideal seria máquinas descartáveis, visto que assim temos o primeiro intuito das fotografias registado, o que obriga a cada um a refletir sobre se “é realmente isto que quero fotografar?”; o 10º ano trabalhará o som, e terá formações de tratamento de captação de som e sonoplastia. Visto que tanto o 9º como o 10º ano realizarão capturas da realidade relativamente simples, que não implica muitos conhecimentos de montagem, como mais à frente se refere, crê-se que para estes dois grupos o ideal seria

o trabalho individual, pois cria incentivo à reflexão, seja na fotografia como na escuta de sons do território – uma pessoa sozinha tem mais disponibilidade para pensar do que acompanhada, e a fonte desta atitude é a experiência própria do autor deste paper; sobra então o 11º ano que trabalhará então o vídeo, que acaba por ser uma junção de som e de imagem. E aqui as coisas tornam-se mais complicadas e também mais interessantes, pois já poderá ser realizado em grupo, e as formações irão de encontro às variedades que o vídeo pode dar, seja um vídeo da realidade, seja um vídeo com uma representação da realidade. Quer-se com isto dizer, que o vídeo tanto pode ser capturado diretamente de acordo com os interesses do grupo de alunos, mas pode também ser encenado, e aqui já se entra na área da escrita de guiões, desenvolvimento de story boards, ou mesmo a criação da própria banda sonora, e o vídeo pode ser apenas isto, uma representação da realidade de Sever do Vouga, através de imagens e de uma composição musical que exprima o que é viver ali, por exemplo. Todo o material necessário será adquirido com recursos da Fundação Edite Costa Matos – Mão Amiga, Agrupamento de Escolas de Sever do Vouga e/ou de possíveis patrocinadores.

No que toca aos formadores, apenas está encontrado quem irá formar estes alunos sobre fotografia, sendo o autor do projeto e deste texto (podendo ser substituído, em caso de indisponibilidade) o responsável por essa área, pois neste momento não possui os conhecimentos necessários para formar nas áreas restantes, pelo que é necessário a colaboração de técnicos formadores dessas mesmas áreas.



Exemplo de como pode resultar o som neste projeto

Filme de Kirsten Sheridan, August Rush [2007], em que o protagonista Evan Taylor [Freddie Highmore], é uma criança sem abrigo, mas com um talento enorme para a música e dotado de ouvido absoluto, e que entra para a New York Philharmonic, e cria uma peça musical que retrata o movimento da cidade de Nova Iorque



Figura 13
Capa do Filme
"August Rush"
Fonte: Google

O Passo 3 de Blinn e Harrist (1991), aqui só faz sentido se for aplicado ao 9º e 10º anos, visto que o trabalho no 11º ano já implica uma reflexão sobre o que fazer (e daí ser importante um aluno no 11º ter passado pela experiência de olhar Sever no 9º ano, e de ouvir Sever no 10º - o que levanta problemas na equidade do desenvolvimento durante o período de implementação, principalmente no primeiro ano, visto ser um projeto autossustentado pela curiosidade de saber mais de ano para ano). Define-se assim que para além das formações no 9º ano e 10º ano, seriam entregues as “fichas de reflexão” a estes alunos, a fim de se discutir depois os resultados no Passo 4.

O Passo 4 tem dois pontos diferentes, e como refere acima no passo anterior, há uma distinção da complexidade do que é feito no 11º ano do que nos outros anos, se bem que necessitam os 3 anos de momentos de reflexão, mas no caso do 11º ano, o processo de reflexão já tem de vir de trás. Desta feita, este passo apenas é apenas aplicado ao 9º ano e ao 10º ano, de modo a perceber os “porquês” de cada um dos participantes. No 11º ano, seria feita uma apresentação entre eles (alunos do 11º ano) de modo a discutir os assuntos abordados em cada filme, e possíveis melhorias – aqui será um processo que com o tempo pode sofrer algumas alterações e ajustes para o melhor funcionamento do projeto. E aqui termina a participação destes alunos neste projeto, ficando apenas a faltar a ajuda na divulgação e preparação do produto final, que se referirá no Passo 6.

No Passo 5 ter-se-ia de analisar todos os dados recolhidos, e organizá-los, de modo a se poder planejar um bom Passo 6, que trata da apresentação dos resultados à comunidade, que seria então numa exposição itinerante, e que andaria, não só pelos locais destinados a exposições como o Centro de Artes e Espectáculos de Sever do Vouga, mas também em locais de interesse turístico, levando assim os Severenses e “não-Severenses” a estes locais, uma vez que muitos deles nunca visitaram a Cascata da Filveda, por exemplo. E aqui já se entra na parte que toca à comunicação feita ao segundo grupo deste projeto: os habitantes do concelho de Sever do Vouga.

1.2 - Severenses | Grupo 2

A parte da comunicação aos habitantes deste concelho prende-se um pouco com o facto de algumas pessoas não se sentirem à vontade de aparecer em frente a máquinas de fotografar ou de filmar, e é com o intuito de prevenir este tipo de acontecimentos, que é necessário haver um incentivo à ajuda e à desinibição destes, de modo a poderem colaborar com os jovens estudantes. Segundo James Lull (1990), umas das formas para aceder à audiência é recorrer às direções ou pessoas com cargos maiores em instituições, como escolas ou igrejas, mesmo que apenas envolva um pequeno grupo de pessoas – sabe-se que a maioria das pessoas em Sever do Vouga são católicas e frequentam a igreja. De acordo com Lull (1990), cerca de 25 a 30% das pessoas abordadas irão concordar em participar no projeto. Pode também optar-se pela via da comunicação social, sejam jornais locais ou mesmo radio local, ou então pela via do “passa palavra”.

Tal como existe uma comunicação dirigida aos jovens, através de ações referidas anteriormente, também teria de existir uma estratégia de comunicação através do Design, que incentivasse as pessoas a participar, que preferencialmente será através de cartazes, MUPLs, e *flyers* com frases ou imagens que mostrem que estes alunos que andam a conhecer o concelho não têm más intenções, e que este projeto é uma mais-valia também para eles.

Com isto surge outra questão: as permissões e autorizações para utilizar a imagem do outro em prol de um projeto. As permissões e os direitos de imagem inerentes a um projeto destes, devem ser legalmente encaradas de modo a proteger a privacidade do objeto de estudo, que é a população, tornando-se uma segurança para todos, bem como para o projeto, pois este pode ser validado com as imagens sempre que necessário, derivado da reflexão contínua sobre o assunto, e também tornando o projeto mais ético. Segundo Rose (2007), as autorizações podem ser feitas de duas maneiras: a primeira envolve as autorizações para poder fotografar ou filmar quer o local onde este ato se realiza, quer a pessoa que aparece nas reproduções; a segunda envolve a permissão para poder reproduzir as imagens.

No primeiro caso, quando se trata de criar uma imagem de alguém, pode bastar apenas a pergunta “posso tirar-lhe uma fotografia?” sendo que o documento escrito apenas é utilizado se a necessidade, de certa pessoa ou local representado, for grande e houver dificuldades de acordo entre as partes (Banks, 2001) - se bem que um pesquisador tem de estar sensível a acontecimentos do género. No que toca à reprodução das imagens, é um assunto importante que o pesquisador deve esclarecer logo, tanto no que respeita ao lugar de reprodução das imagens, bem como o método de reprodução, e esta questão aplica-se neste projeto

quer aos alunos quer aos habitantes do concelho, pois quem captar as imagens vai ser o detentor dos direitos dessas mesmas imagens, bem como será necessária a autorização da pessoa que é representada nessas imagens. E logo aqui suscita a necessidade de criar declarações de autorização que terão de andar com os alunos para o caso de necessitarem de fotografar ou gravar alguém ou algum local privado, e cria também a necessidade de haver uma declaração de autorização a passar os direitos do material captado pelos alunos para o coordenador do projeto, sendo que estes podem utilizar as suas criações posteriormente.

Seria também importante entregar um exemplar das imagens a cada pessoa que apareça nelas, até porque incentiva fortemente a participação geral.

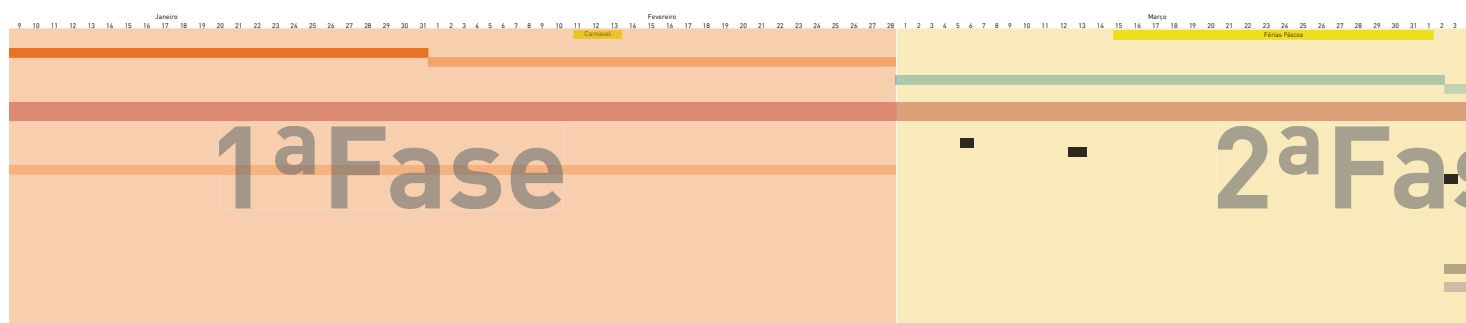
1.3 - "Não Severenses"

Posteriormente, existiria uma estratégia de comunicação para o exterior, que tal como o projeto em si e valorize o território adjacente ao mesmo. Será essencialmente um site, de preferência em várias línguas e divulgação nas redes sociais, e se possível nos jornais locais e rádios locais.

2 - RELATÓRIO DE APLICAÇÃO DO PROJETO

Os dados apresentados no ponto anterior referem o modo como se pensou aplicar este projeto num contexto específico, neste caso, no Agrupamento de Escolas de Sever do Vouga, e a aplicação do projeto tentou sempre corresponder aos passos e indicações acima referidos. Contudo, a execução dos passos planeados sofreu alterações, questões de timing, e de disponibilidade, que fizeram com que o projeto não corresse como planeado.

O ideal seria o projeto ter sido apresentado no início do ano letivo, o que acabou por não acontecer, devido a atrasos nas respostas por parte do Agrupamento, o que levou a que a apresentação do projeto apenas acontecesse a meio do segundo período. Nesta altura, o projeto estava idealizado para ser cumprido até ao final desse ano letivo, como mostra a imagem (anexo 2). Estiveram presentes nesta reunião dois membros do Conselho Executivo da Escola, uma docente de artes visuais, uma representante por parte da Fundação Mão Amiga, o co-orientador do Mestrando e representante da Universidade de Aveiro, e o Mestrando organizador do projeto.

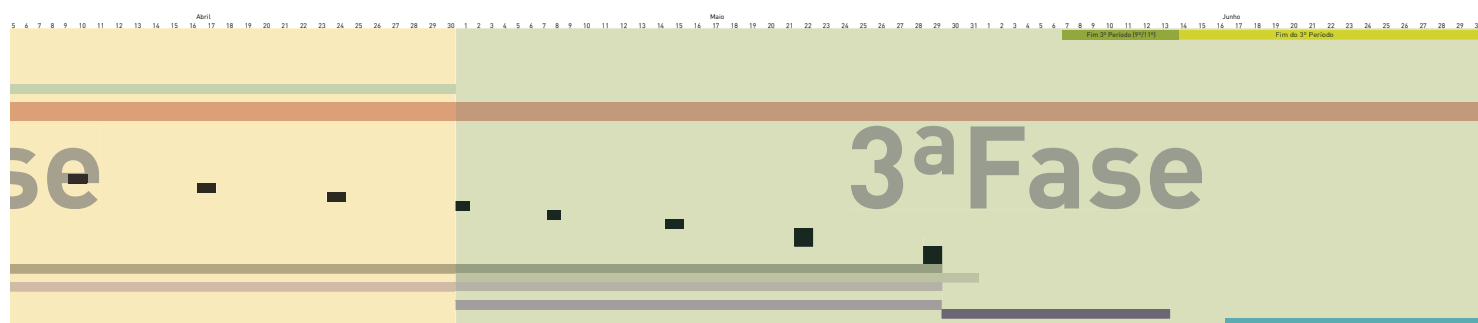


Nesta fase, são desenhados todos os meios que serão utilizados no projeto, bem como todos os meios que irão cativar os alunos a participar.

Nesta fase, dá-se início ao projeto na escola, e começa-se a desenhar todos os meios que darão a conhecer o projeto ao concelho, apelando à abertura para a participação das pessoas, caso estes alunos envolvidos venham ter com estes para os ajudar no trabalho.

2.1 - Primeira Abordagem com os alunos

Para este primeiro contacto com os alunos da escola, foram destacados dois professores que iriam acompanhar o projeto por dentro, de modo a que este se desenvolvesse e corresse como planeado - um professor e Vice-Diretor, e a incansável docente de artes visuais que, que se mostrou sempre disponível e com vontade de levar este projeto avante, sugerindo logo que o projeto poderia ser aproveitado para fornecer conteúdos relativos ao programa letivo, e assim sendo, não iria atrapalhar o funcionamento das aulas.



Nesta Fase, começa-se a organizar a informação recolhida pelos alunos, de modo a organizar a Exposição Final, e desta forma criar os meios necessários a apelar à visita da mesma.



Figura 14
Croonologia do planeamento das tarefas a realizar até ao final do ano letivo em curso. (Anexo 2)

Foi dada a permissão para avançar na escola, e a um mês do fim do segundo período, estava a ser apresentado o projeto a alunos do 9º ao 12º Anos.

Esta apresentação foi antecedida de uma divulgação através de cartazes pela escola com mensagens que questionavam qual o grau de conhecimento por parte dos alunos, em relação ao concelho de Sever do Vouga, e indicando que a naquela data, no Polivalente da Escola, iria acontecer aquele evento. O passo da divulgação corresponde ao “passo 0”, referido no ponto 1.1 deste capítulo.



<
Fotos 26 - 31
Imagens da
colocação de
cartazes na escola

Prosseguiu-se para o passo 1 da implementação na escola, com a apresentação deste Projeto, que se dá pelo nome de “Maneiras de Sever” - a explicação do nome está referida no ponto 3 deste capítulo. A apresentação teve uma audiência de cerca de 120 alunos, acompanhados de professores, e contou com a colaboração da professora responsável pelo projeto na Escola, um Docente de Design na Universidade de Aveiro e Co-orientador do Mestrando, a representante da Fundação de Edite Costa Matos - Mão Amiga, e o organizador do projeto e Mestrando que apresenta esta dissertação.



>
Fotos 32 - 44
Fotografias da
apresentação do
“Maneiras de Sever”
à comunidade
escolar



<
Fotos 45 - 49
Foi desenhado um objeto de “observação” que pretendia captar a atenção dos alunos, mostrando um teaser criado para promover o projeto e os seus principais objetivos

Foram apresentados nesta sessão os motivos e os objetivos deste projeto, bem como várias razões pelas quais, os alunos deveriam participar neste projeto. Os alunos foram apresentados com uns óculos de origami, relativos ao projeto, e receberam uma ficha de inscrição, que pretendia perceber quais os meios disponíveis a cada aluno inscrito, bem como, visava informar os Encarregados de Educação da existência deste projeto através de um destacável.

Até à primeira semana do 3º período escolar, as inscrições estiveram abertas, e obtiveram-se 66 inscrições (38 alunos do 9º Ano; 2 do 10º Ano; 10 do 11º Ano; e 16 do 12º Ano).

Após a confirmação de alunos interessados, prosseguiu-se para a marcação dos workshops planeados, de acordo com o ponto 2 de implementação.

Previa-se a realização de vários workshops: pesquisa, fotografia, som, e video (4 workshops divididos em 10 sessões). Estas sessões aconteceriam às quartas feiras da parte da tarde, por ser um período em que os alunos envolvidos não teriam aulas. Antecedendo os workshops, estava também prevista uma visita a uma exposição, de modo a que estes alunos pudessem contactar com outros meios e modos de representação, bem como técnicas de trabalhar os temas dos workshops. Essa visita acabou por não se concretizar, devido ao tempo que restava para realizar os workshops, até ao final desse ano letivo.

2.2 - Workshops

2.2.1 - Funcionamento e Implementação

Aqui, debate-se a questão de como implementar este projeto, pois acima, no ponto 1.1, foi referido que no 11º ano já implica uma reflexão sobre o que fazer (e daí ser importante um aluno no 11º ter passado pela experiência de olhar Sever no 9º ano, e de ouvir Sever no 10º ano), ou seja, que um aluno no 11º ano tem de passar obrigatoriamente pelos anos anteriores e adquirir o conhecimento fornecido em cada ano, bem como um aluno do 10º ano tem de adquirir informações sobre fotografia, de modo a poder aplicar esse conhecimento no ano a seguir. E isto pode acontecer de três formas:

1 - ou se sobrecarrega os alunos do 10º ano com a matéria do 9º ano, e o mesmo aconteceria aos alunos do 11º que ficariam também com os workshops do 9º ano e 10º ano;

2 - uma implementação gradual mantendo os 3 anos intervenientes, ou seja, no primeiro ano de implementação do projeto, todos alunos teriam acesso à matéria de fotografia, no ano letivo seguinte os novos alunos do 9ºano manteriam a fotografia, e os novos alunos do 10º ano e 11º ano já teriam acesso a matéria sobre som, e no 3º ano de implementação as matérias já estariam corretamente distribuídas pelos 3 anos;

3 - uma implementação também gradual, mas no primeiro ano de implementação apenas os alunos do 9º ano estariam envolvidos com a matéria respetiva, sendo que no ano letivo seguinte, passariam para o 10º e já teriam as formações sobre som e os do 9º com fotografia, e no 3º ano de implementação estaria tudo a funcionar como deve ser, de acordo com as ideias pensadas para este projeto.

























	Ano de Implementação	9º Ano	10º Ano	11º Ano		
Hipótese 1	1º Ai		 	  	VANTAGENS:	Implementação em apenas 2 anos; Envolve os 3 anos
	2º Ai					
	3º Ai	-	-	-	DESvantagens:	Sobrecarga horária; compra material de uma só vez
Hipótese 2	1º Ai				VANTAGENS:	Compra material faseada; Envolve os 3 anos
	2º Ai					
	3º Ai				DESvantagens:	Gera excesso de informação na mesma técnica; implica seleção
Hipótese 3	1º Ai		-	-	VANTAGENS:	Compra material faseada
	2º Ai			-		
	3º Ai				DESvantagens:	Não envolve 3 anos início; Risco de perda de interesse por falta de exemplos


Tabela
 Tabela de análise de hipóteses de implementação dos workshops

 Fotografia
 Som
 Video

A primeira hipótese é a única que cria condições a existirem resultados das 3 áreas (Fotografia, som e vídeo) logo no primeiro ano, e que implementa o projeto em apenas dois anos, sendo que as outras duas hipóteses o implementam em 3 anos, mas implica um investimento inicial maior, visto que é necessário comprar o material todo de uma só vez, e pode tornar-se complicado para os alunos, principalmente do 11º ano, terem as formações todas. As hipóteses 2 e 3, são propostas que implicam uma implementação gradual e em 3 anos. A hipótese 2 garante a envolvimento dos 3 anos durante todo o período de implementação, mas poderá gerar um excesso de informação dentro da mesma área (irá existir uma enorme quantidade de fotografias no primeiro ano) o que possivelmente irá criar a necessidade de selecionar trabalhos, fazendo com que alguns deles fiquem excluídos, o que traria desmotivação a alunos do 9º e 10º anos, visto que se iria dar oportunidade aos do 11º ano para expor trabalhos. A hipótese 3, envolve melhor gestão de custos, devido ao facto de apenas o 9º ano participar no primeiro ano de implementação,

e apenas ser necessário adquirir material apenas para esse ano. No ano seguinte participaram 9º e 10º, e o material do 10º ano servirá para os anos posteriores, bem como o material adquirido no ano seguinte para o 11º ano ficará para anos posteriores. Esta hipótese cria “buracos” nos resultados nos dois primeiros anos de implementação, ficando o criador deste projeto encarregue de mostrar de modo meramente indicativo, formas de sentir o concelho de Sever do Vouga de outras maneiras, uma vez que este possui os recursos técnicos e cognitivos para poder realizar tal feito, o que posteriormente acabaria por condicionar os resultados de anos futuros, sendo este um ponto negativo desta hipótese, embora contornável. Visto que uma das hipóteses tem de ser escolhida, opta-se pela hipótese 1, que se implementa em menor período de tempo, e que acabará por apresentar resultados em todas as áreas, sendo estas as suas maiores vantagens.

O facto de o projeto ter arrancado muito tarde no plano escolar, fez com que o conteúdo dos workshops fosse reduzido para 4 sessões (uma para cada tema), e posteriormente para duas sessões (pesquisa e fotografia num dia; som e video noutro dia).

O arranque dos workshops estava previsto para a terceira semana do terceiro período escolar, mas tal não aconteceu, devido aos timings dos meios de transporte escolares, que teriam de ser requisitados juntos da Câmara Municipal, para que pudesse transportar os alunos necessitados de transporte no final de cada sessão. Por este motivo, os workshops foram reduzidos para apenas duas sessões, a três semanas de terminar o ano letivo, datas em que os meios de transporte estavam disponíveis.

2.2.2 - Workshop Pesquisa e Fotografia

A primeira sessão, contou com a presença de 21 alunos. Estes alunos ouviram as melhores formas de realizar uma investigação pela professora que apoia este projeto desde início, dando-lhes assim as dicas para um arranque de projeto com base na pesquisa sobre o território de Sever do Vouga, de modo a que pudessem conhecer um pouco mais sobre o Concelho. Foram referidas as folhas de preenchimento sobre o tema que iriam trabalhar, com o intuito de contextualizar os trabalhos na exposição final.

No que toca à parte da fotografia, o workshop foi dado pelo mestrando que organizou o projeto, tendo apresentado aos alunos tipos de máquinas, tipos de lentes, planos fotográficos, e acima de tudo, o funcionamento da luz e como trabalhar a luz com as diferentes capacidades de uma máquina fotográfica. Para este workshop foi criado um manual de fotografia, com toda a informação necessária para um início básico no mundo da fotografia. Toda a informação colocada no manual (Anexo 3) foi retirada de slides de aulas de fotografia que o autor teve com o Professor e Fotógrafo José Aguilar, na *Universitat Jaume I* - Castellón de la Plana.



Fotos 50, 51 e 52
Fotografias dos
oradores perante a
plateia (ao lado),
aluna a ler o manual
de fotografia
fornecido (em baixo)



Depois de toda a teoria sobre fotografia ter sido abordada, seguiu-se um exercício de “*Light Painting*” com os alunos presentes, que acabou por não resultar bem, devido à falta de tempo. Tentava-se escrever “Maneiras de Sever”.



Fotos 53
Resultado da
segunda e última
tentativa de *light*
painting



Fotos 54 - 65
Fotografias do
workshop de som

2.2.3 - Workshop de Som

Estava prevista a realização de dois workshops nesta sessão, mas devido à presença de apenas 6 alunos, o workshop de som acabou por se alongar e ocupar o tempo previsto para o workshop de video.

Neste workshop orientado por um representante da *LoudStudio*, falou-se de ondas de som, tipos de microfones, formatos de som, falando-se até em capacidade humana para ouvir. Foram feitos testes com microfones e brincadeiras com som, tendo sido duas horas sobre som bastante produtivas, e conclusivas para quem participou.

O workshop de video seria dado por docente de Design na Universidade de Aveiro.



O facto de os workshops se terem arrastado para o final escolar, devido a todos os problemas com timings dos autocarros, da própria escola, e mesmo ao calendário escolar do alunos (por se realizar em época de testes e exames), levou a que o workshop de video nunca fosse dado.

Iniciou-se o período de férias, e através da rede social *Facebook*, os alunos foram incentivados a participar com fotos antigas, e para tentarem continuar o projeto durante esse período, mas tal não viria acontecer, visto que muitos estavam a passar férias fora de Sever do Vouga.

Entretanto foi fornecido material recolhido pelos seus alunos do 9º ano, visto que o projeto “Maneiras de Sever” se podia integrar no plano curricular destas turmas.



2.3 - Segunda abordagem com os alunos

Após interrupção letiva, voltou-se a contactar a escola, de modo a perceber de que modo se podia concluir o projeto, e em que condições. No início do novo ano letivo, realizou-se uma reunião na escola, que contou com a presença da adjunta da Diretora, a Professora já antes envolvida no projeto, a representante da Fundação Mão Amiga, e o Mestrando organizador deste projeto. Mais uma vez a Professora foi crucial para a concretização deste projeto. A proposta de recomeçar o projeto apenas com duas das suas turmas foi aceite. Com turmas de artes do 10º e do 12º anos, juntamente com duas alunas auto-propostas, tinha-se uma boa base para re-introduzir o projeto na escola, e assim, avançar para uma exposição final, a realizar no Centro de Artes e Espetáculos (CAESV). Desta forma, planeou-se 5 encontros com estes alunos, em horário letivo, cedido pela Professora interveniente. Voltar-se-ia a repetir o primeiro passo da planificação inicial, mas desta vez de uma forma mais restrita. Os passos 3, 4 e 5 seriam abordados nestas sessões.



Fotos 72 e 73

Autor desta dissertação com as duas turmas: 10º E (esq.) 12º D (dir.)



Fotos 66 - 71

Algumas fotografias tiradas por alunos do 9º ano

Antes de avançar com a primeira reunião com os alunos, foi feito um guião (Anexo 5) que visava orientar os alunos segundo áreas de investigação sobre Sever do Vouga:

PATRIMÓNIO NATURAL

Florestas, cascatas, rios, entre outros elementos naturais que estão incluídos entre as barreiras legislativas do concelho.

PATRIMÓNIO HISTÓRICO

Desde as primeiras marcas humanas identificadas nos terrenos de Sever que remontam ao período megalítico, até a edifícios importantes para a história do concelho.

CULTURA

As tradições, os hábitos, as associações culturais e recreativas. Tudo o que á atividade cultural diz respeito.

DESPORTO

A atividade desportiva existente no concelho, seja ela através de entidades recreativas ou a título individual, proporcionada pelas infraestruturas desportivas ou adaptadas da natureza para a prática do desporto.

ATIVIDADES ECONÓMICAS

Retratos dos trabalhos artesanais e industriais existentes no concelho.

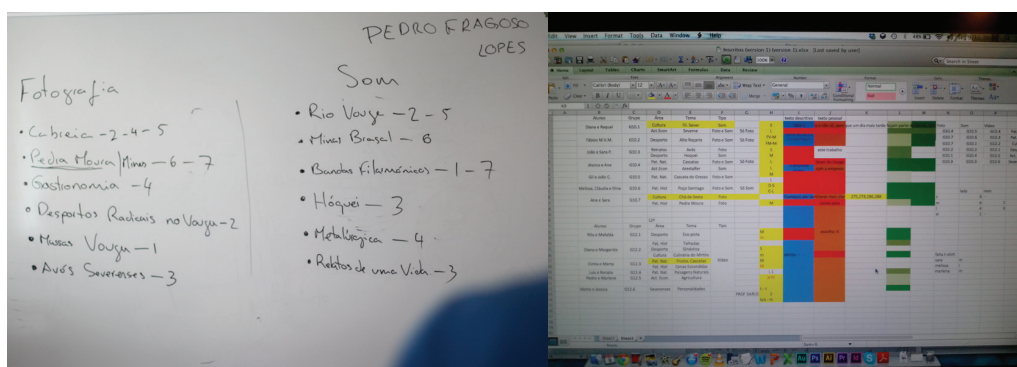
SEVERENSES

Das histórias de um simples cidadão Severense aos Severenses mais influentes na comunidade.

Todos estes pontos se referem a Cultura em geral, mas objetiva-se limitar os alunos nos temas dos trabalhos, de modo a não dispersarem.

O primeiro encontro aconteceu e aqui foi apresentado o projeto, e os seus objetivos, seguido de formação de grupos e distribuição de tarefas-seguindo o guião. Na turma do 10º ano formaram-se 6 grupos de dois a três elementos, que ficaram responsáveis pela captação fotográfica e sonora dos temas distribuídos, ao paço que os alunos do 12º, com 5 grupos, ficaram encarregues de realizar vídeos, e um roteiro sonoro sobre Sever do Vouga. Os temas sugeridos foram debatidos nesta aula, e o guião foi alterado com a colaboração dos alunos, que foram sugerindo locais, pessoas e temas que se enquadrassem com as áreas propostas, e assim fazendo-os sentir mais à vontade com o trabalho, e facilitando-os na sua realização em termos geográficos. Iniciaram então pela pesquisa dos temas auto-propostos.

>
Fotos 74 e 75
 Fotografia do quadro com a distribuição dos temas pelas turmas (esq.) e imagem da tabela excel com os grupos, e a avaliação do desenvolvimento dos seus trabalhos, ao longo dos encontros (dir.)



Nesta sessão foram entregues manuais de fotografia, e foram abordadas algumas técnicas de captação de som, assim como foram distribuídos inquéritos que avaliaram as noções de conhecimento dos alunos sobre Sever do Vouga, e qual a sua opinião sobre as características deste concelho. (Anexo 7)

A análise dos resultados dos inquéritos encontra-se no ponto 1 do capítulo IV, pag. 122



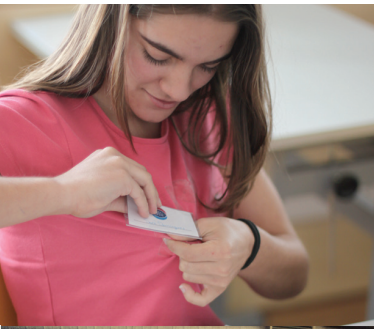
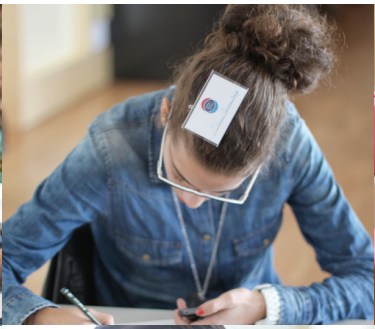
Fotos 76 - 100

algumas imagens dos encontros com estas turmas, bem como alguns alunos a realizarem os seus trabalhos.

No segundo encontro, foi feito um acompanhamento da pesquisa, e alguns grupos que não sabiam ainda muito bem o que fazer, foi-lhes encaminhado um objetivo para seguirem. Desta forma, afunilaram-se os conteúdos em estudo. Alguns alunos entregaram documentos escritos com as pesquisas que fizeram, e outro mostraram alguns exemplos de fotografias, sons e vídeos que haviam realizado até então. Foi-lhes dado mais uma semana para aprofundarem a pesquisa, de modo a preencherem uma ficha sobre cada trabalho aquando da conclusão do projeto.

Todos os encontros seguintes foram baseados no acompanhamento dos projetos em curso, aprimorando detalhes de semana para semana, de modo a ter um resultado final coerente e estimulante para quem os fosse “sentir”.

Após a realização dos trabalhos foi pedida uma pequena memória descritiva, que pretendia contextualizar o visitante quanto ao objeto exposto através de uma pequena abordagem histórica, e que transmitia ao mesmo tempo a relação do produtor da obra exposta com o objeto em causa, mostrando a sua maneira de sentir aquele pedaço de concelho.



3 - EXPOSIÇÃO

A Exposição “Maneiras de Sever” foi pensada de acordo com o espaço existente. O local em causa, o Centro de Artes e Espetáculos de Sever do Vouga, possui tradição em exposições e eventos culturais, daí se ter pensado que este seria o melhor local para realizar uma exposição com os trabalhos dos alunos, bem como possibilitaria a realização de atuações musicais.

Pensou-se então em realizar um evento cultural, que fosse 100% feito por Severenses, e fosse destinado acima de tudo aos Severenses.



Fotos 101

Cartaz do evento, com programação. Ilustrações feitas pelos alunos das turmas de artes envolvidas

3.1 - O espaço

“O estudo do espaço físico é essencial para qualquer projeto que existe dentro de um ambiente construído, expondo os designers às restrições concretas do local” (MacCampbel *et al.*, 2011).

Sabendo da disponibilidade do CAESV para a realização desta exposição, e sendo este um recinto dedicado a esta componente cultural, foi importante poder observar o espaço, com e sem objetos expostos, para posteriormente poder pensar numa organização de conteúdos que fosse interessante para quem viesse a visitar a exposição. Temos então os seguintes espaços disponíveis para exposição (imagem da planta do CAE)

Assim sendo, e de acordo com as características do espaço e do material que viria a ser exposto, foram estabelecidas quatro áreas dentro do Centro de Artes:



>
Fotos 102
Esboço do
planeamento e
organização do
espaço do evento.

ENTRADA: neste espaço viria a ser colocada informação relativa ao projeto, introduzindo aos visitantes o contexto da exposição. Informações sobre a Fundação Mão Amiga e o Mestrado em Design na Universidade de Aveiro estariam também disponíveis.

ÁREA DE EXPOSIÇÃO: As galerias que envolvem a área de espetáculos são destinadas a exposições. Estas galerias são compostas por dois corredores paralelos entre si, com a sala de espetáculos entre elas.

Tendo em conta o que se pediu aos alunos para realizarem, estes dois corredores foram divididos em 3, sendo que um corredor iria receber a parte fotográfica de um lado e som do outro, o corredor oposto iria apenas receber a parte de vídeo. Estas três paredes das galerias seriam ocupadas com os objetos de exposição, acompanhados da respetiva memória descritiva. Nestas paredes colocaram-se 19 fotografias, 6 mp3 com os conteúdos auditivos e 6 computadores com os vídeos realizados no âmbito deste projeto. Todas estas 3 zonas foram divididas pelas 6 áreas de investigação referidas anteriormente. Os trabalhos expostos e as respetivas memórias descritivas encontram-se em anexo (anexo 5).

ÁREA DE CONCLUSÃO: Nesta área, o espaço era dedicado à reflexão sobre o concelho. Aqui viria a ser colocada uma folha de papel de cenário com cerca de 5 metros de comprimento, onde as pessoas seriam induzidas a refletir sobre Sever do Vouga e o que este concelho significa na suas vidas. Aqui esteve também presente um inquérito que visava a avaliação da exposição “Maneiras de Sever”, da Fundação Mão Amiga, e perceber em que medida esta exposição mudou ou não a sua maneira de conhecer e reconhecer Sever do Vouga, bem como identificar os lugares, representados sob as várias formas de sentir, que não eram tão reconhecidos pelos visitantes.

PALCO: Pretendeu-se adicionar a esta exposição uma componente cultural, com um simples critério - todos os grupos que viessem atuar neste evento teriam de ser formados em Sever do Vouga, por Severenses. Desta forma, promover-se-ia e divulgar-se-ia a cultura Severense.

3.2 - A divulgação

Para promover o evento foram criados meios de comunicação físicos e digitais. Foram impressos cartazes com o programa do evento, e que foram distribuídos por todo o concelho, nos mais diversos locais de comércio (cafés, restaurantes, lojas, entre outros), de atividade cultural (associações desportivas e recreativas, biblioteca, escola) e pontos de passagem como paragens de autocarro, pontos ATM, entre outros, sendo até impresso um cartaz em formato grande, para colocar em mobiliário urbano para informação (MUPI) situado em frente à Câmara Municipal de Sever do Vouga - situação que acabou por não acontecer, pois ocorreu um erro de impressão.



>
Fotos 103
Cartazes do evento,
para distribuição
pelo concelho

A nível digital, foi criado um evento na rede social *Facebook*, já suportado pela página do projeto, e tanto no evento como na página foram colocadas “fotos de capa” que promoviam a Exposição, com a informação existente nos cartazes. Foi também realizado um *teaser* em vídeo que circulou na internet na semana antecedente ao evento.

A informação foi divulgada a nível nacional, através da RTP1, que colocou informação relativa ao Maneiras de Sever em rodapé do programa “Portugal em Direto”, tendo também o Porto Canal realizado uma reportagem sobre o evento (disponível online).

Localmente, ainda foi transmitida informação referente ao evento através dos padres nas paróquias.



^
Figura 14
Screenshot do momento em que o evento surgiu em rodapé, na RTP 1.

3.3 - O evento

O Maneiras de Sever realizou-se nos dias 9 e 10 de novembro de 2013 no Centro de Artes e Espetáculos de Sever do Vouga. Ambicionava ser um evento cultural 100% Severense, e assim o foi.

A exposição esteve sempre montada, durante os dois dias, permitindo a quem aderisse ao programa cultural, visitar e observar os trabalhos realizados pelos alunos envolvidos, e interagir com os mesmos, antes de entrarem para o auditório do centro.

A inauguração do evento aconteceu na tarde de Sábado, no auditório do CAESV, e contou com a presença de alguns alunos, artesãos, membros da autarquia e elementos da Fundação Mão Amiga, que puderam visitar os trabalhos expostos posteriormente, aquando a sua chegada. Nesta tarde, foi também apresentado o projeto TAS - Turismo e Artesanato de Sever, por Mário Tavares, também aluno deste mestrado, envolvido no território nas mesmas circunstâncias que o autor desta dissertação. Assim, fez parte da mesa, a D^a Edite Costa Matos, presidente e fundadora da Fundação Mão Amiga, o Sr. Presidente da Câmara Municipal de Sever do Vouga António Coutinho, o Professor Nuno Dias, diretor da Licenciatura em Design na Universidade de Aveiro, Mário Tavares e o autor deste projeto, ambos alunos do Mestrado em Design na Universidade de Aveiro.

Após uma breve apresentação por parte dos elementos da mesa, deu-se início a uma tertúlia sobre Sever do Vouga, onde os trabalhos que os alunos realizaram foram o mote para o desenvolvimento de uma conversa sobre este concelho. O organizador do evento foi o moderador desta conversa que envolveu o Presidente da Câmara e outros elementos da autarquia local, a Presidente da Fundação, jovens Severenses, artesãos, e outros Severenses interessados.

Deu-se depois, a visualização do filme “A menina da Rádio”, protagonizado por uma Severense, Maria Eugénia, fazendo a passagem para o programa cultural do evento

O programa cultural do evento contou com a participação de oito grupos musicais Severenses, entre eles dois ranchos, dois grupos de cantares, uma escola de música e três bandas de *covers*. Foram contactados dezasseis grupos locais, desde ranchos folclóricos, a bandas de garagem e filarmónicas, mas devido à falta de disponibilidade por parte destas, apenas se pôde contar com oito grupos - tendo estado presentes no CAESV cerca de trezentas pessoas nos dois dias do evento.

O Rancho Folclórico de Rocas do Vouga foi o primeiro grupo a atuar no palco do CAE de Sever do Vouga, trazendo a sua noção de entretenimento e tradição locais, contrastando com os grupos jovens que viriam a ocupar este auditório: Carolina Martins - Uma voz singular, com bons acompanhamentos que fez rostos corar e corações palpitar; Out of Service - com excelente presença de palco e espírito jovem que deram calor aos aplausos de quem os ouviu; e Doomsday - com uma prestação alternativa e altamente brilhante! Minutos memoráveis marcados por pura paixão pela música e entretenimento.

No dia seguinte, ocuparam o palco os elementos do grupo tradicional Chá de Sexta, da freguesia de Talhadas que lembraram a tradição através de uma atuação enérgica, cheia de ritmos e nuances sonoras. Seguidos pela Escola de Música “Pentagrama” onde Jovens promissores cheios de talento tiveram prestações brilhantes que enriqueceram em muito este dia. O Rancho de Sever do Vouga foi a penúltima atuação daquela tarde, com muito humor à mistura, chamando público para dançar (como também tinha sido feito com o Rancho de Rocas do Vouga).

A tarde terminou com o dedilhar das guitarras e o interpretar das canções com paixão pelo grupo “Cantares do Vouga”.

No final do fim de semana, para além de sorrisos nas caras de quem saía daquele evento, houve muitas reações dos visitantes, algumas colocadas no papel de cenário que ali se encontrava, e no inquérito realizado aos visitantes.

Todos os elementos expostos podem ser encontrados online, através das redes sociais, basta procurar por “Maneiras de Sever” no site respetivo*.



Figura 15, 16 e 17
Logotipos das redes sociais onde o projeto “Maneiras de Sever” pode ser encontrado



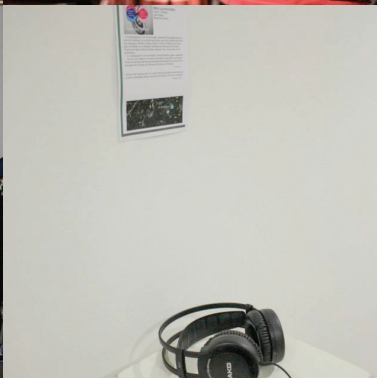
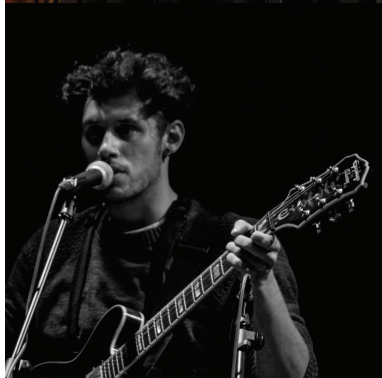
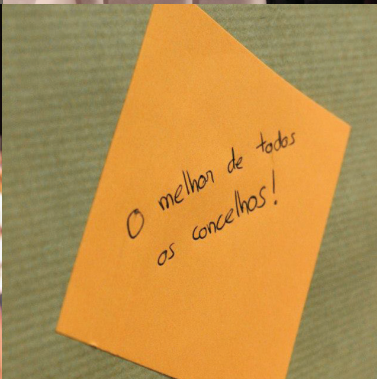
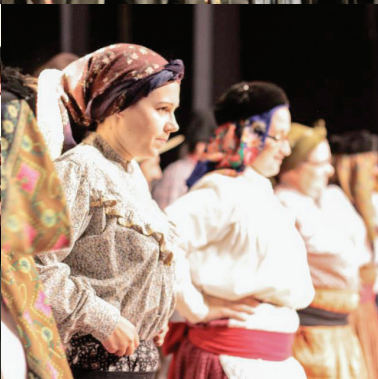
*Nota: A partir do momento que a escola autorizou a realização do “Maneiras de Sever” no seu recinto, foram criadas contas nas redes sociais, de modo a permitir uma divulgação do projeto, e posteriormente do evento. Foram então criadas contas no Facebook, Youtube, Flickr, Soundcloud e Instagram, onde foram feitas publicações com os desenvolvimentos do projeto junto dos alunos, e posteriormente, do evento e dos trabalhos expostos.

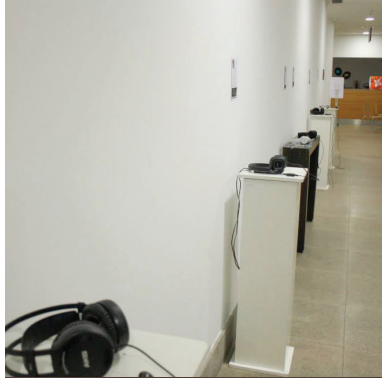


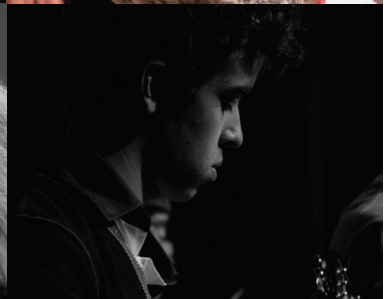
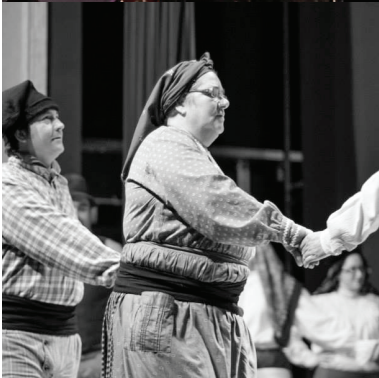
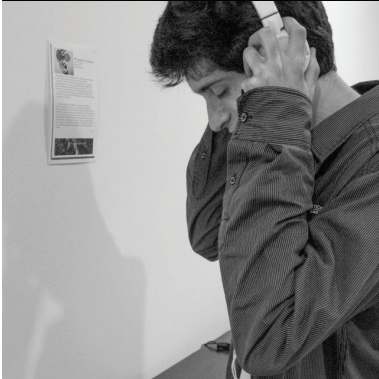
Fotos 104 - 200

As próximas quatro páginas mostram o “Maneiras de Sever” em fotografia.

Fonte: Marta Bastos, Luis Freitas e Rita Pereira









4 - ARMAZENAMENTO DE DADOS

Quanto ao destino dos registos materiais resultantes da aplicação deste projeto na escola e no território, prevê-se que possam interessar a várias áreas de conhecimento, como Antropologia, Sociologia, Psicologia, Geografia Humana, ou seja, áreas de investigação cultural, bem como a áreas relacionadas com a Comunicação e o Design. Estes registos culminarão num arquivo físico e digital, que pretende estar à disposição de todos os que se interessarem por este material, que poderá estar a cargo da Câmara Municipal de Sever do Vouga ou da Fundação Mão Amiga.

Da mesma maneira que se cria material informativo físico, é importante referir que o projeto assenta em desenvolver sentimento de pertença e identidade sobre o território, sendo que a divulgação da opinião de cada um dos intervenientes no projeto, direta ou indiretamente, é importante para a avaliação deste. Logo, a documentação desta informação também é necessária.

Todos estes aspetos indicam a possibilidade de envolvimento e interação de muitas pessoas de várias áreas de interesse, alargando assim o âmbito deste projeto. Assim sendo, o Design Editorial estará também presente no processo de publicação e desenvolvimento deste projeto.

5 - MARCA “MANEIRAS DE SEVER”

O projeto tem como nome “Maneiras de Sever”. Com este nome, cria-se uma analogia entre “Sever” e “Se ver”, sendo que este último se refere ao ato de “ver com olhos de ver”, remetendo assim para a profundidade de observação sobre o território que se pretende com o projeto.



Desta forma, e de acordo com as 3 etapas do projeto, existem sub-nomes, que vão ao encontro dos temas abordados em cada ano, sendo que para o 9º ano o projeto terá o nome de “Maneiras de Olhar”, o 10º chamar-se-á “Maneiras de Ouvir”, e por último “Maneiras de Saber” que corresponde ao 11º ano. Será, no entanto, oportuno clarificar a origem destes termos, sendo que para os dois primeiros (Olhar e Ouvir) não necessita demasiada explicação, visto que são basicamente os temas abordados nesses mesmos anos –

um aluno no 9º ano vai olhar para o Concelho, através de uma máquina fotográfica, e um aluno do 10º ouvirá o Concelho através da captação de sons. Quanto a “Saber”, trata-se de um sinónimo de “Sentir”, visto se querer um verbo com cinco letras, de modo a aplicar em termos gráficos num logotipo. Com este verbo, pode entender-se que ao fim do 11º ano, um aluno que tenha frequentado o projeto nas suas 3 fases, sabe mais sobre o território, e acima de tudo sabe mais no que toca a termos cognitivos ligados às aplicações dadas em cada ano.



Figura 18
Logotipo e variantes

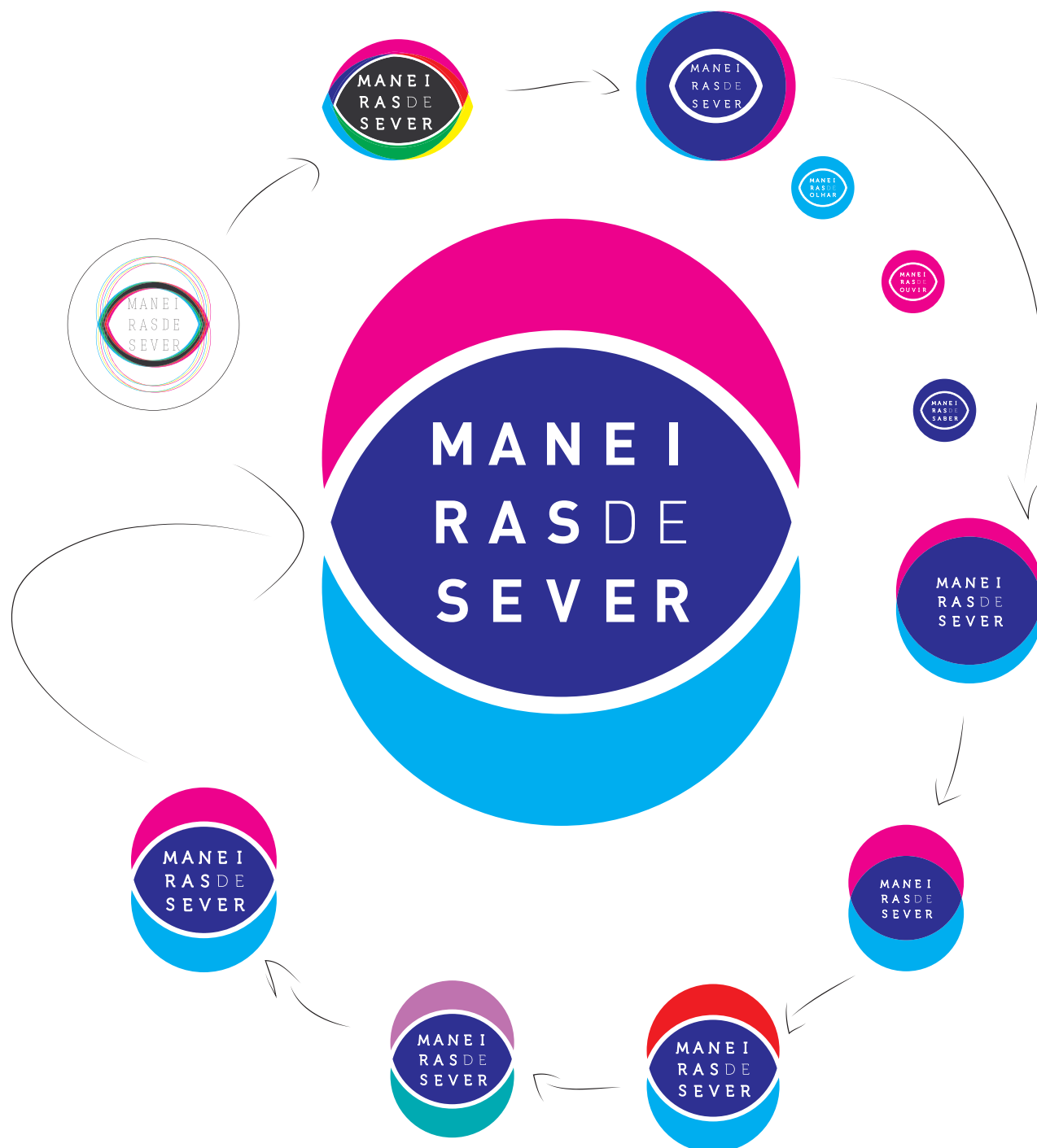


Figura 19
Evolução do logotipo

>
Figura 20
Aplicações do
logotipo em fundos
diferentes



No final, a marca mostra dois círculos de cores ciano e magenta, que se interseitam verticalmente, criando uma área semelhante a um olho, olho este que fica com a adição das cores dos círculos, cor essa que se aproxima da cor do mirtilo, fruto bastante produzido neste concelho, sendo o seu ex-líbris. Este “olho”, chamemos-lhe assim, está diretamente relacionado com o nome do projeto “Maneira de Sever”, pegando na analogia anteriormente falada, significando também a complementaridade entre as matérias dadas. A técnica verificada no exercício de Kandinsky, veio justificar o porque do magenta em cima, e o ciano em baixo.

*ver anexo 6

Pseudonyme :
Site (facultatif) :

Test - Formes et couleurs

1. Remplissez chacune des formes suivantes avec une couleur primaire (bleu, rouge, jaune). Chaque forme doit être entièrement coloriée, d'une seule couleur.

2. Si possible, expliquez votre choix.

<
Figura 21
Enunciado do
exercício de
Kandinsky, exercido
na Bauhaus

6 - MERCHANDISING

Para este projeto foram pensadas e desenhadas peças de merchandising, que pretendiam perpetuar a participação quer de alunos, quer de grupos envolvidos, na participação deste projeto. Para tal, foram realizados 3 objetos promocionais, em que dois deles eram destinados aos alunos participantes, e um dirigido aos grupos musicais participantes no evento.

Para os alunos, foram feitas camisolas, recorrendo à técnica *tie dye*, que consiste em tingir as camisolas de forma quase aleatória, resultando sempre em produtos diferentes entre cada uma. Quis-se fazer uma t-shirt que não fosse institucional, entenda-se assim, e que permitisse aos jovens usar aquelas camisolas no dia a dia. As t-shirts foram tingidas com as cores do logotipo.

Para além da camisola, foi desenhado e impresso um monóculo em 3D, recorrendo à tecnologia de impressão 3D.

Recorrendo também à impressão 3D foram impressas peças de agradecimento para entregar aos grupos participantes. Estas peças foram desenhadas para poder conter uma folha com a informação referente a cada grupo, e foram pensadas de modo a poderem estar expostas juntamente com outros prémios, galardões ou medalhas de participação que estas entidades possam ter em mostruário.



Figura 22 e Fotos 201 e 202

Objeto oferecido aos grupos que participaram no “Maneiras de Sever”



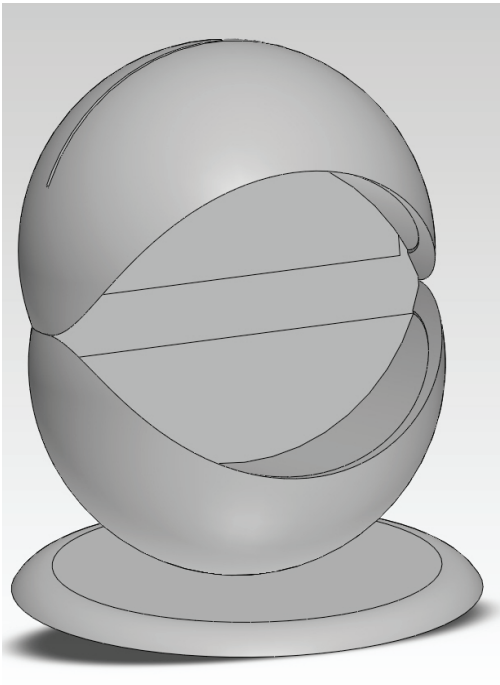
Fotos 203, 204 e 205

“Monóculo” oferecido aos alunos envolvidos no projeto



Foto 206, 207 e 208

Processo de criação das imagens para as t-shirts, e resultado final, já com 4 alunas com as t-shirts vestidas







IV - CONCLUSÃO

1 - Resultado dos Inquéritos

Com o objetivo de perceber as consequências deste projeto naquele meio social, realizaram-se 3 inquéritos, dois deles aos jovens envolvidos, e um aos visitantes da exposição.

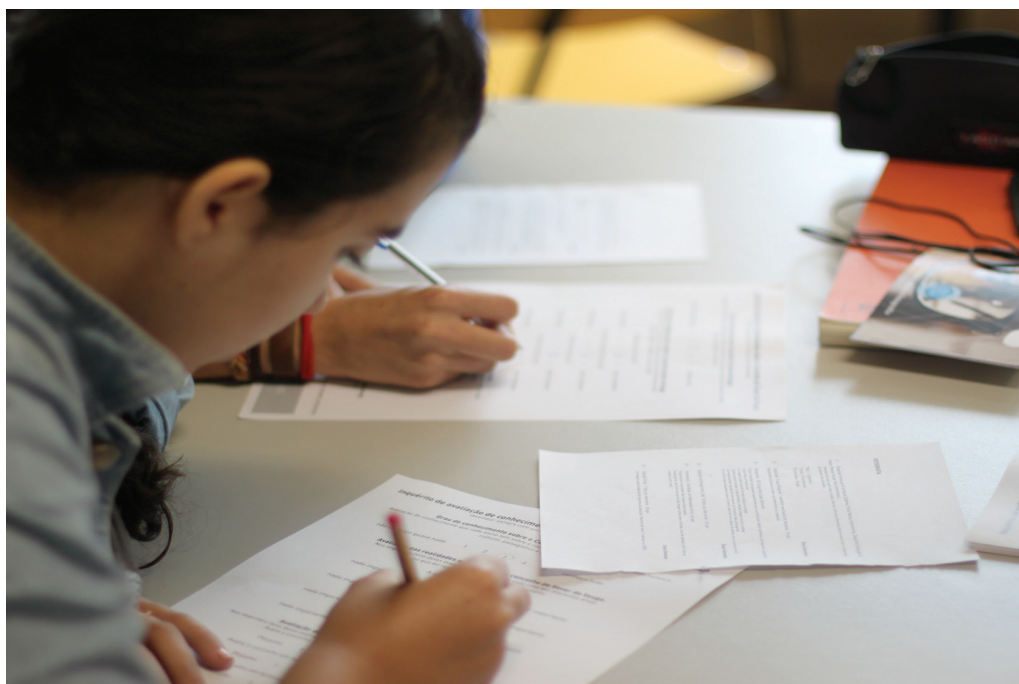
Inicialmente, aquando a primeira abordagem aos alunos de Sever, foi lançado um inquérito online, cujos resultados não eram representativos da comunidade estudantil envolvida, e por isso, os seus resultados serem ignorados. Posteriormente, o mesmo inquérito foi submetido aos alunos envolvidos na segunda abordagem. Este inquérito tinha como objetivo principal, compreender o pensamento e conhecimento daqueles alunos sobre Sever do Vouga, e no final perceber se estas variáveis se tinham alterado, de acordo com os objetivos do projeto.

Com esta primeira noção, percebe-se que nem todos têm um conhecimento abrangente do concelho que habitam, e percebesse que valorizam componentes sociais importantes como a história, a cultura, o património natural e a indústria, considerando-as importantes para o desenvolvimento do concelho. No que toca a valências e oportunidades no concelho, estes jovens reconhecem as condições desportivas e culturais do concelho, mas no que toca a apoio ao empreendedorismo e oportunidades profissionais, a opinião dos alunos recai sobre o medíocre. No final, no espaço que se dedicava a observações e sugestões, apenas um aluno ocupou o espaço com a seguinte frase: “É pena. Uma vila com tantas possibilidades, apenas dá futuro a quem tem cunhas e não empreende mais nos jovens.” A frase pode não ser a “voz” de todos os alunos, mas percebesse alguma revolta e desilusão deste aluno, e percebe-se que este é, possivelmente, um dos jovens que abandonará Sever do Vouga.



Foto 209
Fotografia tirada no
primeiro encontro
com os alunos

Após a participação destes alunos no Maneiras de Sever, foi realizado um novo inquérito, com o intuito de perceber o efeito do projeto nos alunos envolvidos, e entender se a sua noção sobre Sever do Vouga mudou, o que aconteceu com 94% dos alunos, sendo que 78% admite sentir mais orgulho em ser cidadãos de Sever após participação no projeto, e 97% considera voltar a este concelho após estudos universitários, com o fim de investir ali, e ali viver. Numa primeira abordagem a estes resultados, o objetivo de criar sentimento de pertença parece estar cumprido, pelo menos com este grupo de alunos. Resta esperar uns anos para comprovar a veracidade destes dados, para além de esperar que mais “Maneiras de Sever” se realizem, aumentando o numero de jovens com mais “paixão” por Sever do Vouga.



>
Foto 210
Fotografia de duas
alunas a preencher o
primeiro inquérito

NOTA: os inquéritos foram respondidos por 32 alunos, mas apenas 29 realizaram o projeto diretamente. As 3 respostas adicionais são de alunos envolvidos posteriormente, nos trabalhos dos grupos anteriormente formados. *ver anexo 7

O inquérito destinado aos visitantes da exposição, teve o objetivo de perceber qual o nível de conhecimento destes sobre o concelho de Sever do Vouga, e perceber se os Severenses que visitaram a exposição se sentiam representados nos objetos expostos e se a exposição alterou o seu modo de sentir Sever do Vouga. Num universo de 67 respostas (aquém do número total de visitantes) foi interessante descobrir que existem locais mais desconhecidos que outros por parte dos Severenses, sendo que todos os locais apresentados eram desconhecidos de pelo menos 4 pessoas. Para 58 visitantes (91%) os trabalhos expostos refletem a realidade do concelho, e 38 (58%) admite passar a olhar para o concelho com outros olhos, e quiçá, descobrir ou redescobrir o concelho. Para além destes inquéritos, os visitantes puderam deixar a sua opinião sobre Sever do Vouga no “mural” colocado na exposição. As palavras mais comuns nos *post-it's* centravam-se no “bonito” e “lindo”, referindo a beleza do concelho, mas também se pôde encontrar palavras como “família”, “amizade”, ou frases como “o meu local de abrigo” e “a terra que me viu nascer”, referindo o lado afetivo de uma relação pessoa/local.



Foto 211

Fotografia do “mural” com *post-it's*.

No geral, o projeto cumpriu com os objetivos delineados, pelo menos tendo em conta os que visitaram a exposição e responderam ao inquérito, e os que participaram no projeto. Estes resultados mostram-se positivos no que toca aos propósitos do projeto, mas ao mesmo tempo demonstram que este projeto é pertinente, e que merece ser continuado.

2 - RESULTADOS ESPERADOS

Com base nos casos de estudo referidos, e na fonte bibliográfica consultada, tudo indica para que os objetivos do projeto sejam cumpridos, de tal forma que servirá para valorizar o Concelho de Sever do Vouga, tanto para quem ali vive, como para quem visita ou quer visitar, porque com esta ideia, visa-se resolver diretamente a fraca fixação dos jovens, através da busca pelo interesse cultural do território.

2.1 - Alunos

Espera-se que principais atores deste projeto, os jovens, sintam por Sever do Vouga algo novo. Que interiorizem o valor e singularidade do território de modo a sentirem se mais Severenses, e que conheçam os cantos à casa, e como tal, se interessem por mante-la ou melhorá-la. Espera-se que os jovens se liguem mais à cultura e tradições locais, dando seguimento aos valores transmitidos de geração em geração. O facto de trabalharem sobre Sever do Vouga, gastando tempo em conhecimento sobre aquele território, olhando com olhos de ver, escutando e sabendo mais sobre este concelho, estabelecerá uma ligação implícita, e quase sem se aperceberem, a este pedaço de mundo. E quem ama cuida. É acima de tudo este o resultado que se espera no que toca aos jovens.

Espera-se que criem um maior sentimento de pertença em relação a Sever do Vouga, como concelho de costumes e tradições, de paisagens e de história, assim como de inovação, e se o mantiverem para o futuro, expecta-se que um dia voltem, com estudos feitos, para investir num concelho que os viu crescer.

2.2 - Severenses

Expecta-se que as pessoas não só conheçam como reconheçam o seu “habitat” através do que vêem e também através do que ouvem, concordando não só com a sua importância para o território mas também como sendo parte integrante de um concelho que necessita de ser reanimado. Também é expectável que se as pessoas se envolverem, estarão também interessadas em ver qual o resultado do trabalho destes jovens que por ventura apareceram às suas portas pedindo permissão para filmar, fotografar ou mesmo gravar o som das suas vidas. Não só as pessoas que aparecem diretamente mas também indiretamente, como os amigos e familiares que não participaram mas que tomaram conhecimento de que este projeto se estava a realizar, vão querer ver o que fizeram os seus educandos/familiares e amigos. Daí a importância de incidir no Agrupamento de Escolas de Sever do Vouga, por ser um centro com pessoas dos quatro cantos do concelho.

Quanto a entidades, a Câmara Municipal de Sever do Vouga estará com certeza atenta a este projeto, pois é uma projeção do seu concelho para fora dele, e decerto que ao verificarem que há aspetos que funcionam menos bem, serão breves na colmatação dessas falhas identificadas pelos alunos. Ou seja, para além de criar o sentimento de pertença nos jovens e nos que os rodeiam, também poderá ajudar a identificar problemas no planeamento autárquico, e assim ajudarem o concelho a evoluir, até mesmo em termos de infraestruturas ou serviços.

2.3 - “Não Severenses”

As pessoas de fora do concelho ficarão com uma perceção melhorada do que é Sever do Vouga, e descobrirão que para além da Feira do Mirtílo, que é o ex-líbris deste concelho, descobrirão um sem fim de razões para lá irem a qualquer altura do ano, visitar as cascatas e os percursos pedestres, bem como descobrir um pouco mais da cultura que ali se faz, bem como outros aspetos que este projeto espera revelar.

2.4 - Projeto

O próprio projeto terá resultados em adesão, e essa adesão poderá tornar-se um hábito neste agrupamento, sendo que o projeto está planeado para ser autossustentável pela vontade de conhecer e saber mais, quer em termos técnicos e tecnológicos, mas também sobre o território. Espera-se encontrar jovens criativos, com ideias inovadoras de ver e sentir o concelho. E é num dos anos que se espera maior surpresa: no 10º ano, onde se aborda o som, visto ser um ponto com alguma inovação em projetos de Design. Sabe-se da existência desta técnica em termos científicos, mais propriamente na biologia, no que toca a observação de animais, nomeadamente baleias, golfinhos e pássaros. Espera-se então, que esta inovação traga mais valor não só ao projeto mas também ao território, revelando novas formas de sentir uma cascata ou um anoitecer em Sever do Vouga, por exemplo. Numa visão supra utópica, espera-se que as estatísticas sejam invertidas no que toca à evolução demográfica, e que o desemprego diminua neste concelho proporcionando assim um maior desenvolvimento. Numa breve pesquisa, foram identificados vários temas e locais, passíveis de constituírem motivos de interesse a desenvolver, nomeadamente as antas e gravuras, as minas de chumbo, as cascatas e percursos fluviais, bem como as paisagens que os envolvem. Além destes aspetos naturais e históricos, surge também a gastronomia, juntamente com o fenómeno do mirtílo.

2.5 - Autor

A nível pessoal, o criador deste projeto já retira, e espera retirar mais experiência de vida enquanto contacta de forma próxima e intensa com uma realidade, que abrange um grande número de pessoas e instituições, constituindo assim um acréscimo de conhecimento da realidade peculiar do Concelho de Sever do Vouga. A viagem, a paisagem, o conhecimento detalhado de usos e costumes, são aspetos inerentes ao trabalho a implementar, que agradam pessoalmente ao criador deste projeto. É de referir também, as vantagens do conhecimento da complexa realidade humana, nas suas vertentes psicológica, social, cultural, política e institucional. Da colaboração das pessoas, espera o retorno afetivo positivo, proveniente do trabalho realizado em conjunto, que é o prémio, nunca garantido, da interação social e sinal do sucesso da sua tarefa.

Profissionalmente, espera mais visibilidade, dada a dimensão e finalidade do projeto, e com isso, angariar contatos na sua área, que o possam conduzir a executar outras tarefas. Servirá também como meio de aferir e sedimentar conceitos e práticas aprendidas na Universidade, dando oportunidade à reflexão, e quem sabe, à criação de novos e mais eficazes métodos de compreender e agir.

3 - CONSIDERAÇÕES POR PARTE DOS INTERVENIENTES

3.1 - Fundação Mão Amiga

Durante todo o processo, a Fundação Mão Amiga manteve um contacto direto com o autor desta dissertação, apoiando as suas necessidades e suprimindo algumas dificuldades que foram surgindo ao longo deste tempo. Assim, o apoio prestado foi essencialmente a nível da facilitação de contactos e marcações; acompanhamento em reuniões e encontros; proporcionar parcerias que se consideraram importantes, para o bom desenvolvimento da implementação dos projetos; reuniões com o fim de ir verificando a evolução do projeto; apoio e dinamização dos Workshops nas respetivas temáticas; apoio na preparação de todos os processos de desenvolvimento e implementação.

Para a Fundação Mão Amiga esta parceria resultou de forma positiva, permitindo discutir assuntos de relevante interesse para o concelho de Sever do Vouga; o envolvimento de proximidade com vários agentes da comunidade, obtendo diferentes perspetivas sobre as várias temáticas; reforçou a importância da prá-atividade e inovação, proporcionando parcerias com outras entidades facilitadoras, de forma a potenciar sempre os resultados pretendidos. Com os seus conhecimentos em design, aplicado ao social, com óticas igualmente inovadoras, esta parceria resultou na criação de dois projetos de elevado interesse social e cultural, que se perspetivam ter uma sólida continuidade na comunidade.

3.2 - Alunos

“A minha relação com o Maneiras de Sever

Como curiosa que sou, gosto sempre de estar a par das novidades e, por esse motivo, visualizo com frequência o painel de informações dos alunos da minha escola... Certo dia, deparei-me com um panfleto apelativo a convidar à participação num projeto inovador, que tendo como objeto de estudo Sever do Vouga, pretendia explorá-lo através das vertentes visuais e auditivas, o que desde logo me suscitou interesse.

Uma vez parte do projeto, participei em workshops, nomeadamente de fotografia e som, que contribuíram para ganho de experiência e técnica, bem como para uma melhor perceção destas vertentes.

Tive, ainda, a oportunidade de conhecer melhor o meu concelho e, também, com “outros olhos”, uma vez que as experiências auditivas e visuais, permitiram analisar a realidade do concelho de Sever de outras perspetivas. Ao colaborar na realização dos trabalhos senti que ainda há muito para explorar e melhorar no nosso concelho, e que este é um motivo de orgulho de todos os severenses.

Fazendo uma retrospectiva dos meses passados, concluo que efetivamente, hoje, sei mais sobre o meu concelho, tanto ao nível da indústria, do comércio, do desporto como da cultura, entre outros, tendo aprendido histórias e lendas, descobri sítios que não conhecia, visitei esses sítios e, posso então, agora, dizer que conheço o meu concelho, conheço Sever do Vouga.”

Marta Bastos, 12.º ano

Este pequeno texto, reflete a participação de uma das alunas auto-propostas envolvidas no projeto, que ao mesmo tempo, acaba por refletir o sentimento geral dos alunos envolvidos.

Foi pedido um texto aos representantes das duas turmas, que relatasse a experiência de participar nesta ideia. Ao que parece, só o fato de um estudante universitário aparecer e mudar a rotina diária destes alunos tornou-se motivador, para além do desafio de conhecer melhor Sever do Vouga, e destes alunos virem a ter trabalhos expostos publicamente no Centro de Artes e Espetáculos - “Ficamos todos automaticamente entusiasmados”.

Estes alunos revelam que para eles foi uma aventura participar neste projeto, admitindo que quase se perderam para encontrar os pontos das suas pesquisas. Dizem que se divertiram, e que este projeto até serviu para se darem melhor como turma, devido à entreaajuda de elementos dos diferentes grupos.

“A participação neste projeto levou-nos a locais que possivelmente não iríamos em “situações normais” e que provavelmente são desconhecidos para muitos Severenses”. Estes alunos concluem o projeto com um melhor conhecimento do concelho em que vivem, tendo mesmo descoberto as “maravilhas” do concelho.

Quando questionados sobre o que correu bem ou mal neste projeto, a resposta mais comum foi “nada” e “correu bem”, mas alguns dizem que o projeto deveria englobar mais alunos, enquadrando-se com as ideias do projeto, que visava englobar todos os alunos do 9º ao 11º anos, e não apenas duas turmas. Outras respostas prendem-se com o próprio decorrer do evento, que teve alguns atrasos nos concertos. Outro ponto a melhorar é efetivamente a realização dos workshops, “que infelizmente não tiveram muita participação”.

3.3 - Professora responsável pelo projeto na Escola

“O Projeto Maneiras de Sever

Todas as iniciativas desenvolvidas em parceria com entidades (públicas e/ou privadas) fazem surgir sinergias e dinâmicas gratificantes e que resultam de um enriquecimento recíproco de todos os envolvidos.

A apresentação do projeto “Maneiras de Sever” ao agrupamento e a procura de um parceiro para cooperar no seu desenvolvimento, surge num perfeito “*timing*” apresentando-se como num projeto que se poderia circunscrever dentro dos conteúdos a desenvolver na disciplina de Educação Visual e com os alunos do Curso de Artes Visuais na disciplina de Desenho-A do 10º ao 12º anos. Aplicabilidade do trabalho faz emergir temas e conteúdos que se trabalham numa exploração de técnicas de imagem e som, só que por vezes não são explorados de forma prolongada.

A possibilidade de explorar técnicas de vídeo, de fotografia e som trouxe à escola “especialistas” dessas áreas, cujo apresentação do “core” do projeto e dos temas centrais foram mostrados de forma sistemática e adaptada ao desenvolvimento e às possibilidades dos alunos. O acesso a informação privilegiada que foi apresentado nas sessões de grande grupo foram uma mais-valia, possibilitaram acesso a conhecimento teórico e sabedoria prática, reforçando ainda a ideia que a oportunidade de networking, pois possibilitou um melhor conhecimento do desenvolvimento “no momento”, como também conhecer os resultados de forma faseada permitindo dar a conhecer ao aluno as ferramentas de um Trabalho de Projeto.

Foi com gratidão que vi a dinâmica de grupo e o trabalho individual funcionarem, com o planejamento faseado e com o acompanhamento sistemático, entenda-se semanal, que fez surgir o interesse e o sentido de pertença a um projeto comum.

A dedicação e o cuidado de todos os envolvidos, desde o mentor do projeto, aos professores e alunos, fez emergir um manancial de informação que teve como momento “brilhante” a exposição e acontecimentos culturais de grande envolvimento da comunidade, para a comunidade.

Vejo com muito agrado o extravasar dos temas da disciplina para um projeto de grandes dimensões como este que emergiu da ideia de uma mente criadora. “

Darlene Oliveira

4 - DESENVOLVIMENTOS FUTUROS

Estão pensados alguns passos a tomar, de modo a dar continuidade ao Maneiras de Sever nos próximos anos, melhorando e amplificando o seu alcance.

4.1 - Escola

Durante a realização do projeto foram identificadas algumas pessoas com potencial para dar continuidade a este projeto. Dentro da escola destaca-se a Professora Darlene, que sempre se mostrou interessada no projeto, e graças a ela deve-se a realização do mesmo na escola de Sever do Vouga. Esta professora, juntamente com alguns alunos que estiveram envolvidos, nomeadamente os alunos do 10º ano, poderão vir a desenvolver melhor esta ideia assentado nos ideais pensados pelo escritor desta dissertação, podendo ajustar o formato do projeto face às necessidades necessárias para o desenvolvimento do mesmo.

Pensa-se que o Conselho Executivo, bem como o Concelho Pedagógico do Agrupamento de Escolas de Sever do Vouga, podem ter o poder para dar continuidade a esta ideia.

4.2 - Câmara Municipal de Sever do Vouga

Aquando a inauguração da exposição no Centro de Artes e Espetáculos de Sever do Vouga, foram dirigidas ao autor do projeto palavras que mostravam interesse na continuidade desta ideia, podendo mesmo os resultados do projeto integrarem o arquivo de informação desta autarquia, e qui ça, criar uma relação entre este projeto e um outro que se veio a desenvolver durante o ano de 2013, que visa divulgar e dinamizar o concelho de Sever do Vouga, através de um suporte digital online, que permite dar a conhecer a todos os públicos interessados o património histórico, arquitetónico e imaterial do concelho, denominado Genius Locci.

Espera-se realizar uma reunião com a autarquia local com o fim de delinear a continuidade deste projeto.

4.3 - Autor

O autor do projeto disponibiliza-se para desenvolver melhor esta ideia, colmatando as falhas identificadas, e desenvolvendo novas ideias que possam tornar o Maneiras de Sever um projeto e uma exposição cada vez mais abrangente, quer em alunos participantes, quer em visitantes.

4.4 - Projeto

Quando se pensou na estrutura do projeto a realização dos workshops era um ponto importante, do qual dependia a motivação dos alunos, pela vontade de saber, de ano para ano. Crê-se portanto, que pensar um plano anual, onde estes workshops são planeados atempadamente, de modo a poderem criar interesse aos alunos, e consequente darem continuação ao projeto, movida pela força do querer saber.

A execução de um cronograma do projeto no início de cada ano letivo, irá permitir a realização do projeto com menos falhas e imprevistos, levando a cabo a realização da exposição final com trabalhos de maior qualidade, devido ao maior conhecimento por parte dos alunos - devido aos workshops, e ao maior e melhor acompanhamento dos projetos.

5- LIMITAÇÕES E ASPETOS NEGATIVOS

É certo que o projeto não correu como o se esperava, e isto aconteceu devido a muitos fatores, que mesmo assim, não foram obstáculos intransponíveis.

Uma destas barreiras, foi a relação com a escola, devido à tardia resposta aos *e-mails* e chamadas por parte da Fundação e da Universidade de Aveiro, que consequentemente veio atrasaram o processo de implementação no meio escolar.

Também na escola, foi difícil encontrar professores interessados em desenvolver este projeto, tendo apenas uma professora levado esta ideia avante. Com isto, resultou numa primeira abordagem com poucos alunos, mas que não influenciou na qualidade dos resultados, bem pelo contrario. Com menos alunos foi possível fazer um acompanhamento

mais próximo dos projetos de cada grupo de alunos. Com mais tempo, talvez possa ser possível enquadrar mais alunos no “Maneiras de Sever”, acompanhados por mais professores interessados e envolvidos.

Os *timings* das entidades envolvidas também influenciaram a implementação desta ideia. O ano letivo escolar para ensino básico e secundário é diferente do universitário, e consequentemente, estas instituições funcionam de forma diferente em relação à empresa de transportes públicos, à autarquia local, e à própria fundação. O facto destes *timings* não terem batido certo, só mostra que é necessário pensar um plano de forma atempada, de modo a tudo poder bater certo aquando a sua realização. O facto de o projeto ter estado dependente da disponibilidade dos autocarros é um problema que pode ser resolvido entre a autarquia, a empresa de transportes e a própria escola, de modo a definir quando se pode realizar atividades extra-curriculares naquele espaço escolar.

Durante a realização do projeto foi também “contornável” a questão da falta de fundos para a realização deste projeto, tendo sido muitas vezes colocado dinheiro do autor do projeto, a fim de levar a cabo o mesmo. Houve dificuldades em conseguir permissões que poderiam financiar e fornecer material através de empréstimo a este projeto (ex: patrocínios, rifas, festas), mas que não foram possíveis devido ao modo de atuação da Fundação perante aquela comunidade.

Todos os obstáculos serviram para perceber como este projeto pode acontecer no futuro, e como referido acima, nenhum deles foi impeditivo para a realização do mesmo.

6 - RESUMO CONCLUSIVO

A criação de valor, reconhecida e auto consciente, de que falava Berger (1992) acaba por ser o mote principal deste projeto, de tal forma que a maior ligação que existe entre o território e quem o explora é um simples objeto (fotográfico, sonoro ou filmográfico) que tem a capacidade captar um pequeno momento da realidade, e mantê-lo inalterável por uma eternidade, pois todas as memórias adjacentes a ele serão recordadas cada vez que o olhamos e o sentimos. É um projeto que assenta em ideias contemporâneas, e que só por si, são eficazes, sendo também evidente que o valor pessoal que lhe está inerente o torna uma mais-valia para quem observar os seus resultados. As vantagens do método de *Photo Elicitation* conseguem criar a fundamentação necessária para ajudar a compreender melhor o concelho de Sever do Vouga e isso valoriza o território de várias maneiras, principalmente através do envolvimento da população, não só jovem, mas também de todas as outras camadas etárias, resultando assim num processo de crescimento. Os Severenses ao revalorizarem positivamente o seu território, possivelmente irão encontrar motivação e oportunidades que de outra maneira não veriam, e neste caso estão as oportunidades económicas, por exemplo, derivadas do maior conhecimento e visitação do concelho.

Basicamente é disto que se trata: Valorização do território pelos Severenses e para os Severenses, acima de tudo.



Foto 212
Momento captado
durante a atuação do
Rancho de Sever.
Fonte: Marta Bastos



V - BIBLIOGRAFIA

- Banks, M. (2001). *Visual Methods in Social Research*, London SAGE
ob. c. in Rose, G. (2007) *Visual Methodologies: An Introduction to
Researching with Visual Materials*
- Berger, J. (1992). *Keeping a Rendezvous*. New York: Vintage
International. ob. c. in Rose, G. (2007). *Visual Methodologies:
An Introduction to Researching with Visual Materials*
- Blinn, L. and Amanda W. Harrist. (1991). Combining native instant
photography and photoelicitation, *Visual Anthropology*
4:175–192. ob. c. in Rose, G. (2007). *Visual Methodologies: An
Introduction to Researching with Visual Materials*
- Bolton, A., Pole, C. and Mizen, P. (2001). Picture this: researching
child workers , *Sociology* 35, 501–18 ob. c. in Rose, G. (2007).
*Visual Methodologies: An Introduction to Researching with
Visual Materials*
- Brown, T., Wyatt, J. (2010). *Design Thinking for Social Innovation*, Stanford
Social Innovation Review.
- Buchanan, R. (1995). Wicked problems in design thinking, in *The Idea
of Design. A Design Issues Reader*, edited by V Margolin & R
Buchanan. Cambridge: MIT Press.
- Buchanan, R. (1998). Branzi's dilemma: design in contemporary culture.
Design Issues 14(1):3–20.
- Collier, John Jr. (1957). Photography in anthropology: a report on two
experiments, *American Anthropologist* 59:843–859.
- . (1967). *Visual Anthropology: Photography as a Research
Method* . New York: Holt, Rinehart and Winston.
- . (1987). Visual anthropology's contributions to the field of
anthropology *Visual Anthropology* 1(1):37–46.

- Collier, John Jr and Malcolm Collier. (1986). Visual Anthropology: Photography as a Research Method (revised and expanded). Albuquerque: University of New Mexico Press. Ob. c. in Harper, D. (2002). Talking about pictures: a case for photo elicitation
- Cross, N. (2000). Designerly ways of knowing: Design Discipline versus Design Science, in Design Issues, vol 17, nº3, 2001
- Gaver, B., Dunne, T., Pacenti, E. (1999). Design: Cultural probes. interactions 6, 21-29.
- Genius Locci (2013). O Espírito do Lugar, Edição Câmara Municipal de Sever do Vouga
- Harper, D. (2002). Talking about pictures: a case for photo elicitation, Visual Studies 17, 13-26.
- Illich, I., (1973). Tools for Conviviality, Harper & Row Publishers, Inc., 1975.
- Kolko, J. (2009). Abductive Thinking and Sensemaking: The Drivers of Design Synthesis, in Design Issues, vol 26, nº1, Winter 2010
- Kunimoto, N. (2004) . Intimate archives: Japanese-Canadian family photography, 1939-49", Art History 27, 129-55 ob. c. in Rose, G. (2007). Visual Methodologies: An Introduction to Researching with Visual Materials
- Latham, A. (2003). Research, Performance, and doing Human Geography: Some reflections on the diary-Photograph, diary-interview method, Environment and Planning a 35, 1995-2017 ob.c. in Rose, G. (2007). Visual Methodologies: An Introduction to Researching with Visual Materials

- Liu, A. (2011), Entrevistas. in Lupton, E. (2011), Graphic Design Thinking - Beyond Brainstorming, Princeton Architectural Press, pp 26
- Lupton, E. (2011). Graphic Design Thinking - Beyond Brainstorming, Princeton Architectural Press
- Lull, J. (1990). Inside Family Viewing: Ethnographic Research on Television's Audience, London: Routledge. ob. c. in Rose, G. (2007). Visual Methodologies: An Introduction to Researching with Visual Materials
- MacCampbel, Shelley, Stuckey, in Lupton, E., (2011), Graphic Design Thinking - Beyond Brainstorming, pp 50
- Pauwels, L., Margolis, E. (2011). The SAGE Handbook of Visual Research Methods. SAGE.
- Pink, S. (2006). Doing Visual Ethnography. SAGE.
- Ramos, F. (1998). Sever do Vouga : uma viagem no tempo. Câmara Municipal de Sever do Vouga.
- Rose, G. (2007). Visual Methodologies: An Introduction to Researching with Visual Materials. SAGE. 2ª Edição.
- Rose, G. (n.d.). A question for film as a way of analysing social issues. Visual/method/culture.
- Sanders, E, and William, C.T. (2001). Harnessing People's Creativity: Ideation and Expression through Visual Communication, In Langford, J. and McDonagh-Philp, D. (Eds.) Focus Groups: Supporting Effective Product Development, Taylor and Francis.
- Sanders, E. (2006). Design Serving People. in "Copenhagen - Cumulus Working Papers. University of Art and Design Helsinki

- Tavares, A. (1989). Pessegueiro do Vouga - Das origens à actualidade, Edição de Autor
- Van Zyl, R. (2008). Buchanan's design thinking matrix: implications for SMMEs. University of Pretoria
- Voltaire. Jean, Adrien. Beuchot, Quentin and Miger, Pierre, Auguste. (1832) OEuvres de Voltaire, Volume 48. Lefèvre
- Yin, R.K. (2008). Case Study Research: Design and Methods. SAGE Publications.

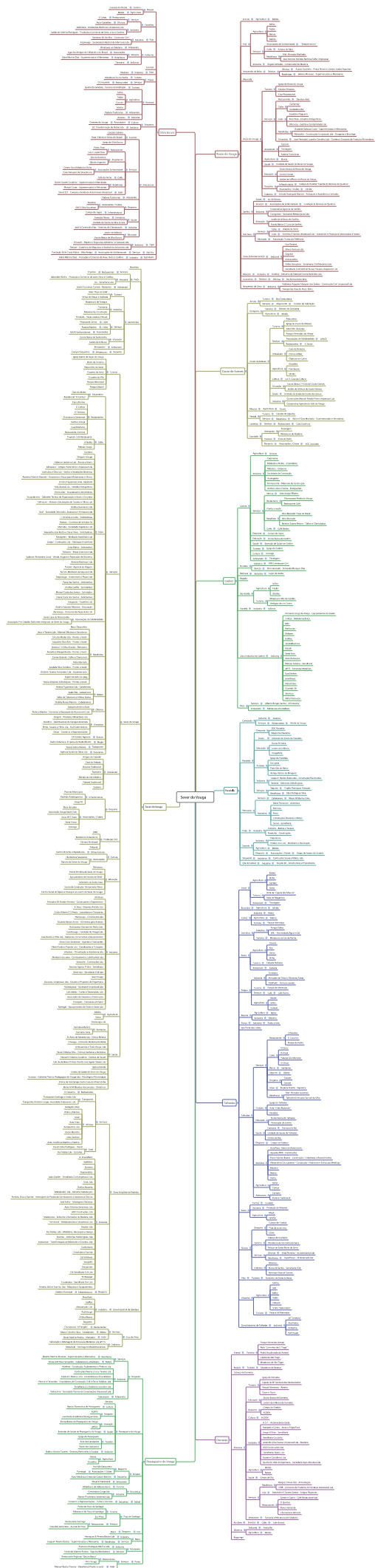
WEBGRAFIA

<https://engineering.purdue.edu/INSPIRE>
<http://portalnacional.com.pt/aveiro/sever-do-vouga/empresas/>
<http://www.sever-vouga.net/>
<http://www.cm-sever.pt/>
<http://www.severdovouga.eu/>
<http://www.ine.pt>
<http://desportosv.blogspot.com/>
<http://acrpessegueirovouga.blogspot.com/>
<http://lourizela.blogspot.com/>
<http://avsport-sv.blogspot.com/>
<http://www.facebook.com/profile.php?id=100001332648528>
<http://www.facebook.com/profile.php?id=100001934681765&sk=wall>
<http://desafios-lda.blogspot.com/>
<http://www.facebook.com/ajsoutelo>
<http://www.pessegueirense.pt/>
<http://www.wix.com/acdrcedrim/jovouga>
<http://www.facebook.com/profile.php?id=100001474603690&sk=wall>
<http://severteambtt.blogspot.com/>
<http://www.turnauga.net/>
<http://www.veigafit.blogspot.com/>
<http://www.vougasportclube.com/>
<http://www.nesta.org.uk/>
<http://www.design21sdn.com/>
<http://thinkpublic.com/>
<http://www.desis-network.org/>
<http://www.servicedesigntools.org/>
<http://www-958.ibm.com/software/data/cognos/manyeyes/>
<http://thinkpublic.com/case-studies/case-study-participatory-video-at-john-kelly-girls-school/>
<http://thinkpublic.com/case-studies/case-study-fear-of-crime/>
<http://www.puntodock.org/2013/11/design-thinking-per-linnovazione-sociale-e-la-progettazione-partecipata/>
<http://www.geniusloci.pt/Public/>

ANEXOS

ANEXO 1

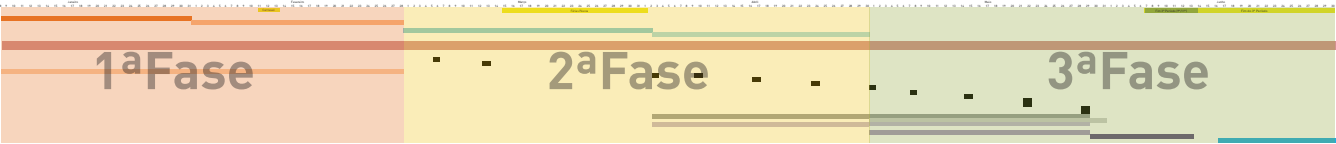
Mind Map com a informação encontrada durante a pesquisa etnográfica e bibliográfica



ANEXO 2

Cronologia da realização prevista do projeto

Cronologia



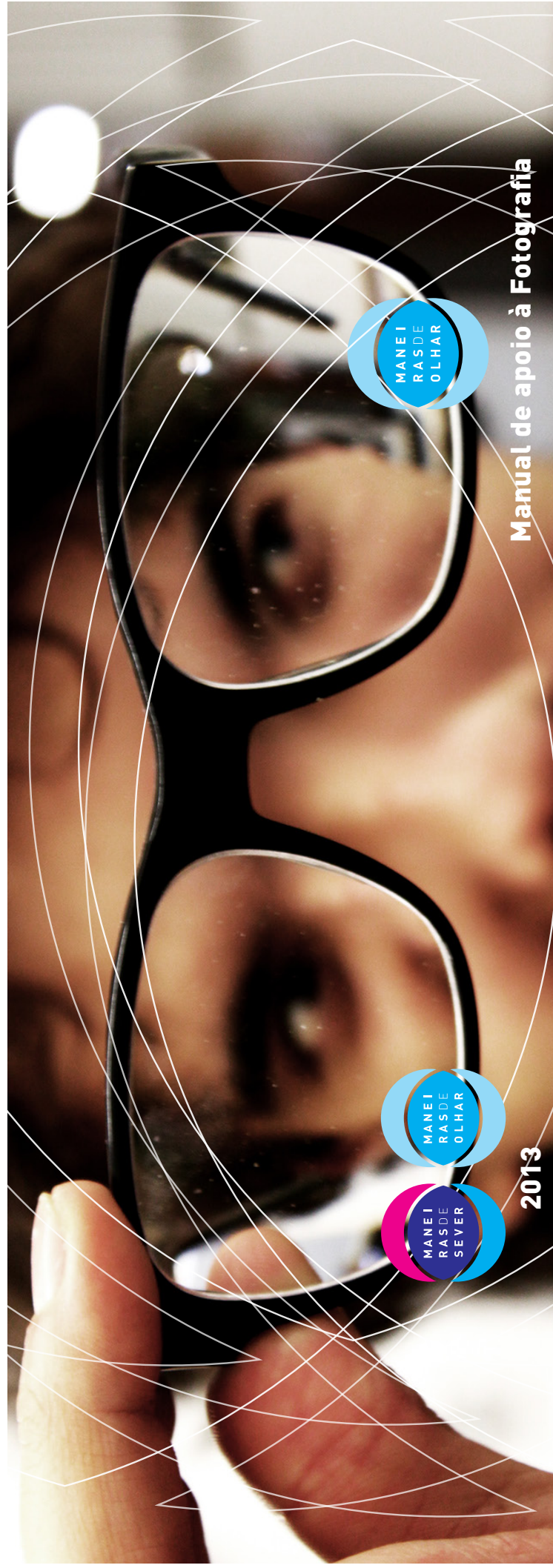
Nesta fase, são desenhados todos os meios que serão utilizados no projeto, bem como todos os meios que irão cativar os alunos a participar.

Nesta fase, dá-se início ao projeto na escola, e começa-se a desenhar todos os meios que darão a conhecer o projeto ao concelho, apelando à abertura para a participação das pessoas, caso estes alunos envolvidos venham ter com eles para os ajudar no trabalho.

Nesta Fase, começa-se a organizar a informação recolhida pelos alunos, de modo a organizar a Exposição Final, e desta forma criar os meios necessários a apelar à visita da mesma.

ANEXO 3

Manual de Fotografia



Manual de apoio à Fotografia

2013



“O mais importante
não é a câmara,
mas sim o olho”

Alfred Eisentaedt

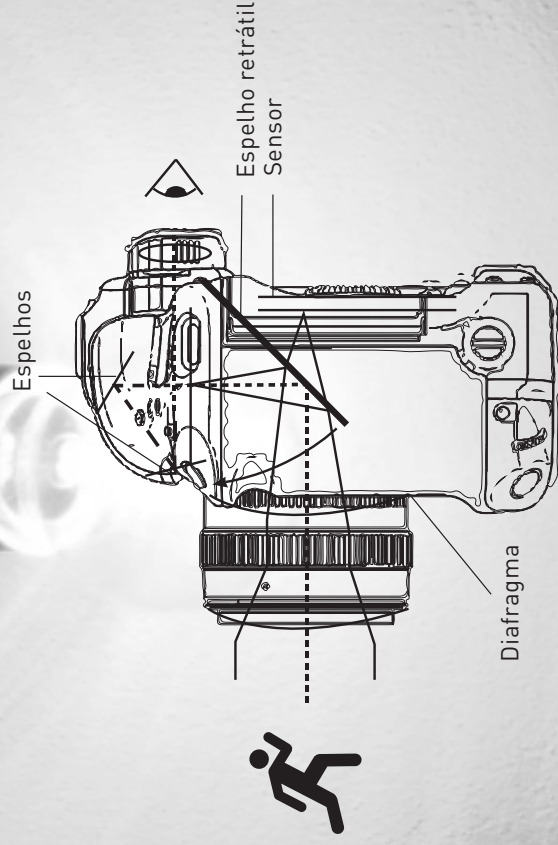
A LUZ

A luz reflectida é a que chega dos objetos, reflectindo a luz vinda do Sol, ou de outro ponto luminoso artificial. Esta Luz é resultado da absorção, ou não, que cada corpo faz do espectro luminoso. Se um corpo é branco, reflecte maior percentagem de luz que um corpo preto.

Toda a fotografia funciona em volta da Luz, e em como se capta a Luz. Por isso, existem 3 conceitos fundamentais que é preciso dominar quando se tem uma máquina na mão.

- Abertura do diafragma
- Velocidade do Obturador
- ISO | Sensibilidade

Todos eles controlam a luz mas com "consequências" diferentes para a fotografia. Tudo depende do que o fotógrafo quer representar, e como o quer representar.



ISO | Sensibilidade

- A sensibilidade trabalhar na base da qualidade da imagem
- A escala de ISO pode ir de 50 até 3200 ou mais, sendo que o valor entre cada "ponto" varia para o dobro, ou seja, temos a escala: 50 - 100 - 200 - 400 - 800 - 1600 - 3200
- Sensibilidades baixas produzem menos ruído, mais contraste e saturação - Ideal para o exterior, durante o dia.

- Sensibilidades altas produzem mais ruído, menos contraste e saturação - Ideal para fotografia noturna na falta de flash
- Sensibilidades médias são as indicadas para fotografias de interiores.

ISO 100
mais escuro

ISO 200

ISO 400

ISO 800

ISO 1600

ISO 3200
mais claro

Abertura do Diafragma

- o Diafragma é o dispositivo que regula a entrada da luz. Quanto maior for a abertura do diafragma, mais luz entra.
- O tamanho da abertura varia de acordo com uma função "f:", que se rege pela raiz quadrada de 2 (1,4), pelo que números mais pequenos significam aberturas maiores, e números maiores são aberturas mais fechadas.

f:1,4



f:2



f:2,8



f:4



f:5,6



f:11



f:16



mais claro



mais escuro



Velocidade de Disparo

- A velocidade de disparo também determina a entrada da luz, através do tempo de exposição, pelo que quanto mais rápido for o tempo que o diafragma abre e fecha, menos luz entra e vice versa.
- Podemos trabalhar a velocidade de acordo com os nossos objetivos para a fotografia:
 - Se queremos um repuxo congelado, por exemplo, usamos velocidades rápidas
 - Se queremos ver o arrasto das luzes de um carro, usamos velocidades lentas.

1/1000s

1/500s

1/250s

1/125s

1/60s

1/30s

1/15s

1/8s

1/4s

1/2s

1s

5s

15s

Bulb

mais escuro



mais claro



Técnicas de Velocidades Lentas

- Zooming - Consiste em usar uma velocidade lenta (1seg por ex.), e fazer zoom in ou zoom out
- Panning - Consiste em acompanhar um objeto em movimento, para deixar o fundo arrastado
- Varrido - Com a câmara fixa, o fundo mantém-se, mas tudo o que passar à frente fica movido - é o princípio base para se fazer light painting

*A escala funciona com os dobros.

Programas das Máquinas

Canon

M

MANUAL

Av

PRIORIDADE À ABERTURA

Tv

PRIORIDADE À VELOCIDADE

P

PROGRAMA



AUTOMÁTICO

Nikon

M

MANUAL

A

PRIORIDADE À ABERTURA

S

PRIORIDADE À VELOCIDADE

P

PROGRAMA



AUTOMÁTICO

White Balance



AUTOMÁTICO

LUZ DO DIA

NUBLADO

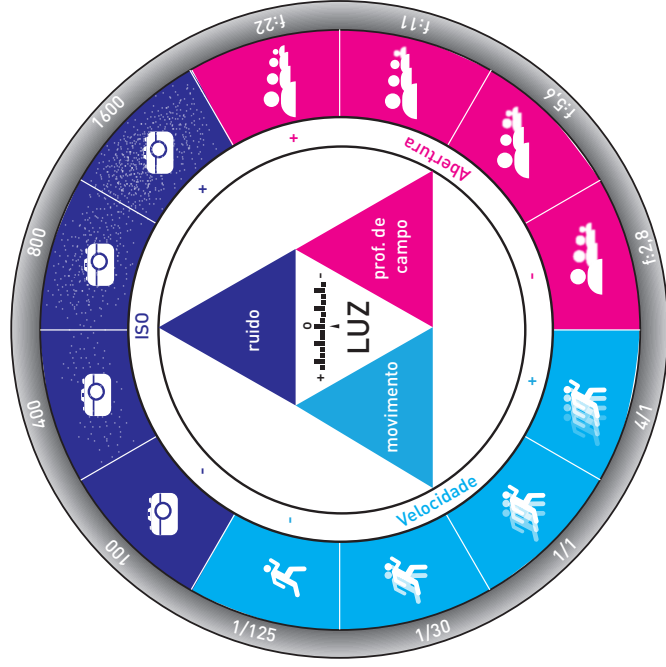
SOMBRA

TUNGSTÊNIO

FLUORESCENTE

FLASH

PERSONALIZADO



a exposição correcta em circunstâncias concretas

- 1s, 1/2 s, 1/4s, 1/8s, 1/15 s, 1/30 s, 1/60 s, **1/125**, 1/250, 1/500s, 1/1000s
- 1,2 1,4 2 2,8 4 5,6 **8** 11 16 22
- 3200, 1600, 800, 400, 200, **100**, 50

Se queremos muita profundidade de campo, mudamos os parâmetros, sem variar as proporções.

- 1s, 1/2 s, 1/4s, 1/8s, **1/15 s**, 1/30 s, 1/60 s, 1/125, 1/250, 1/500s, 1/1000s
- 1,2 1,4 2 2,8 4 5,6 8 11 16 **22**
- 3200, 1600, 800, 400, 200, **100**, 50

Se queremos congelar o movimento de um objeto em movimento, mudamos os parâmetros sem variar as proporções

- 1s, 1/2 s, 1/4s, 1/8s, 1/15 s, 1/30 s, 1/60 s, 1/125, 1/250, 1/500s, **1/1000s**
- 1,2 1,4 2 **2,8** 4 5,6 8 11 16 22
- 3200, 1600, 800, 400, 200, **100**, 50

Se queremos mudar a sensibilidade guardando as proporções, mantendo sempre a exposição correcta original.

- 1s, 1/2 s, 1/4s, 1/8s, 1/15 s, 1/30 s, 1/60 s, **1/125**, 1/250, 1/500s, 1/1000s
- 1,2 1,4 2 2,8 4 5,6 8 11 16 **22**
- 3200, 1600, **800**, 400, 200, 100, 50

Tipos de Máquinas Fotográficas

- Telemóvel - Hoje em dia, quase todos os telemóveis têm câmara fotográfica, e alguns com boa resolução e boas opções de controlo
- Ultra compactas - Fáceis de transportar, e com bastante qualidade, pecando pela duração da bateria ou pilhas. Mais caras que as compactas.
- Compactas - São as mais vendidas no mercado. Tal como as ultra compactas, são fáceis de transportar. A qualidade de imagem não é tão boa devido à dimensão dos sensores.
- Intermédias (Bridge) - Fazem a ponte entre as compactas e as DSLR, pois possuem um zoom óptico elevado. Não precisam de objetivas, e algumas têm controlo manual.
- DSLR ou Reflex - São grandes, e mais caras que todas as outras, e necessitam de objetivas. Contudo, a qualidade é maior, e as possibilidades de controlo manual também, o que resultam em fotografias com maior qualidade.
- Analógicas - Funcionam a rolo, e as fotografias precisam de ser reveladas.



iPhone 5
2012



GoPro Hero 3
2013



Sony DSC-W360
2012



Panasonic Lumix GF1
2009



Canon EOS 5D
Mark II
2009



Pentax ME F
1981

Objectivas

Ultra-Grande Angular - Podem ter ângulos entre os 80° e os 180° - Olho de Peixe - São lentes que que deformam totalmente o horizonte, e uma imagem circular

Grande Angular - Ângulos dos 75° aos 40° graus. Estas lentes distorcem o tamanho dos objectos que estão mais perto, e as linhas tendem a convergir para os limites da imagem.

Normais - Possuem um ângulo um pouco inferior ao do olho humano - 46°, mas é das lentes que mais se aproxima da imagem que o ser humano vê.



Fish-eye 7.5mm f/5.6



FD 35mm f/2



FD 50mm f/1.8



FD 135mm f/2



Macro FD 50mm f/3.5

Teleobjetivas - Objectivas com ângulos estreitos que vão dos 28° aos 15° graus.

Super Teleobjetivas - Com ângulos dos 12° aos 10°, estas objectivas são ideais para a fotografia do desporto, pois têm o poder de aproximar o objecto que se quer fotografar, eliminando os elementos em torno deste.

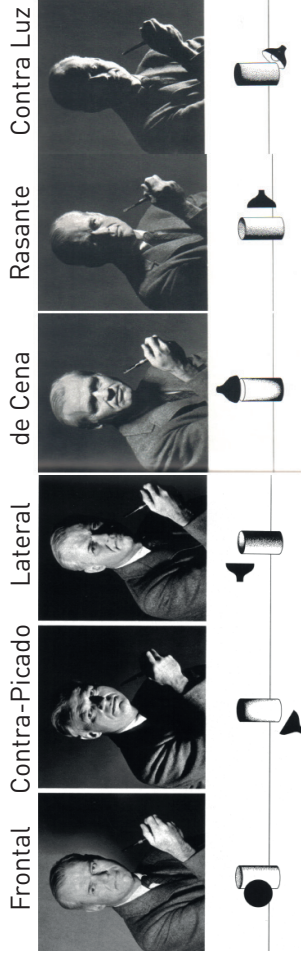
Macro - Objectivas que permitem focar a distancias pequenas, especialmente usadas para fotografias de insectos.



FD 800mm f/5.6 L

Flash - Flash Directo

Existem 6 formas de usar o Flash directo, ou seja, a luz vai directa ao objecto que se quer fotografar.



Flash - Outras Técnicas

o Flash pode fazer parte do processo criativo de uma fotografia, podendo ser disparado uma ou mais vezes.

No 1º ex. em baixo, o flash foi virado para cima para que a luz fosse reflectida primeiro no tecto e depois tocasse a modelo.

Nos ex. seguintes, o flash foi usado mais que uma vez, usando várias técnicas ao mesmo tempo, sendo elas Flash de enchimento, Open Flash e Light Painting.



Composição - Elementos Visuais

Forma - Não se trata de apenas uma linha que determina uma figura, mas também da forma de um objecto.

Textura - Dependente também da luz que incide no objecto, a sua textura é mais ou menos visível, e se este tiver textura com linhas, essas linhas podem servir de orientação para a fotografia.

Volume - Diferente da forma pelo aspecto tridimensional e que está intimamente relacionado com a textura, já que esta também implica uma terceira dimensão.

Cor - A cor serve para criar relações de proximidade ou não entre os objetos, pois se estes têm cores próximas perdem força em relação de um para o outro, sendo que o inverso acontece com cores diferentes.

Movimento - Transmite sensações de dinamismo ou confusão.

Princípios

Linhas - As linhas criam estrutura dentro das imagens, orientando quem vê numa determinada direção.

Enquadramento - O normal é tirarmos fotografias horizontais, pois é assim que vemos o mundo, mas como a fotografia é rectangular, temos de optar por uma orientação.

Ângulo - Podemos tirar fotografias de frente, com ângulo picado (cima para baixo), ângulo contra-picado (baixo para cima), dependendo do objectivo que se quer representar.

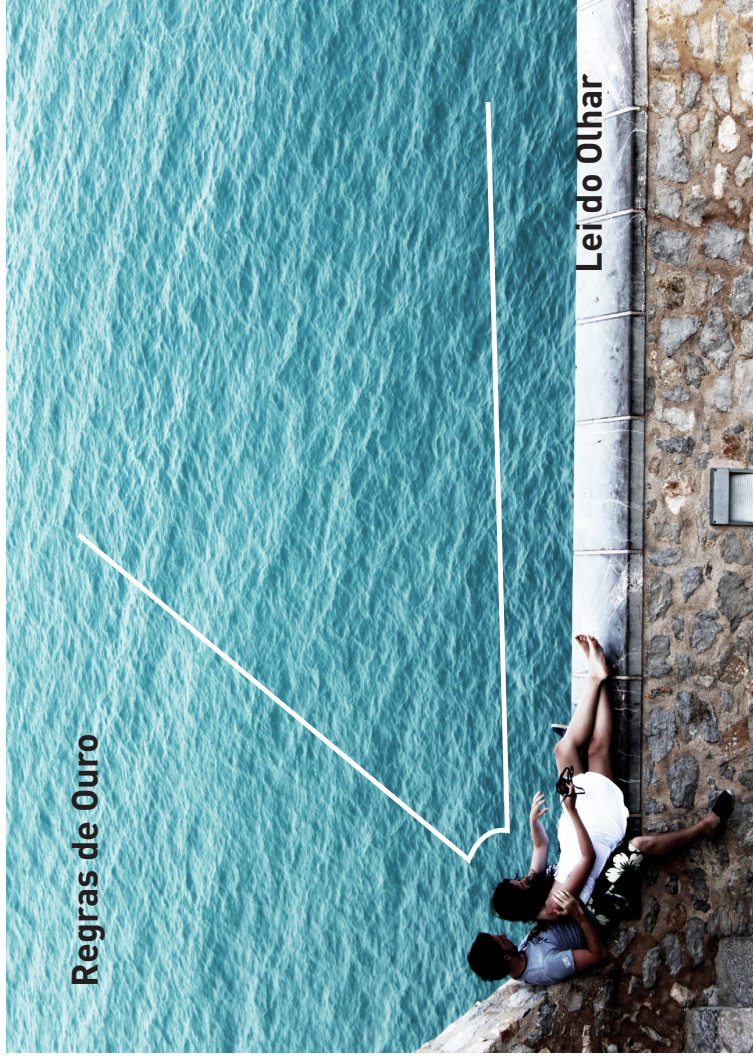
Ritmo - Resulta da repetição de linhas, formas ou cores.

Perspectiva - Pode ser Figurativa (diferenciando o tamanho dos objetos e sobreposição de motivos), Linear (onde as linhas convergem para um ponto de fuga) ou Aérea (em que os intervalos de cor entre o plano principal e o fundo determinam a profundidade da fotografia)

Equilíbrio - Distribuição correcta dos pesos visuais pela fotografia.

Proporção - Relacionado com os modos de representar a figura humana no espaço.

Contraste - escolha da tonalidade que se quer usar, pois dessa escolha pode resultar uma fotografia que transmita frescura (tons claros) ou drama (tons escuros)



Regras de Ouro

Lei do Horizonte



Lei dos Terços

O que podemos editar

Digitalmente podemos controlar o contraste, a saturação e o brilho de uma imagem.

Contraste - Define-se através da relação entre os tons mais claros e os mais escuros - Podemos acentuar essa relação ou não.

Saturação - É a pureza de cada uma das cores, que é medida numa percentagem que vai do cinzento (0%) à cor pura (100%), pelo que, se colocarmos a saturação a 0% temos uma imagem a preto e branco.

Brilho - É a luminosidade que cada cor tem. O brilho é importante trabalhar se a imagem for impressa, pois neste caso, temos de trabalhar a imagem para que a impressão não saia demasiado escura ou demasiado clara.

Podemos controlar estes pontos individualmente ou então através das “curvas” ou dos “níveis”.

A qualidade da captura

Podemos captar imagens em TIFF, RAW ou JPEG - sendo este último o mais usado, por ser um formato que ocupa menos, mas também perde qualidade, se não fizermos ampliações até 60x40.

Se captarmos em RAW, este ficheiro vai guardar todas as definições que a máquina tinha quando foi captada a imagem, podendo depois vir a alterar a imagem sem ter que tirar outra fotografia igual.

Em TIFF, não se perde qualidade, mas pode pesar mais que um ficheiro RAW.



ANEXO 4

Guiões de trabalho, utilizados na segunda abordagem aos alunos

Guiões

23 grupos (3 elementos cada)

- 6 | 9ºano | Fotografia
- 6 | 10ºano | Som
- 6 | 11ºano | Video
- 4 | 12ºano | Mix
- 1 | 12ºano | Roteiro auditivo de Sever * (pode ter mais elementos)

FOTOGRAFIA

1º - Pesquisar tema que foi atribuído (Cabreia, Pedra Moura, Gastronomia, Desportos Radicais no Vouga, Massas Vouga, Avós Severenses):

Pesquisar em tudo o que é livros, revistas, internet, e procurar informação sobre os temas com os Severenses que achem mais indicados

*Net - 1 elemento

*Livros - 2 elementos

*Entrevistas - Grupo

Duas Semanas

2º - Selecionar "o que fotografar" mediante resultados da pesquisa - Grupo

Seleção feita com base nos dados recolhidos durante a pesquisa

3º - Fotografar - 30 Fotografias cada elemento

Podem fotografar com qualquer equipamento que o permita fazer, desde telemóveis, às máquinas fotográficas muito boas às menos boas

As imagens podem ser em formato analógico ou digital

Devem procurar retratar o tema atribuído, evitando imagens fora do contexto

As imagens podem representar pormenores ou situações mais abrangentes

(ex: a gota de água da cascata da cabreia VS família a fazer pik-nik no parque da cabreia, com a cascata ao fundo)

Duas Semanas

4º - Seleção melhores fotos | até 10 fotos por elemento - Grupo

5º - Tratamento - individual com discussão entre o grupo

Tratamento em computador das imagens selecionadas

Realização de uma ficha técnica de cada imagem (área, tema atribuído, local de captação, descrição da imagem, autor, data)

Uma Semana

6º - Seleção Final - 1 foto por elemento - Grupo

As imagens selecionadas serão expostas na exposição "Maneiras de Sever" a realizar no CAESV

SOM

- 1º - Pesquisar tema que foi atribuído (Rio Vouga, Minas do Braçal, Bandas Filarmónicas, Hóquei, Metalúrgica, Relatos de uma vida):
Pesquisar em tudo o que é livros, revistas, internet, e procurar informação sobre os temas com os Severenses que achem mais indicados

*Net - 1 elemento
*Livros - 2 elementos
*Entrevistas - Grupo

Duas Semanas

- 2º - Selecionar "o que gravar" mediante resultados da pesquisa - Grupo
Seleção feita com base nos dados recolhidos durante a pesquisa

- 3º - Gravar - 3 amostras de som cada elemento
Podem gravar com qualquer equipamento que permita gravar som, desde gravadores de audio, telemóvel, ou mesmo usar o som captado em video
Podem gravar em formato digital (AAC, WAVE...) ou em cassete (depois passado para formato digital)
Devem procurar retratar o tema atribuído, evitando sons/testemunhos fora do contexto
Podem captar desde sons ambientes a entrevistas, ou mesmo simular uma situação através de sons

Duas Semanas

- 4º - Seleção da melhor amostra - Grupo
A amostra selecionada será tratada, e será exposta na exposição "Maneiras de Sever" a realizar no CAESV

- 5º - Tratamento - Grupo
Tratamento das amostra selecionada em computador - ou converte-los a formato digital para depois os tratar em computador
Realização de uma ficha técnica do som (área, tema, local de captação, descrição do som, autor, data)

Uma Semana

VIDEO

- 1º - Pesquisar tema que foi atribuído (Filveda, Megalítico, Ass. Solidariedade, Jogos Tradicionais, Apanha do Mirtílo, Personalidades Severenses):
Pesquisar em tudo o que é livros, revistas, internet, e procurar informação sobre os temas com os Severenses que achem mais indicados

*Net - 1 elemento
*Livros - 2 elementos
*Entrevistas - Grupo

Duas Semanas

- 2º - Selecionar "o que filmar" - Grupo
Seleção feita com base nos dados recolhidos durante a pesquisa

- 3º - Filmar - 3exemplos - Grupo
Podem utilizar qualquer tipo de equipamento que permita filmagem, desde as câmaras antigas de cassete, câmaras mais recentes, ou mesmo telemóveis
Os vídeos podem estar em qualquer formato de vídeo (mpeg, quicktime, vlc, h264,...)
Os trabalhos devem procurar retratar o tema atribuído, evitando vídeos fora do contexto
Os vídeos podem ser captações da realidade ou ficção (entrevista, curta-metragem, documentário...)

Duas Semanas

- 4º - Selecionar melhor exemplo - Grupo
O exemplo selecionado será tratado, e será exposto na exposição "Maneiras de Sever" a realizar no CAESV

- 5º - Tratamento - Grupo
Tratamento do exemplo selecionado em computador
Realização de uma ficha técnica do vídeo (área, tema, local de captação, descrição do vídeo, autor, data)

Uma Semana

VISITA AUDITIVA A SEVER

- 1º - Pesquisar e seleccionar locais/coisas/pessoas para incluir no Roteiro
Pesquisar em tudo o que é livros, revistas, internet, e procurar informação sobre os temas com os Severenses que achem mais indicados
- *Net - 1 elemento
 - *Livros - 2 elementos
 - *Entrevistas - Grupo

Duas Semanas

- 2º - Ordenar pontos seleccionados - Grupo
A ordem pode ser por relevância dos pontos seleccionados, ou por ordem geográfica (imaginar um caminho que nos leve a todos esses pontos)

- 3º - Criar e Gravar Texto (com apoio*)**
O texto deverá conter a história, o que se fazia, e curiosidades dos pontos seleccionados
Gravar o texto em Voz Of, com apoio de um técnico de som.

Duas Semanas

- 4º - Gravar sons de cada ponto**
Procurar os melhores sons para cada ponto
Procurar um som que represente a transição entre pontos

Duas Semana

- 5º - Editar (com apoio*) - Grupo
Edição do ficheiro final, que será passado na sala grande do CAESV, durante a exposição "Maneiras de Sever"
Realização de uma sinopse sobre o roteiro

Uma Semana

10mins Aprox.

* - apoio dado pelo orador do workshop de som dado no ano lectivo passado

** - 3º e 4º passos feitos em simultâneo, mas por alunos diferentes dentro do grupo

MIX

- 1º - Pesquisar sobre o que melhor retrata o tema que foi atribuído ao grupo (Património Natural, Património Histórico, Cultura ou Desporto)

Pesquisar em tudo o que é livros, revistas, internet, e procurar informação sobre os temas com os Severenses que achem mais indicados

*Net - 1 elemento

*Livros - 2 elementos

*Entrevistas - 3 elementos

Duas Semanas

- 2º - Fotografar, gravar som ou fazer um video sobre esse tema e o que o retrata melhor

Podem utilizar qualquer equipamento que permita fotografar, gravar som, ou fazer video

Duas Semanas

- 3º - Obter objecto para complementar a informação realizada no 2º passo

exemplos

Património Natural | Paisagem da Serra do Arestal | Pinheiro + Som captado na Serra

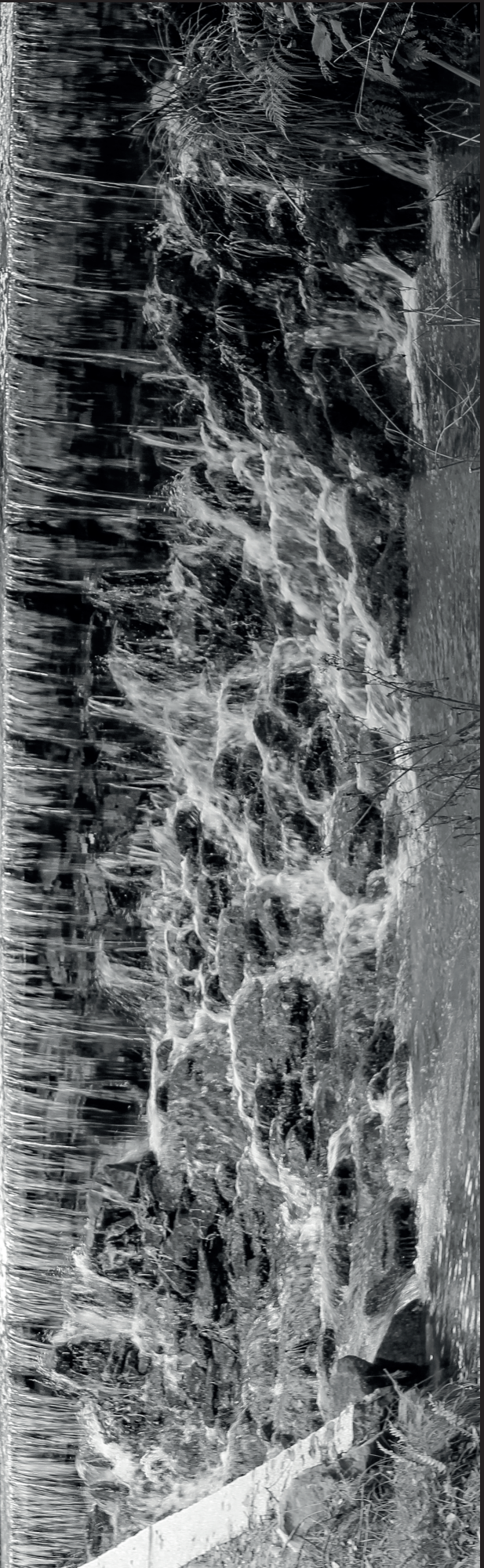
Património Histórico | Dolmen de Cerqueira | Foto + Amostra de Granito + som ou texto explicativo de como faziam os dolmens com granito e porque com granito

Cultura | Canção de Sever | Som + Partitura

Desporto | Hóquei | Manequins simulando disputa de disco + Som gravado durante um jogo

ANEXO 5

Fotografias finais, apresentadas na exposição,
e memórias descritivas de todos os trabalhos
expostos, realizados pelos alunos







1#PARQUE DO ARIEIRO

Dornelas

2#DOLMEN DE CERQUEIRA

Cerqueira

Ana Martins

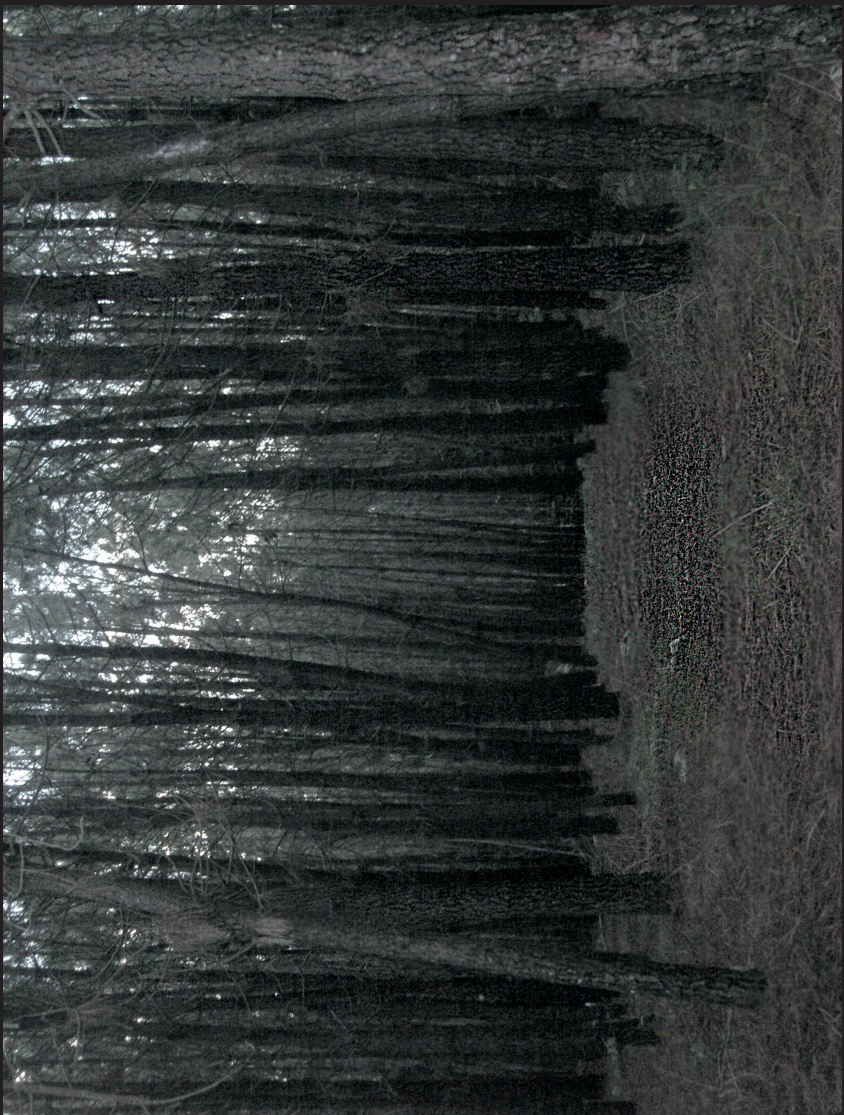
Jéssica Coutinho

Ao passear por Sever do Vouga podemos nos aperceber das magníficas paisagens que existem desde fenómenos naturais, como a cabreia, a monumentos feitas na antiguidade pela comunidade severense, a anta da cerqueira e a ponte de santiago.

Tudo combinado torna este concelho muito propício a turismo desde o topo da serra do arestal com uma vista fenomenal para Aveiro ao rio Vouga que no Verão serve para a juventude se juntar e aproveitar todos os dias de sol.

Nós como jovens de Sever do Vouga gostamos de tanto ar puro de tanta serra de como estar com os nossos amigos cá, não precisamos de ir para a Aveiro para ir para a praia nós temos a nossa própria praia. Pelo facto de apenas em alguns passos podemos ver Aveiro, o mar, o farol e fogo-de-artifício quando há. Mas principalmente orgulhamo-nos de dizer: “É ali que vivemos aquela terra extraordinária, a nossa casa, a nossa família” e embora no futuro tenhamos de ir embora nunca nos iremos esquecer e voltaremos sempre nem que seja só para recordar o nosso passado, os nossos tempos de criança e as histórias todas que fazem parte da nossa vida.









1&2#PEDRA MOURA

Silva Escura

Ana Tavares

Sara Domingues

Entre tantas coisas para fazer parte do património de Sever do Vouga porquê uma pedra?

Talvez por esta pedra não ser igual às outras... Esta pedra tem umas características fora do comum. Datada da idade do bronze, possui umas características especiais.

Esta pedra está desenhada, tem covinhas, círculos simples, círculos duplos e triplos, semicírculos, arcos de círculo e espirais.

É algo que faz parte do património e é interessante mas não existem grandes indicações para lá chegar, pode-se usar as coordenadas 40° 46'37.6"N/ 08° 21'48.0"W.

Eu gostaria de poder ver essa grande Pedra mas devido à falta de indicações não me foi possível.

Ana Tavares









1&2#CHÁ DE SEXTA

Talhadas

Ana Tavares

Sara Domingues

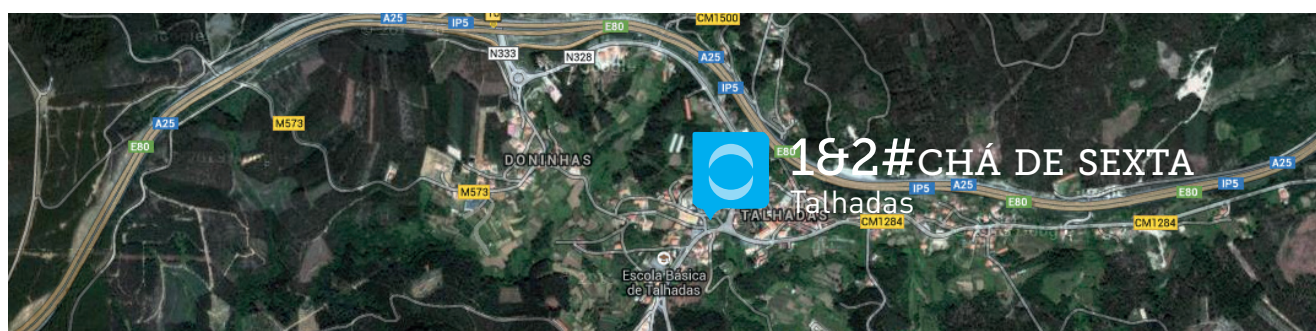
Começou por ser um grupo formado apenas por vozes, criado por causa de uma festa final das novas oportunidades em Talhadas.

Começaram por se juntar todas as sexta-feiras para ensaiar e no final de cada ensaio bebiam chá, com bolinhos, daí deriva o seu nome, Chá de Sexta.

A tradição do chá no final do ensaio mantém-se. Mais tarde acrescentaram-se instrumentos, começaram a ter atuações, perderam-se algumas pessoas, mas também entraram novas caras. Tem como finalidade divulgar as músicas tradicionais da nossa terra, todas as suas músicas eram cantadas durante a lavagem, apanha, bailaricos... É constituído neste momento por 20 pessoas: 10 vozes, 1 viola, 2 cavaquinhos, 2 acordeões, 1 bombo, 1 concertina, 1 ferrinho, 1 reco-reco e 1 pandeireta.

Quando entrei adorei fazer parte daquilo tudo, dos ensaios, das atuações, dos convívios. Estar em cima do palco e ver as pessoas a aplaudir e a dançar felizes, é uma sensação ótima! Quer dizer que estão a gostar do que estão a ouvir, que nos estão a gostar de ver. Fazer parte de um grupo é como entrar para uma família, gostamos todos uns dos outros, mas nem sempre concordamos e à desentendimentos, como em qualquer família, existem familiares mais chatos, outros mais brincalhões e animados, outros mais tímidos... E tendemos para ter mais afinidades com uns do que com outros, mas se fossemos todos iguais e com mesmas opiniões, seria uma grande chatice, pelo meu ponto de vista. É fantástico pertencer a um grupo quando gostamos das pessoas e quando gostamos do que fazemos, até mesmo nem gostando, temos serias probabilidades de começar a gostar, pois passa a ser uma coisa nossa.

Sara Domingues











1#PISTA DO ROÇÁRIO

2#CAR CRASH

3#TRUCK RACE

Talhadas

Fábio Magalhães

Fábio Matos

Fábio Veiga

Pista implantada numa área de treze hectares, onde se realizam provas do Campeonato Nacional de Rallicross, Autocross e Kartcross. Está dividida em dois traçados, um com piso em terra e outro com piso misto de terra e de tapete.

Tem vindo a receber várias provas a nível nacional, principalmente, provas do campeonato nacional, mas também já foi palco de provas a nível europeu. É uma circuito caracterizado pela sua dificuldade devido ao declínio de algumas zonas e ao seu tapete de corrida muito irregular.

Cremos que a pista do Alto do Roçário é importante para o concelho, pois trás vantagens para o turismo local, pois os eventos realizados atraem sempre pessoas de fora. Os habitantes de sever do vouga também ganham, pois tem a oportunitade de entrar em contacto com novas modalidades, e passam na pista um bom tempo.

É das melhores pistas do país e uma das poucas do genero, recebendo por isso importantes provas de rali e de outras modalidades.









1&2#SEVEME

Seveme

Diana Pereira

Raquel Rodrigues

“Em 1995, a Seveme iniciou um percurso pautado pelo rigor, competência e ambição, e que permitiu que hoje seja reconhecida como uma empresa de referência no sector das construções metálicas e sistemas de alumínio.

“As suas fábricas com 30 000m² de área total e 11 000m² de área coberta, equipadas com a mais recente tecnologia de projecto e fabrico e a sua equipa de 120 pessoas, capacitam a empresa para intervir em centros comerciais, edifícios de escritórios e residenciais, hospitais, escolas, estações de metro e comboios, armazéns e fábricas, dos quais destacamos pela sua relevância a Expo 98 - Lisboa e os Estádios do Euro 2004.”

Seveme.com

A minha relação com a Seveme é devido ao facto de a minha mãe trabalhar lá. Basicamente é o ganha-pão da minha família (juntamente com o meu pai).

Eu penso que a Seveme é muito importante para a indústria e economia de Sever, tal como a Arestalfer, ASilvaMatos, entre outras. Estas empresas empregam muitas pessoas de Sever, portanto, é importante.

Raquel Rodrigues









1#TIO ANTÓNIO 2#AMÉRICO (TI-ZÉ)

Sara Pereira
João Pereira

Decidimos fazer este trabalho (retrato severenses) , pois olhando para o passado da nossa humilde região conseguimos recolher histórias e relatos da nossa vila naquela época, mas também tornar Sever um concelho mais ativo com estas actividades estando com os seniores , não só eles aprendem connosco como nós podemos aprender com eles apartir destas histórias magníficas e uma camara fotografica ao nosso lado ajuda sempre a tornar o trabalho mais belo e também utilizando as novas tecnologias. E este é o principal fator de termos escolhido os “retratos severenses” como o nosso trabalho também porque adoramos fotografar.





3#O RUGIR DA ÁGUA

Cascata da Filveda - Bouças
Luis Freitas

O rugir da água, rustilhar da brisa na folhagem das frondosas árvores que vestem e pintam o concelho, a união de todos os elementos dá-nos a paz de alma e pureza de espírito que somos conhecidos. Tudo é regido por um conceito de nos deixarmos inspirar por aquilo que a terra nos faz sentir, é ser-se autêntico, é pertencer a Sever do Vouga.









3#MÚSICA

Luis Freitas

Há algo que nos move... Que se manifesta a cada segundo à nossa volta, que materializa sentimentos - chama-se música - que desempenha um imponente cargo na cultura severense. Ritmos singulares, exuberantes cantares, seja rancho, seja bailarico, a festa prossegue faça chuva faça sol! Rostos coram, passos agitam-se, corações abrem-se.

Por terras de santa maria, muito se aplica o provérbio: “Quem canta seus males espanta!” - algo que desde sempre se fez por cá, de Janeiro a Janeiro. Longa vida à tradição!





4#DANÇA FÍSICA

Luis Freitas

Gente com garra como os severenses faz-se de movimentos, infinitas expressões, linhas intermináveis de cultura e arte - o desporto combina tudo isso! Dentre todas as forças, a física é a mais notória na imagem, a união está presente nestes momentos, daí haver a dita força que se mostra como ferramenta para superar obstáculos. Danças como a representada despertam o carácter esotérico de cada um e abrem a nossa mente para termos experiências que não pensávamos possíveis - é isto que faz o desporto - reinventa o nosso ser.





3#MIRTILO

Luis Freitas

Um fruto vibrante, tantos o mencionam em todo o lugar, tantos são os que incessantemente o procuram e devoram. É um ícone e tem a sua base em Sever do Vouga, graças à sua grande presença mundial este enriquece a economia do concelho de onde provém. Apresenta uma rica textura e coloração misteriosa, o seu sabor anda de mãos dadas com o impacto que exerce na saúde humana. Vislumbrar um azul detentor de tal imensidão desperta os sentidos, abre os horizontes e acima de tudo... Faz crescer água na boca!

O mirtilo move gentes da nossa terra a presenciar frias manhãs e românticos fins de tarde, horas em que, na sua época, se dá primazia à apanha do fruto. Anualmente são rogados milhares de trabalhadores para a colheita, feitas sublimes iguarias por chefs com esse “fruto da juventude” - sabedoria milenar é empregue em cada etapa até que o fruto e seus derivados cheguem às mesas do mundo. Tudo acontece aqui em Sever do Vouga, um concelho que o mirtilo reinventou.





3#SABEDORIA DE GERAÇÕES

Luis Freitas

Quem já está cá por mais tempo, quem possui a sabedoria de gerações e que a quer passar tem que ser escutado ou neste caso, visto. Um dos pioneiros do concelho, que o viu crescer, quase dono do tempo que tão afirmativamente marca seu rosto. Ancião e figura patriarcal de família, tem a ensinar-nos como viver e todos os presentes que este concelho nos tem a oferecer porque já nele perambula há tantos anos...



#RIO ALFUSQUEIRO

Cortez - Talhadas

João Capela

Margarida Tavares

O rio Alfusqueiro é um rio português, afluente do Rio Águeda, nasce na serra do Caramulo, no concelho de Vouzela, perto de Carvalhal de Vermilhas; passa por Cambra, Campia, Destriz, Cortez e Préstimo, indo desaguar em Bolfiar, no rio Águeda. Atravessa os municípios de Vouzela, Oliveira de Frades, Sever do Vouga e Águeda. Tem um percurso de 49 quilómetros.

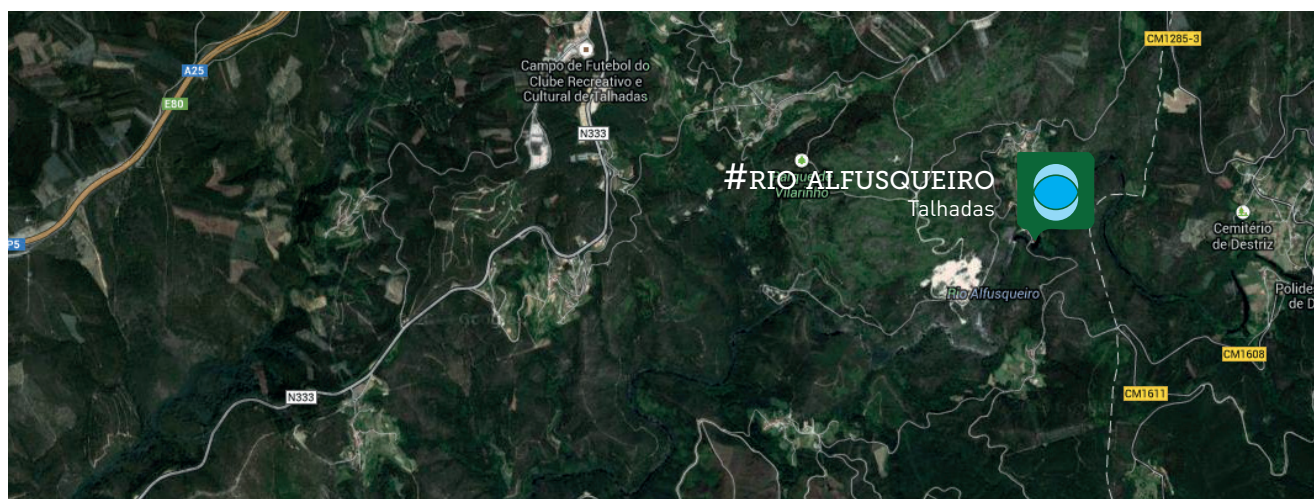
O rio Alfusqueiro é rico em barbos, trutas, bordalos, bogas e lagostins.

No seu troço superior, de modo a aproveitar o seu declive acentuado, foram construídos diversos aproveitamentos hidroelétricos, tais como a barragem das Cainhas, de Cercosa, do Cortez e do Préstimo.

João Capela

De facto não conhecia este rio, o que é certo é que adorei conhece-lo pois a calma, serenidade, beleza e paz que transmite é, no mínimo, cativante.

Margarida Tavares





#PONTE DO POÇO DE SANTIAGO

Pessegueiro do Vouga

Cláudia

Dina

Melissa Soares

É uma das pontes mais interessantes e singulares de Portugal.

Elegantíssima obra de engenharia inaugurada em 1913, tem uma altura de cerca de 28 metros. É composta por vários arcos de geometria complexa e invulgar: o arco maior abraça o leito do Rio Vouga, enquanto os restantes arcos são mais pequenos e alguns deles assentam directamente no arco principal. Vários estudiosos defendem ser esta a mais alta ponte do país construída em pedra. Com 165 metros de comprimento, é constituída no seu todo por 12 arcos de vários tamanhos. O maior, de forma parabólica, abraça firmemente as margens do rio Vouga, tendo de altura 27 metros e de vão (comprimento da base) 53 metros. O fecho deste arco, o central, apresenta apenas 90 cm de espessura. Os restantes 11 arcos partilham da base do arco maior, havendo uma duplicidade de soluções geométricas e de engenharia verdadeiramente arrojadas. A ponte insere-se num recanto natural verdadeiramente paradisíaco de verdes matizantes das montanhas que desaguam languidamente nas águas do rio Vouga, donde sobressai pela sua imponentia, majestosa e sóbria, transmitindo uma imagem ímpar de beleza natural e artística.

A construção da Ponte do Poço de Santiago remonta ao ano de 1913, tendo sido necessários 3 a 4 anos para a sua conclusão e teve como orientador no terreno o engenheiro francês F. Mercier.





#FILARMÓNICA SEVERENSE

Sever do Vouga

Diana Pereira

Raquel Rodrigues

Oficialmente, 1883 é considerado ano do nascimento desta Filarmónica, por ter sido a data da sua primeira actuação em público.

No entanto, existem documentos que comprovam a sua existência antes desta era, porque, no dia 6 de Novembro de 1881, nesta Vila e perante o tabelião José Nunes Monteiro foi lavrada uma Escritura de compromisso para a constituição da “Filarmónica de Sever do Vouga”.

A Filarmónica Severense comemorou em 1983 o centenário da sua fundação, com a presença de 15 bandas, sendo um acontecimento inédito e nunca visto no concelho.

Eu neste projecto decidi trabalhar em conjunto com a Banda Filarmónica Severense, porque sou um elemento que a constitui e também porque gosto do tipo de música de uma filarmónica. Comecei a frequentar a escola de música com 8 anos de idade, que a instituição tem a funcionar para formar os mais jovens e não só, para que um dia mais tarde façam parte da Banda. Cerca de 2 anos depois comecei a ter aulas de instrumento e a frequentar a orquestra. Fui para a banda porque um primo levava-me aos concertos e a ensaios e como gostava um dia pedi aos meus pais para experimentar e desde aí que não tenho «largado» a banda.

Diana Pereira





#PISTA DO ROÇÁRIO

Talhadas
Fábio Magalhães
Fábio Matos
Fábio Veiga

Pista implantada numa área de treze hectares, onde se realizam provas do Campeonato Nacional de Rallicross, Autocross e Kartcross. Está dividida em dois traçados, um com piso em terra e outro com piso misto de terra e de tapete.

Tem vindo a receber várias provas a nível nacional, principalmente, provas do campeonato nacional, mas também já foi palco de provas a nível europeu. É uma circuito caracterizado pela sua dificuldade devido ao declínio de algumas zonas e ao seu tapete de corrida muito irregular.

Cremos que a pista do Alto do Roçário é importante para o concelho, pois trás vantagens para o turismo local, pois os eventos realizados atraem sempre pessoas de fora. Os habitantes de sever do vouga também ganham, pois tem a oportunidade de entrar em contacto com novas modalidades, e passam na pista um bom tempo.

É das melhores pistas do país e uma das poucas do genero, recebendo por isso importantes provas de rali e de outras modalidades.





#ARESTALFER

Dornelas
Ana Martins
Jéssica Coutinho

A empresa iniciou actividade como Martinox, Lda em 1982 com 3 pessoas ao serviço instalada numa área de 200m², tendo como principais actividades, o fabrico de caldeiras, instalações sanitárias, guardas e portões, termoacumuladores, cubas para vinho, equipamento hoteleiro e depósitos industriais.

Em 1996, passou a fazer parte do Grupo Martifer, designando-se de Martins & Coutinho, Lda, o que fez com que tivesse um crescimento exponencial a partir desse ano, tendo progressivamente aumentado o número de colaboradores e capacidade industrial.

Em 2005 foi constituída uma sociedade anónima tendo a empresa ficado com a designação de Martifer II Inox, SA, assegurando toda a parte de soluções em aço inox e estruturas metálicas mais ligeiras.

Em 2011 deixou de pertencer ao grupo Martifer passando a designar-se por Arestalfer, mantendo as mesmas áreas de intervenção assim como a tipologia de produtos.

arestalfer.com

Eu não tenho propriamente uma relação com a Arestalfer. Para mim esta empresa é simplesmente uma das empresas em que o meu pai trabalhou antes de morrer.

Jéssica Coutinho

A minha relação com a empresa Arestalfer é como se fosse um vizinho, e na realidade é. Conheço bem os proprietários e quando preciso sei que posso ir lá e pedir algo, desde pequena que me lembro da empresa e actualmente a minha mãe trabalhar lá, muitos dos trabalhadores já me conhecem das vezes que me esqueço das chaves de casa e tenho de as ir pedir a minha mãe é como já fizesse parte da casa. Se esta empresa desaparece-se desta região seria algo preocupante, não tem muitos colaboradores mas famílias inteiras vivem dos rendimentos que recebem por trabalhar nela..

Ana Martins





#HISTÓRIA DE UMA VIDA

Sara Pereira
João Pereira

Decidimos fazer este trabalho (retrato severenses) , pois olhando para o passado da nossa humilde região conseguimos recolher histórias e relatos da nossa vila naquela época, mas também tornar Sever um concelho mais ativo com estas actividades estando com os seniores , não só eles aprendem connosco como nós podemos aprender com eles apartir destas histórias magníficas e uma camara fotografica ao nosso lado ajuda sempre a tornar o trabalho mais belo e também utilizando as novas tecnologias. E este é o principal fator de termos escolhido os “retratos severenses” como o nosso trabalho também porque adoramos fotografar.



#SEVERSCAPING

Filveda e Sra da Penha

Luis Pinto

Renato Pinto

Na freguesia de Silva Escura mais precisamente nas Bouças podemos encontrar a cascata da Filveda, esta que não fica atrás da cascata da Cabreia também em Silva Escura, um sítio onde podemos ver a beleza da natureza e onde a pouca interferência do homem deve-se apenas a facilitar o acesso dos visitantes. É um sítio de eleição para quem quer relaxar ao som da natureza, conhecer a fauna e a flora do concelho ou até fazer um piquenique em família.

A queda de água, os rochedos e os desafiantes acessos que incluem uma enorme escadaria em madeira são os elementos caracterizadores desta cascata que deslumbra os amantes da natureza.





#RIO & ANTA

Couto Esteves

Cintia Alves

Marta Rodrigues

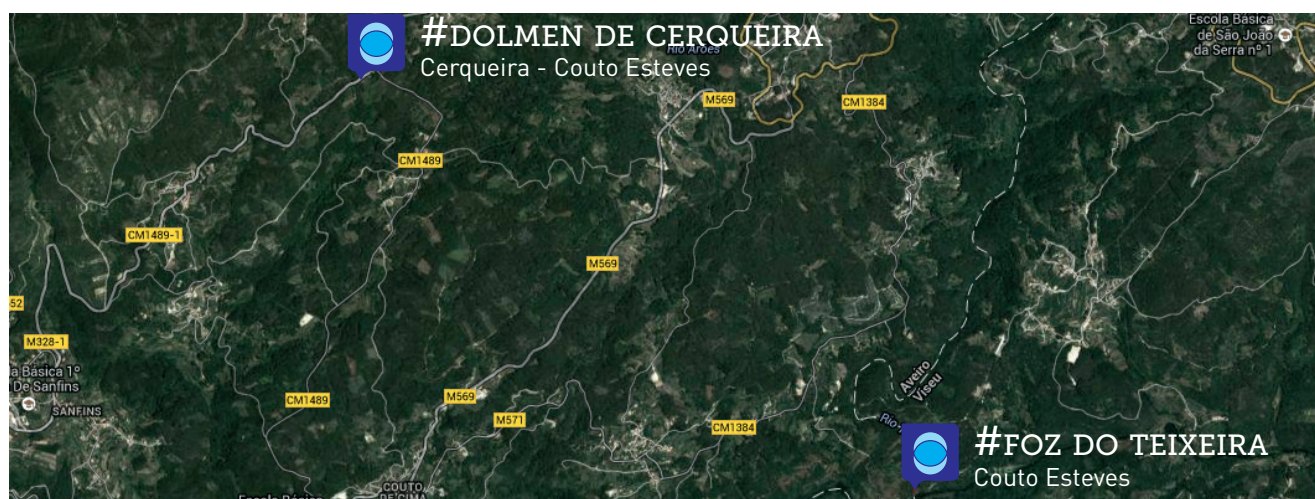
Consideramos o rio Teixeira o melhor rio de Sever, não só pela calma que o ambiente que o rodeia transmite, mas também, pela limpeza da água que nele corre.

É um rio ótimo para passar uma boa tarde de verão com os amigos e para ir dar uns mergulhos.

É realmente triste o facto desta pequena maravilha ter de desaparecer, devido à construção da barragem de Ribeiradio.

A anta da Cerqueira é bastante fácil de localizar, pois para além de se situar num local visível, mesmo ao lado da estrada, está em muito bom estado e o espaço que a rodeia encontra-se limpo. Esta é uma das antas mais conhecidas de Sever do Vouga. Por vezes vêm pessoas de fora realizar piqueniques neste espaço, ou até mesmo em cima da própria anta.

Foi muito bom ter-mos realizado este trabalho, pois algumas de nós não conhecíamos estes locais e deste modo podemos enriquecer o nosso conhecimento sobre o nosso concelho.





#QUEQUES DE MIRTILO

Diana Batista
Sara Domingues

Sever do Vouga e o mirtilo.

O número de produtores de mirtilo em Sever do Vouga foi aumentando de ano para ano. O fruto é pago muito acima dos outros e há a garantia de escoamento, pois não chega para as encomendas. A produção deve quadruplicar nos próximos quatro anos. Como a produção não chega para as encomendas, Sever do Vouga vai continuar a investir no mirtilo, assumindo-se como a capital do pequeno fruto vermelho. A produção actual, que ronda as 120 toneladas anuais, deverá atingir as 419 toneladas em 2014.

De facto o mirtilo é um bem maior para Sever do Vouga, visto que promove a nossa vila, esta já não consegue sobreviver sem o mirtilo, podemos comprovar isso pelo facto de já existir a anual Festa do mirtilo, que é sempre um sucesso.

Para descrevermos este fruto podemos dizer que é um fruto bastante pequeno, mas o seu tamanho esconde a explosão de sabor que transporta dentro dele.

Foi óptimo confeccionar queques com um ingrediente tão nosso, e ficaram realmente deliciosos!



#ECO-PISTA

Pessegueiro - Cedrim

Mafalda Ribeiro

Rita Pereira

Desporto

Razões da escolha: A ecopista de Sever do Vouga representa uma excelente forma de ocupar o tempo livre de cada um de nós. Proporciona boas condições e uma paisagem natural que transmite calma e tranquilidade para a prática de desporto. Foram estas as principais razões que nos fizeram inclinar para esta escolha.

A nossa opinião sobre a ecopista: Partilhamos a mesma opinião – adoramos a ecopista! É, sem dúvida, um local fantástico para passar um bom momento com os nossos amigos, família ou até mesmo sozinhos.

Eu (Mafalda) não costumo ir lá muitas vezes, mas quando vou fico sempre satisfeita com as boas condições que ela me oferece! Já eu (Rita), vou lá quase todos os Domingos para as minhas caminhadas!



#AGRICULTURA EM SEVER

Marlene Pinto
Pedro Martins

Este video ambiciona mostrar o lado rural de Sever do Vouga, pois muita da população deste concelho trabalha os campos, para produzir os mais diversos vegetais alimentares. Podemos observar a importância da modificação humana das terras, contrastante com as encostas verdes de floresta, tornando este concelho único no que toca a património paisagístico.



#EGAS MONIZ & D. AFONSO HENRIQUES

O REENCONTRO.

Marta Bastos

Jéssica Carvalheira

Luis Freitas

«D. Afonso Henriques pode ter origens em Sever do Vouga»

São apontados vários locais como berço do seu nascimento. Terá o rei “Conquistador” nascido em Guimarães? Ou em Viseu? Ou em Ribadouro, concelho de Baião? Ou mesmo em Coimbra? O principal argumento em favor de Guimarães fundamenta-se no peso da tradição, que defende que D. Afonso I nasceu nesta cidade e foi baptizado na pequena capela existente perto do castelo. Porém, está provado documentalmente que esta capela não é do tempo do nosso rei fundador, mas bastante posterior. Viseu, desde que o conceituado historiador local Almeida Fernandes e o emérito professor José Mattoso apresentaram uma tese que considera D. Afonso Henriques como natural daquela cidade, orgulha-se de tal facto e, neste ano de 2009, nos 900 anos do nascimento do rei “Conquistador”, reivindica para si a erecção de uma sua estátua. O referido historiador viseense argumenta, entre o mais, que D. Teresa estaria nas “Caldas de Lafões” (hoje, Termas de S. Pedro do Sul) – o nosso primeiro rei também as frequentou, na tentativa de cura de ferimentos motivados pela queda de um cavalo e onde mandou construir uma piscina, a “piscina de D. Afonso Henriques – e que, numa deslocação a Viseu de D. Teresa, chegou a hora de nascer o seu filho, futuro D. Afonso I. Uma certeza: o grande historiador Alexandre Herculano informa que D. Teresa, na sua ida para aquelas termas, pernitoou num pequeno mosteiro existente em Cedrim, então Cedarim. Quanto a poder ser Ribadouro a terra natal do nosso primeiro rei, tal facto assenta na circunstância, defendida por alguns conceituados historiadores, de Afonso Henriques ter nascido com as pernas aleijadas, debilidade que era contrária aos interesses dos fidalgos portugalenses, ciosos de tornar o condado independente, para tal sendo necessário um rei saudável e fisicamente forte. Para ultrapassar a debilidade do menino, este teria sido substituído por outro, que seria filho do seu “aio”, D. Egas Moniz, a quem fora atribuída a sua “criação” até aos cinco anos. Daí se dizer que o rei teria nascido em Ribadouro, onde vivia Egas Moniz, que era patrono de vários mosteiros na região, entre eles Alpendurada e Paço de Sousa.

Origens em Sever do Vouga

A darmos crédito à tese de o nosso primeiro rei ser filho de D. Egas Moniz, D. Afonso Henriques poderia ter tido origens em Sever do Vouga, concretamente na família dos Figueiredos do Paço da Vala, no lugar da Senhorinha. Isto porque, o padre Alfredo Júlio Soares P. Coutinho Almas, num pequeno livro de 29 páginas, intitulado “Figueiredos e Terras de Santa Maria”, editado em 1930, escreve, na página 18, que o 22.o titular da família do Paço da Vala foi D. Ermígio Muniz de Figueiredo, que se notabilizou – diz o padre Almas – nas guerras travadas com D. Teresa, na luta pela independência do Condado Portucalense, incluindo na famosa batalha de S. Mamede. E como este Ermígio Muniz de Figueiredo, segundo o padre Almas, no mesmo livro, muitos outros fidalgos da mesma família Figueiredo da Senhorinha cometeram importantes actos heróicos, como por exemplo “Gil Eanes Pacheco Pereira de Figueiredo, que dobrou o Cabo Bojador”; “D. Duarte Pacheco Pereira de Figueiredo: foi-lhe atribuída a descoberta do Brasil e não a Pedro Álvares Cabral”; e tantos outros “heróis”...

A Verbo Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura refere, na coluna 1.211 do volume 13, que “desde o princípio do século XI, Egas Moniz e seus irmãos Ermígio e Mendo figuram na corte do conde D. Henrique”.


E, na coluna 1.212 do mesmo volume 13, escreve que D. Afonso Henriques o nomeou “a ele (Egas Moniz) e a Ermígio Moniz seus primeiros mordomos” (chefes dos criados do soberano). Só que o Ermígio citado pelo padre Almas era, além de Moniz, também de Figueiredo: “D. Ermígio Moniz de Figueiredo”. Seriam uma só e a mesma pessoa? Ora, sendo Ermígio Moniz irmão do “aio” Egas Moniz, os seus pais seriam, naturalmente, os mesmos de D. Afonso Henriques, a ser filho de Egas Moniz, seria, também ele, descendente da família senhorial do Paço da Vala, na Senhorinha. E, a considerar-se fidedigna a legenda que os dois brasões do Paço da Vala apresentam à sua volta (excepto na parte superior), onde está escrito “Non nos a sanguine regum venimus at nostro veniunt a sanguine reges”, palavras que, traduzidas à letra, significam: “Nós não viemos do sangue dos reis, mas do nosso sangue vêm os reis”, que o mesmo é dizer que “nós (a família Figueiredo) não derivamos do sangue dos reis, mas os reis é que vêm (provêm, são descendentes) do nosso sangue”.

TAVARES, António Henriques, in Diário de Aveiro, texto com supressões, junho 2009



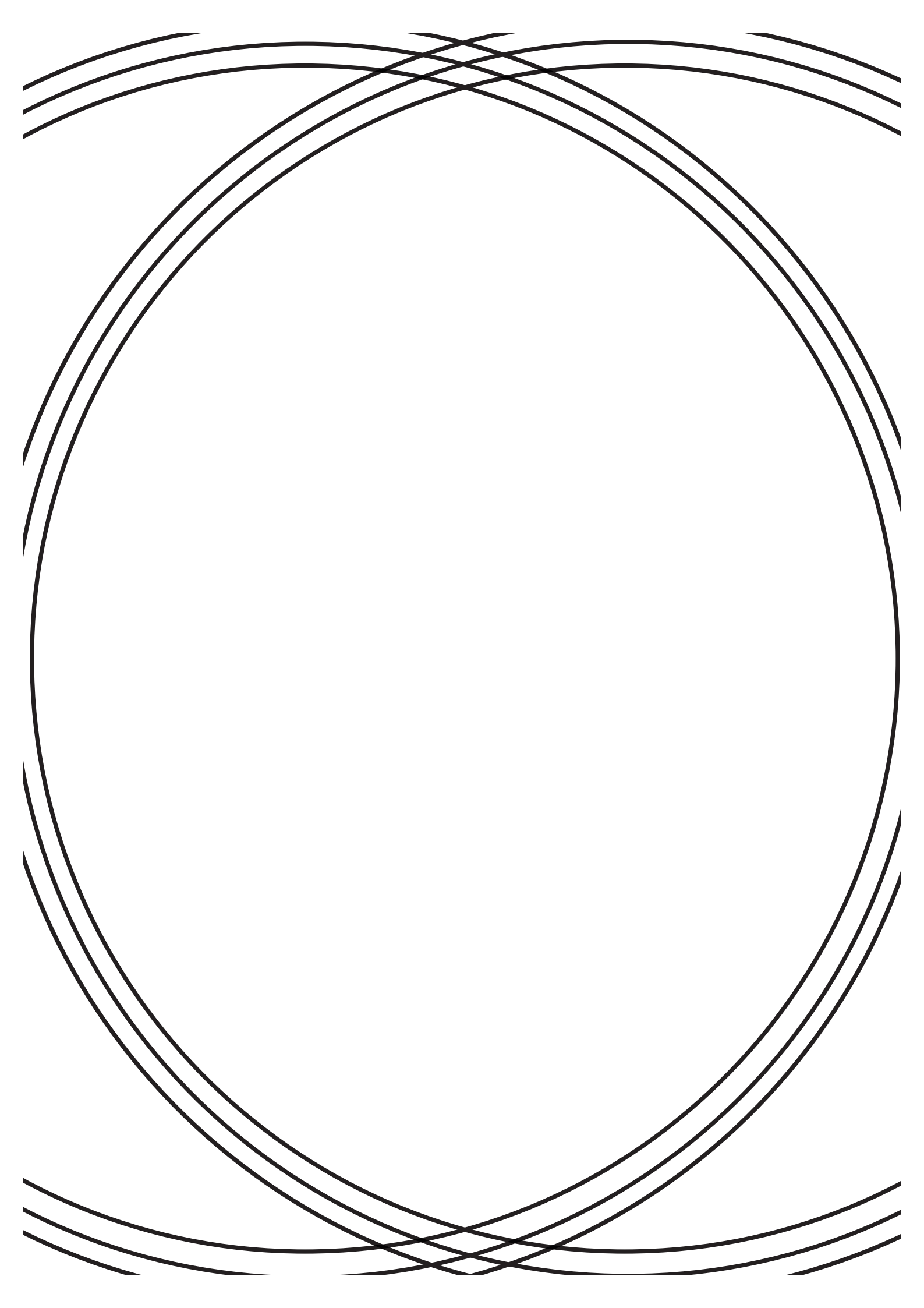
ANEXO 6

Manual de Normas da Marca “Maneiras de Sever”



MANUAL DE NORMAS

Manual de Normas



● Apresentação Projeto

O Maneiras de Sever surge na sequência de uma parceria entre a Universidade de Aveiro e a Fundação de Edite Costa Matos – Mão Amiga, de Sever do Vouga, surgiu a proposta de o Design interagir no Concelho de Sever do Vouga, de modo a responder aos problemas de fraca fixação da população e fraca adesão à cultura de Sever.

Neste intuito, o projeto assenta em dar formação de fotografia, som e vídeo a alunos do 9º, 10º e 11º (respetivamente) do Agrupamento de Escolas de Sever do Vouga, de modo a que estes alunos sejam capazes de olhar para o concelho com outros olhos, e que ganhem um novo sentimento pelo território onde vivem, criando assim ligações ao concelho que os faça voltar um dia mais tarde.

Este projeto tem o nome de “Maneiras de Sever” criando assim uma analogia entre “Sever” e “Se ver”, sendo que este ultimo se refere ao ato de “ver com olhos de ver”, remetendo assim para a profundidade de observação sobre o território que se pretende com o projeto. O projeto culminará com uma exposição anual.





● A Marca

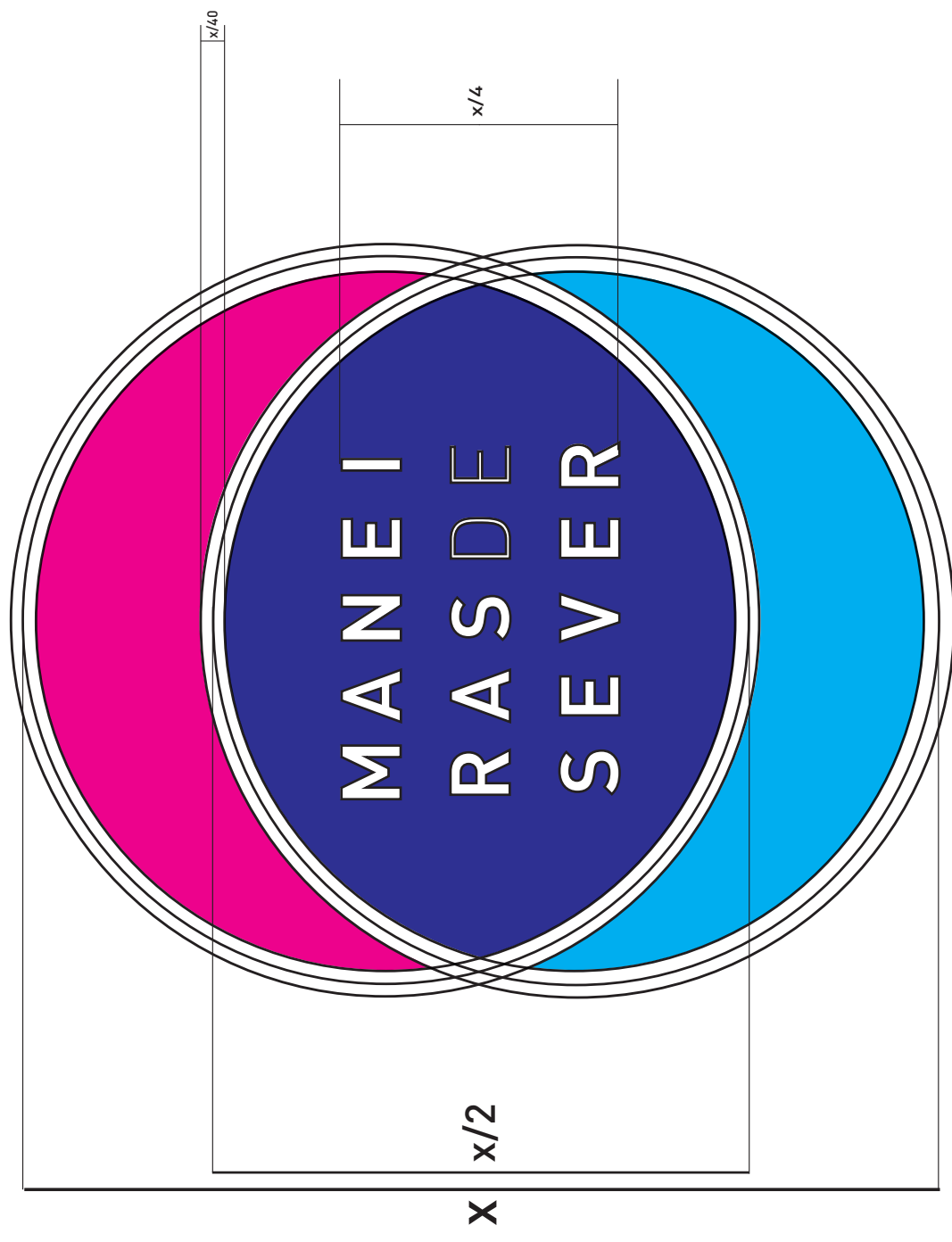
O projeto ir-se-á realizar apenas para o 9º, 10º e 11º anos do Agrupamento. Esta marca Maneiras de Sever, que apresenta dois círculos de cores ciano e magenta, que representam as duas matérias que são faladas nos dois primeiros anos, a imagem e o som, e que se intersectam verticalmente, criando uma área semelhante a um olho, significando não só o “Ver” que tanto se quer com este projeto, mas também a intersecção da imagem e do som, resultando em vídeo, sendo este o trabalho do último ano participante deste projeto.

● As Submarcas

Desta forma, e de acordo com as 3 etapas do projeto, existem 3 submarcas, que vão ao encontro dos temas abordados em cada ano, sendo que para o 9º ano o projeto terá o nome de “Maneiras de Olhar”, o 10º chamar-se-á “Maneiras de Ouvir”, e por último “Maneiras de Saber” que corresponde ao 11º ano. Será, no entanto, oportuno clarificar a origem destes termos, sendo que para os dois primeiros (Olhar e Ouvir) não necessita demasiada explicação, visto que são basicamente os temas abordados nesses mesmos anos – um aluno no 9º ano vai olhar para o Concelho, através de uma máquina fotográfica, e um aluno do 10º ouvirá o Concelho através da captação de sons. Quanto a “Saber”, trata-se de um sinónimo de “Sentir”, visto se quer um verbo com cinco letras, de modo a aplicar em termos gráficos num logotipo. Com este verbo, pode-se entender que ao fim do 11º ano, um aluno que tenha frequentado o projeto nas suas 3 fases, sabe mais sobre o território, e acima de tudo sabe mais no que toca a termos cognitivos ligados às aplicações dadas em cada ano.



● Construção





Cores

Na criação gráfica desta marca, surgiu uma questão em relação ao posicionamento das cores – se o magenta em cima e o ciano em baixo, ou vice-versa; ou seja, ao peso visual da marca. Recorreu-se ao método que Kandinsky utilizava para admitir alunos na Bauhaus, que consistia em relacionar três cores - o Magenta, o Ciano e o Amarelo, com três formas – o Círculo, o Quadrado e o Triângulo. De acordo com a solução correta deste exercício, chegou-se assim à conclusão de que era indiferente a posição, visto que as cores eram equilibradas entre si, não deturpando a leitura da marca.

CMYK

0%
100%
0%
0%

RGB

230
0
126

Pantone

Process Magenta EC
PANTONE 203 EC

100%
100%
0%
0%

49
39
131

Pantone 2746 EC
PANTONE 2705 EC

100%
0%
0%
0%

0
159
227

Process Cyan EC
PANTONE 291 EC

● Tipografia:

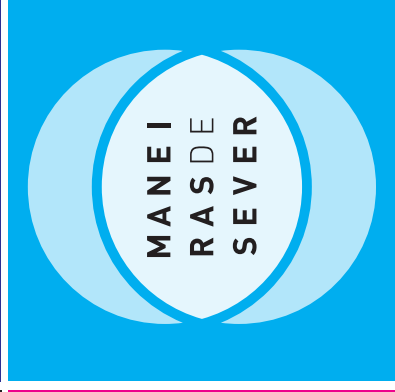
Marca	Complementar	Texto
D i n P r o	Museu	Din Pro
B o l d L i g h t	Slab	Regular

A fonte usada no Marca é a Din Pro, com o peso Bold para o todo o texto, exceto para a preposição essencial “de” que tem o peso Light da fonte, para distinguir do resto do texto.

Quanto às fontes complementares, temos a Museu Slab, que serve essencialmente para os títulos dos trabalhos, e que deve ser sempre acompanhada por duas retas, uma em cima e outra em baixo.

Para o texto, a fonte escolhida é a DINPro Regular, mantendo a ligação com a fonte utilizada no logotipo, e contrastando assim com a fonte utilizada para os menús/títulos.

Variações/Aplicação em Fundos



Template Cabeçalho



#a descoberta

Miradouro Sra da Penha
46763 - Mestrado Design
Pedro Fragoso Lopes

Título do Trabalho

Local/Nome da Pessoa
entrevistada

Nº do Aluno - Turma

Nome do Aluno

● Marca e Submarca

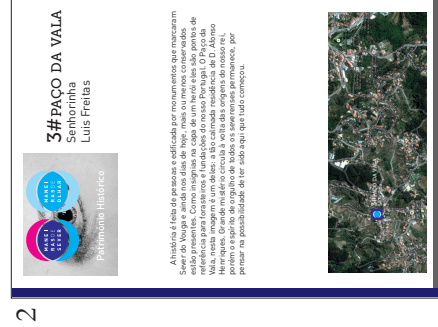
Quanto à aplicação das imagens da marca e submarca, são colocadas lado a lado, com os mesmos tamanhos, visto não haver necessidade de reduzir a submarca devido à marca ter mais cor, e chamar mais a atenção quando estão marca e submarca juntas.



Aplicação nos Trabalhos

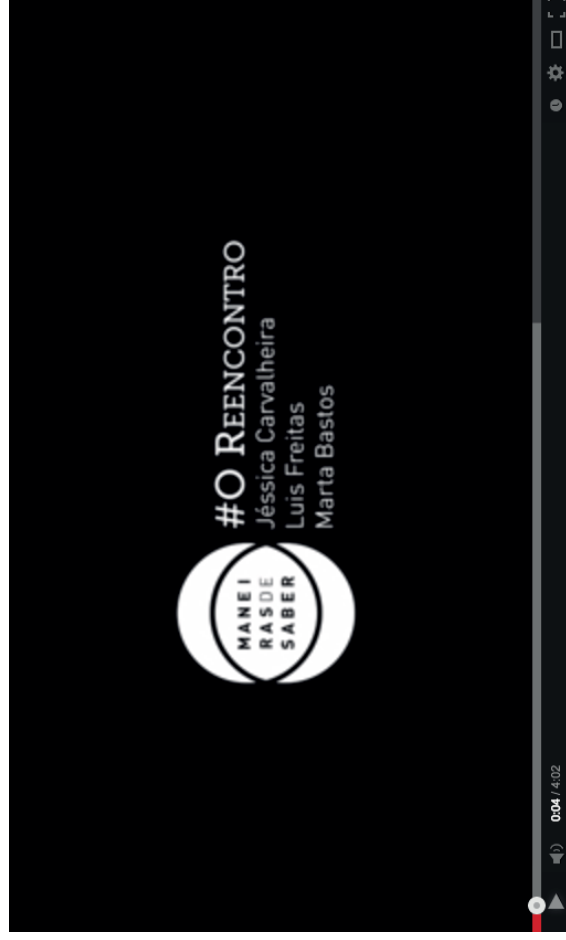


1



2

- 1 - Aplicação em fotografia
- 2 - Aplicação na Ficha técnica (serve para todos os anos)
- 3 - Aplicação no Início do vídeo



3



● Pedro Fragoso Lopes ●

● 46763 ●

● Mestrado em Design ●

ANEXO 7

Inquéritos e Resultados

PRIMEIRO INQUÉRITO AOS ALUNOS

Sumário

32 respostas

Grau de conhecimento sobre o Concelho de Sever do Vouga?

Não conheço nada

1	0	0%
2	1	3%
3	18	56%
4	13	41%
5	0	0%

Conheço tudo

Avaliação das realidades que compõem o concelho de Sever do Vouga.

A importância da indústria?

Pouco Importante

1	0	0%
2	1	3%
3	5	16%
4	15	47%
5	11	34%

Muito Importante

A importância do património natural?

Pouco Importante

1	0	0%
2	0	0%
3	4	13%
4	17	53%
5	11	34%

Muito Importante

A importância da cultura?

Pouco Importante

1	0	0%
2	2	6%
3	1	3%
4	19	59%
5	10	31%

Muito Importante

A importância da história?

Pouco Importante

1	0	0%
2	3	9%
3	1	3%
4	18	56%
5	10	31%

Muito Importante

Avaliação das valências e oportunidades do concelho.

Avalia o concelho em termos de condições para a prática desportiva

Péssimo

1	0	0%
2	1	3%
3	12	38%
4	15	47%
5	4	13%

Excelente

Avalia o concelho em termos de infra-estruturas se suporte à cultura

Péssimo

1	0	0%
2	1	3%
3	16	50%
4	14	44%
5	1	3%

Excelente

Avalia o concelho em termos de condições de apoio ao empreendedorismo.

Péssimo

1	1	3%
2	0	0%
3	24	75%
4	7	22%
5	0	0%

Excelente

No geral, avalia o concelho em termos de oportunidades profissionais futuras

Não há oportunidade de trabalho

1	0	0%
2	9	28%
3	15	47%
4	7	22%
5	1	3%

Há muitas oportunidades de trabalho

Outras e observações e sugestões

É pena. Uma vila com tantas possibilidades apenas dá futuro a quem tem cunhas e não empreende mais nos jovens.

INQUÉRITO FINAL MdS - aos alunos

Sumário

32 respostas

Gostaram de participar neste projeto?

Sim	32	100%
Não	0	0%

Sentem que a vossa percepção sobre Sever do Vouga mudou?

Sim	30	94%
Não	2	6%

Acham que este projeto faz sentido e que deveria continuar nos próximos anos?

Sim	32	100%
Não	0	0%

Sentem mais ou menos orgulho em serem cidadãos deste concelho, após a realização deste projeto?

Mais	25	78%
Menos	0	0%
Igual	7	22%

Voltariam mais tarde, após estudos universitários, e investiriam e viveriam em Sever do Vouga? Se "Não", explicar porquê em "Other"

Sim	31	97%
Não	0	0%
Other	1	3%

O que melhoravam no desenvolvimento deste projeto?



O que correu mal neste projeto?



INQUÉRITO “EXPOSIÇÃO MdS”

Sumário

67 respostas

É de Sever do Vouga?

Sim	60	91%
Other	6	9%

Qual destes locais, apresentados na exposição, não conhecia?

Pedra Moura	24	12%
Cascata da Filveda	36	19%
Miradouro Sra da Penha	15	8%
Dolmen de Cerqueira	12	6%
Rio Alfusqueiro	26	13%
Rio Teixeira	17	9%
Eco-Pista	4	2%
Ponte do Poço de Santiago	5	3%
Pista do Alto do Roçário	10	5%
Solar do Paço da Vala	44	23%

Sente que a exposição reflecte aquilo que é Sever do Vouga?

Sim	58	91%
Não	1	2%
Apenas em alguns pontos	5	8%

Após esta mostra, passará a olhar para Sever do Vouga de outra forma?

Sim	38	58%
Não	6	9%
Talvez	22	33%

Considera pertinente estes projectos que a Fundação de Edite Costa Matos, Mão Amiga tem promovido?

Sim	63	97%
Não	2	3%

Qual a sua opinião sobre a Fundação de Edite Costa Matos, Mão Amiga?



Gostou da Exposição?

Sim	66	100%
Não	0	0%

O que mais gostou na Exposição?



ANEXO 8

Textos dos Alunos

ALUNOS 10º E

No ano letivo anterior, devíamos nós ir a meio, começamos a ver cartazes na escola sobre como poderíamos olhar de uma forma diferente para o que estava em nosso redor. Nunca percebemos muito bem, eram cartazes com uma espécie de mira e olho e depois frases sobre lugares em Sever do Vouga. Chegou o dia em que houve uma palestra, onde apareceu um aluno da Universidade de Aveiro a divulgar o projeto “Maneiras de Sever” e a propor que participemos, também a oferecer encontros onde explicariam como tirar fotos e o seu tratamento, que infelizmente não teve muita participação. Na altura nós como alunos de 9º ano e como turmas da professora Darlene Oliveira foi-nos pedido que fizéssemos um trabalho sobre a nossa terra, podíamos tirar fotos, fazer vídeos, tudo o que a nossa imaginação permitisse. Claro que a maioria só o fez no final do ano e principalmente porque contava para nota e ajudava muitos a subir a nota final. Pelo final do ano ainda havia cartazes na escola, mas já estava tudo muito esquecido já eram pouco os que se lembravam.

Assim, neste início de ano, estávamos nós alunos de Artes, a ter uma aula de desenho quando dizem que alunos da Universidade de Aveiro queriam falar com a professora Darlene, ficamos todos muito curiosos. Na semana a seguir veio uma pessoa já nossa conhecida, o Pedro. Mais uma vez ele explicou tudo, fizemos grupos e distribuímos o trabalho, de forma a que todas as áreas fossem exploradas. Tínhamos apenas quatro semanas para fazer todo o trabalho, mas apenas duas para tirar fotos ou vídeos e as outras duas para proceder a escolha e tratamento das mesmas. Ficamos todos automaticamente entusiasmados, afinal éramos apenas alunos de 10º ano de Artes e os nossos nomes já iam estar numa exposição. Cada grupo se juntou, todos amigos, todos com vontade de trabalhar e divertir ao mesmo tempo a percorrer o nosso concelho, a quase perdermo-nos no meio de montes a procura de coisas, ao frio e ao sol, mas sempre felizes com a ideia de como seria o resultado final.

Depois de todos os materiais recolhidos pensávamos que a partir daquele momento só tínhamos que proceder ao seu tratamento, mas estávamos enganados, a pior parte ainda estava para vir. Para o nosso trabalho tínhamos que fazer um texto, a explicar o que era e qual era a nossa relação com o lugar, por exemplo, ninguém queria fazer, afinal o que haveríamos de escrever eram coisas que nunca tínhamos sequer pensado. Todos estávamos a tentar passar o trabalho para o parceiro mas no final tínhamos que o fazer, no meu caso passei horas a olhar para uma folha do word a pensar no que haveria de escrever e sempre a alterar o que já tinha escrito.

A cada dia que passava ficávamos mais ansiosos, já tínhamos visto o cartaz do programa ia ser fenomenal, dois dias que nunca iríamos esquecer. Ficamos ainda mais empolgados quando o Pedro teve a ideia de fazer t-shirts do projeto, achamos uma ótima ideia, assim não teríamos o projeto “Maneiras de Sever” só guardado na memória teríamos algo que iríamos sempre guardar como recordação. A última semana foi atarefada, principalmente para o Pedro, conseguir arranjar toda a exposição dava muito trabalho, mas ele conseguiu fazê-lo muito bem.

O dia de abertura da exposição tinha chegado, já tínhamos feito tudo o que era possível para partilhar o evento, já tínhamos convencido os nossos amigos para ir, á noite ia haver bandas com colegas nossos e no final havia festa de tomada de posse da associação de estudantes era uma noite completamente planeada. Uma exposição visual e auditiva que mostrava lugares de todo o concelho, lugares que nós habitantes de Sever do Vouga desconhecíamos, muitos apenas tínhamos ouvido falar por alto e que quando descobríamos o quão magníficos eram.

Toda a exposição não era possível sem o Pedro, que conseguiu com que uma comunidade se unisse e trabalhasse em conjunto em que o resultado foi uma maravilhosa exposição.

Resumindo, toda a nossa turma adorou ter participado e adorava fazer parte de mais projetos semelhantes, achamos ter sido uma brilhante ideia terem envolvido a comunidade escolar e que no cartaz para o programa noturno terem colocado bandas da escola. A exposição mostrou o nosso trabalho, se calhar só os vídeos podiam ter sido mostrados de outra forma, e pelo que nos transpareceu não houve muita adesão em alguns eventos do cartaz.

Por fim não podíamos esquecer aquele dia que para nós foi o último, que na quarta-feira seguinte em que nos juntamos todos na sala e desenho e ouvimos o Pedro a discursar, um rapaz simpático com quem todos nos simpatizamos, uma pessoa que nunca iremos esquecer pois fez-nos descobrir coisas sobre a nossa localidade.

ALUNOS 12ºD

Certo dia, apareceu na escola Básica e Secundária de Sever do Vouga, um universitário, chamado Pedro Fragoso Lopes, que juntamente com a Fundação Mão Amiga, nos propôs a participação num projeto designado por “ Maneiras de Sever”.

Este projeto tinha como finalidade dar ao povo Severense mais conhecimentos acerca do seu Concelho e das Freguesias á sua volta.

A turma do 12º ano de Artes Visuais, composta por 10 elementos teve como função a criação de vídeos que incluíam vários temas, desde o Património Natural até à Cultura do nosso povo.

Outra das nossas funções era a participação no Roteiro Auditivo, portanto, para facilitar, foram criados grupos e as investigações foram iniciadas.

A participação neste projeto levou-nos a locais que possivelmente não iríamos em “situações normais” e que provavelmente são desconhecidos para muitos Severenses.

Os dias foram passando e os trabalhos começavam a desenvolver-se e a crescer.

Este projeto ajudou-nos a criar uma maior união entre os elementos da turma, visto que todos se tentavam ajudar uns aos outros e que as “partes cortadas” dos vídeos realizados, nos alegravam os dias.

Tardes passadas na companhia das pessoas que estão connosco todos os dias por locais que nem todos conhecem, com apenas uma Máquina Fotográfica e/ou de Filmar, com muita alegria e brincadeira e com força de vontade.

Em poucas semanas conseguimos realizar trabalhos acerca do local onde vivemos e conhece-lo de uma forma mais aprofundada.

A exposição foi realizada no Centro de Artes e Espetáculos de Sever do Vouga de modo a partilhar o nosso trabalho com o Povo de Severense. Dois dias no qual o Concelho de Sever do Vouga se colocou nas “luzes da ribalta”.

O “Maneiras de Sever” possibilitou-nos não só o conhecimento do nosso Concelho, como também a descoberta das maravilhas do mesmo. Com a ajuda do Pedro conseguimos representar e apresentar o nosso pequeno “Lar”, demonstrando a nossa realidade e o nosso dia a dia.

Com a sua ajuda, também nos apercebemos que apesar de sermos poucos, conseguimos fazer coisas em grande e que com força de vontade e confiança tudo é possível.

Por isso, Pedro, a turma do 12ºD de Artes Visuais agradece-te por nos teres incluído no projeto e também agrade-se a confiança que depositaste em nós.

Obrigado!